

# Rua Sergipe

Patrimônio Cultural  
Londrinense

Leandro H. Magalhães (Org)



# Rua Sergipe

Patrimônio Cultural Londrinense



**Organizador**

Leandro Henrique Magalhães

**Projeto Gráfico, Capa, Fotos Capa, Diagramação**

Rei Santos

**Impressão**

Gráfica e Editora Midiograf

**Tiragem**

1000 cópias

**104 páginas | Agosto 2012**

**Londrina - Paraná**

R82 Rua Sergipe: patrimônio cultural londrinense / organizador  
Leandro Henrique Magalhães. – Londrina: EdUniFil, 2012.  
104 p.

ISBN 978-85-61986-29-2

1. Patrimônio Cultural. 2. Memória. 3. Antropologia Urbana  
Magalhães, Leandro Henrique.

Thais Fauro Scalco | Bibliotecária Responsável - CRB 9/116

# Rua Sergipe

Patrimônio Cultural Londrinense

Leandro Henrique Magalhães *(Org)*

**1ª Edição**

Londrina | Agosto 2012

Patrocínio



Programa Municipal de Incentivo a Cultura

Realização



Apoio



# Sumário

## APRESENTAÇÃO

Rua Sergipe, em Londrina: Um patrimônio sob múltiplos enfoques .....	7
Rua Sergipe: Pequeno Histórico.....	10
Rua Sergipe também tem... Arquitetura.....	22
A Pequena Tóquio na Pequena Londres: Imigração e comércio na Rua Sergipe em Londrina – PR (1930 – 1960).....	42
“Para além da Pedra e Cal”: Histórias e Memórias da Rua Sergipe .....	57
Sergipe, a rua de todas as compras .....	75





### Rua Sergipe, em Londrina: Um patrimônio sob múltiplos enfoques

José Guilherme Cantor Magnani<sup>1</sup>

**O**s textos que compõem a coletânea **Rua Sergipe: patrimônio cultural londrinense** constituem mais uma contribuição do Projeto Educação Patrimonial e do IPAC/Londrina para o registro, reflexão e divulgação do patrimônio cultural desta cidade. Cada um deles enfatiza um aspecto e a leitura do conjunto oferece uma visão, senão da totalidade dos bens que compõem esse patrimônio, ao menos de uma mostra representativa, com ênfase em alguns exemplares bem significativos.

Como seria de se esperar, comparecem a quarta Estação Rodoviária, agora Museu de Arte de Londrina, no capítulo **“Rua Sergipe: pequeno histórico”**, de Leandro Henrique Magalhães que, ademais oferece um interessante contraponto com o Cadeião, objeto de estigma e polêmicas. A Rua Sergipe, propriamente dita, que dá o título à coletânea e é o seu tema central, aparece a partir de

---

<sup>1</sup> Professor Livre-Docente no Departamento de Antropologia na FFLCH – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP – Universidade de São Paulo e Coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana – NAU – USP.

vários enfoques: **“Para além da pedra e cal: histórias e memórias da Rua Sergipe”**, de Ana Maria Chiarotti de Almeida, Sonia Maria Sperandio Adum e Adriana Gomes, traz um histórico dessa rua, situando-a no contexto mais geral da formação de Londrina, com depoimentos e lembranças de antigos moradores.

Em **“A Rua Sergipe também tem... arquitetura”**, Elisa Roberta Zanon focaliza a presença do estilo *art déco* que marca as primeiras décadas da cidade. **A pequena Tóquio na pequena Londres: imigração e comércio na Rua Sergipe em Londrina-PR (1930-1960)**, de Bruno Sanches Mariante da Silva e Daniela Reis de Moraes faz um levantamento do comércio, principalmente de famílias de origem japonesa. E, finalmente, **Sergipe, a rua de todas as compras**, de Ana Cleide Chiarotti Cesário, Grazielle Maria Freire Yoshimoto, Suzana da Silva Ferreira, Diogo Pablos Florian, Fátima Satsuki de Araújo Lino, Rafael Antonio da Luz Sanches e Raniery Parra Teixeira apresenta o resultado de uma etnografia da rua, utilizando as categorias da Antropologia Urbana.

Como bem mostram os autores, a Rua Sergipe foi e continua sendo um emblema, depositário de memória e referência para Londrina; e como diz o título, é parte significativa de seu patrimônio. É interessante notar que, talvez mesmo sem que isso tenha sido um propósito explícito, cada texto tematiza uma das principais qualificações – arquitetônico, histórico, artístico, – que o termo patrimônio foi adquirindo ao longo do tempo, tanto no discurso oficial das políticas de preservação, como das práticas de seus técnicos e do discurso dos teóricos.

O título do capítulo de Ana Maria Chiarotti, Sonia Maria Sperandio e Adriana Gomes faz uma

alusão, por meio de uma consagrada expressão – “pedra e cal” – ao sentido mais consolidado de patrimônio, o arquitetônico, cujo paradigma são as conhecidas edificações do barroco luso-brasileiro. Há, como se sabe, razões políticas e ideológicas para essa escolha; o mesmo se pode dizer da profundidade temporal, expressa no “histórico”, que também qualifica a noção tradicional de patrimônio e lhe impõe limites. Com base numa visão conservadora, Londrina, por exemplo, assim como outras tantas cidades mais recentes, com seus pioneiros, colonos, imigrantes, construções de madeira, teria ficado de fora...

Bem, cabe admitir que, se for levado em conta o “artístico”, qualificativo que também entra nas definições clássicas de patrimônio, a *art déco* da Rua Sergipe e a antiga Rodoviária, hoje Museu de Arte de Londrina, assim como outras edificações modernistas, certamente seriam contempladas. Mas, sim, há arquitetura na Rua Sergipe, que tem sua história e mantém uma particular dinâmica com seus usuários, práticas e usos, tanto os que permanecem na memória de antigos moradores, como os contemporâneos – característica que, na concepção de *imaterial*, completa a lista de atributos do patrimônio.

Existe um recurso que busca englobar toda essa diversidade de aspectos, temporalidades e ênfases e assim superar as dificuldades resultantes dos conflitos entre múltiplos critérios de definição: trata-se da consagrada expressão “patrimônio cultural”. Ainda que esta referência à “cultura” aponte para um plano mais geral, se analisado com cuidado percebe-se ser um expediente mais retórico que conceitual: como se sabe, os debates sobre cultura, não apenas no interior

da Antropologia, são infundáveis, e haveria a necessidade de, cada vez, distinguir filiações teóricas e contextos históricos para evitar uma visão do senso comum; evidentemente, não cabe, aqui, essa discussão. Contudo, há um aspecto positivo, nessa tentativa, que, se não resolve de pronto as múltiplas questões envolvidas, de certa forma aponta para a necessidade de uma maior abrangência e de busca de novos instrumentos para lidar com a questão do patrimônio.

As pesquisas e reflexões que estão na base dos capítulos deste livro constituem um esforço nesse sentido: há uma continuidade de tratamento e diálogo em busca de um melhor entendimento dos diferentes aspectos – arquitetônico, artístico, histórico e imaterial – contidos nesse recorte empírico, a Rua Sergipe, em Londrina. Mas gostaria de destacar um deles, por ser o que se enquadra no mais polêmico, o *imaterial*.

Trata-se da tentativa de recuperar a dinâmica atual dessa rua, mostrando sua vitalidade e diversidade por meio da aplicação de categorias – *pedaço, circuito, mancha, trajeto, pórtico* – acionados para detectar regularidades e padrões. Há certamente, uma continuidade entre a “velha” Rua Sergipe, dos tempos gloriosos da formação da cidade, com suas edificações e atividades datadas – por isso, fonte de representações – e os usos atuais.

Jane Jacobs, no livro *Morte e Vida de grandes cidades* (São Paulo, Martins Fontes, 2000) usa uma interessante expressão – o “balé das calçadas” – para se referir à vitalidade que os múltiplos usos da rua proporcionam e asseguram à dinâmica urbana. Esse aspecto, em termos de patrimônio, corresponderia, de certa maneira, a mais recente forma de adjetivá-lo: patrimônio *imaterial*, pois é

constituído por um conjunto de práticas – lugares de encontro, comportamentos, gestos, ditos, receitas, brincadeiras, festas – algumas efêmeras, outras sem suporte material durável, outras ainda, resultado da conjunção de uma multiplicidade de elementos constitutivos.

Aquelas categorias permitem identificar, em meio ao aparente caos, algumas regularidades que outorgam uma particular identidade a essa rua. Mais que isso, o trabalho de campo realizado identificou ainda, novas categorias “nativas” – o *lugar de pausa*, entre outras – que enriquecem e trazem novas nuances àquele conjunto, já estabelecido, de categorias.

Essa iniciativa evidencia a necessidade de transcender as classificações consagradas e encarar a questão do patrimônio não apenas em sua contemporaneidade, mas também de submetê-la a pesquisas inovadoras, com novas ferramentas e novos enfoques, como o que este livro, **“Rua Sergipe: patrimônio cultural londrinense”** – mais um empreendimento do trabalho coletivo do Projeto Educação Patrimonial e do IPAC/Lda. – realizado, com proveito.

## RUA SERGIPE: PEQUENO HISTÓRICO

Leandro Henrique Magalhães<sup>1</sup>

Os textos a seguir foram produzidos em 2010 para compor o *“Inventário Arquitetônico da Rua Sergipe”* publicado em CD-ROM, contando com a colaboração de Patrícia Martins Castelo Branco e Elisa Roberta Zanon, integrantes do *“Projeto Educação Patrimonial VI: Memórias da Rua Sergipe”*, com supervisão da Diretora de Patrimônio Artístico e Histórico-Cultural da Prefeitura do Município de Londrina, Vanda de Moraes. A pesquisa foi organizada em três temáticas correlacionadas: breve histórico da Rua Sergipe, Museu de Arte de Londrina – MAL e o terceiro, o Cadeião da Rua Sergipe.

### A RUA SERGIPE: As Primeiras Zonas Comerciais

No início dos anos de 1930, a Rua Sergipe em Londrina correspondia ao trecho da área urbana entre a antiga Rua do *Commercio* com a linha férrea São Paulo-Paraná, (atual Rua Jacob B. Minatti, que hoje compõe a conhecida Avenida Leste-Oeste) e Rua *Parahyba* (atual Av. Higienópolis), num percurso de aproximadamente 1200 metros, de acordo com a Planta de Parcelamento do Solo Urbano de Londrina de 1932.

Após 1936, com a abertura da Avenida Higienópolis e o crescimento da malha urbana na

---

<sup>1</sup> Professor do Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Coordenador do Projeto Educação Patrimonial, financiado pelo Programa Municipal de Incentivo a Cultura – PROMIC, de Londrina – PR.

direção oeste, a Rua Sergipe foi estendida até a antiga Rua Antonina, atual Avenida Juscelino Kubitschek. Em seus primeiros anos, o lamaçal em dias de chuva e a poeira vermelha em época de estiagem eram tão inconvenientes que incomodavam os moradores e transeuntes. O desconforto causado pela poeira, que tudo sujava, nem a água jogada pelos caminhões-pipa da prefeitura conseguia eliminar.



Rua Sergipe entre as avenidas Rio de Janeiro e São Paulo, s/ data. Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.

A partir de 1935, foi constituída a primeira zona comercial de Londrina, localizada entre a Estrada de Ferro e a Avenida Paraná, nas imediações das ruas Minas Gerais, Maranhão, Mato Grosso, Bahia, Sergipe, Quintino Bocaiúva e da Avenida Rio de Janeiro, e nos arredores da Praça Marechal Deodoro surgiam as primeiras residências. (GRASSIOTTO, 2003).

A segunda zona comercial estabeleceu-se nas imediações da Praça Willie Davids, na Avenida Paraná, entre as ruas Mato Grosso, Pernambuco e Sergipe. A concentração de atividades comerciais mais sofisticadas nesta área, e a sua proximidade com a atual Praça Willie Davids, local onde se

concentravam as principais funções administrativas e a igreja matriz, as diferenciavam do restante da área central. Já na região entre o antigo pátio ferroviário e a Avenida Paraná, formou-se uma área de uso misto, residencial, comercial e industrial. Somente em épocas mais recentes é que as indústrias foram transferidas para zonas especiais e periféricas.

Atualmente, a Rua Sergipe reúne tanto imóveis comerciais quanto residenciais. No trecho entre as avenidas Duque de Caxias e Higienópolis há a predominância de unidades comerciais, algumas delas com residências nos fundos ou mesmo nos edifícios com atividades mistas. Já entre as avenidas Higienópolis e JK, predominam os imóveis residenciais. Segundo imobiliárias, as unidades centrais são mais disputadas, pois estão próximas ao Terminal Urbano, onde o fluxo de pessoas é grande e movimentado o comércio local. Já o espaço residencial também tem procura, por ser considerada área nobre de Londrina, tendo à sua volta lojas que privilegiam grandes marcas, visando atender o consumidor mais elitizado (ZANON, 2005).



Rua Sergipe no trecho comercial, 2011.  
Foto: Rei Santos

No início, a CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná era responsável pela normatização das construções, o que interveio de forma direta na estruturação do espaço urbano. Um dos exemplos destas intervenções foi a publicação do Decreto 29, em 26 de março 1939, que determinava a proibição da construção de casas de madeira nas principais vias da cidade, ou seja: alguns trechos das avenidas Paraná, Celso Garcia Cid, Duque de Caxias, Rio de Janeiro e São Paulo, e as ruas Tupi, Quintino Bocaiúva, Santa Catarina, Sergipe, Benjamim Constant, Mato Grosso, Minas Gerais e Pernambuco. Este decreto acabou segregando, já que só teriam condições de morar nestas localidades a camada da população que tivesse condições de construir suas residências ou pontos comerciais em alvenaria. A intenção era reordenar e remodelar a fisionomia da cidade, promovendo uma melhoria estética de sua paisagem urbana, substituindo uma “cidade de madeira” por uma moderna “cidade de pedra”. (TAKEDA, 2004).

A Rua Sergipe mantém sua vocação comercial desde suas primeiras edificações. Quando a Avenida Paraná foi fechada ao tráfego para dar lugar ao Calçadão, atividades como paradas cívicas e desfiles carnavalescos foram deslocados para lá, dando impulso ao comércio e revigorando a Sociedade Amigos da Rua Sergipe, que se encarregava da iluminação e ornamentação dessa via, especialmente em épocas natalinas. No final da década de oitenta iniciou-se o incremento de atividades tidas como sofisticadas, tais como pequenos *shoppings*, docerias e, aos poucos, programas culturais na antiga rodoviária, especialmente no trecho entre a Rua Prefeito Hugo Cabral e Avenida São Paulo (INVENTÁRIO,1995).



Historicamente, pelo fato de se localizar em uma área onde se situavam as duas antigas portas da cidade, a ferroviária e a rodoviária, e por estar permeada por hotéis e pensões, a Sergipe consolida-se como via com predomínio de atividades comerciais e se mantém como uma das ruas que concentram maior movimento. Mesmo com a existência de um *shopping center* próximo, é possível encontrar pequenas lojas de *souvenirs* e bazares, com clientela cativa, algumas tidas como marcas registradas da rua (FARO, 2004).

A diversidade étnica também é uma marca da rua: um grande número de comerciantes japoneses concentrou suas lojas na Rua Sergipe, com predomínio para relojoarias e lojas especializadas em materiais fotográficos, muitas se mantendo na localidade até os dias de hoje, chegando a ser denominada de “Rua dos Japoneses”, ou “Pequena Tóquio”. A rua também é um reduto tradicional da colônia libanesa em Londrina, cujos membros iniciaram suas atividades como mascates e hoje são, também, importantes empresários da cidade (OS LIBANESES, 2007).



Reportagem sobre a concentração de comerciantes japoneses na Rua Sergipe. Revista Norte do Paraná, 1963, pp. 1-4. Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.

Em 2010 foi aprovada a Lei Cidade Limpa que normatiza a instalação de engenhos publicitários, o que sem dúvida contribui para melhor visualização e conservação das fachadas históricas existentes no local e que se encontravam cobertas por placas diversas que dificultavam a leitura da arquitetura ali praticada, principalmente aquela de filiação *Art Déco*.

O *Art Déco* surgiu em Londrina na década de 1940 como uma referência utilizada principalmente nas edificações comerciais e em substituição à arquitetura de madeira no uso da alvenaria de tijolos cerâmicos. Hoje muitos destes exemplares londrinenses já foram perdidos. Outros sofreram processos de descaracterização. Algumas construções deste estilo ainda resistem ao tempo na Rua Sergipe, estando, porém escondidos por décadas em razão da ocupação desordenada.



Edificação de esquina com fachada de filiação ao estilo arquitetônico *Art Déco*, 2011. Foto: Rei Santos.

A importância comercial da rua aliada a sua arquitetura levou ao desenvolvimento

de diversos projetos de revitalização (MUSILLI; ABRAMO, 2004): em 1994, foi executado um projeto que afetou a extensão entre a Avenida Duque de Caxias até a Rua Quintino Bocaiúva. Realizada com recursos da Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL), contou com apoio dos comerciantes e estabelecimentos bancários locais. Houve o plantio de árvores, troca de lixeiras, construção de floreiras, instalações de novos orlhões, luminárias, bancos coloridos e piso das calçadas em *petit pavet* (MICHETTI, 1994).

Já em 2005 foi apresentado um projeto da Prefeitura Municipal para revitalização da Rua Sergipe, objetivando transformar o espaço em um lugar mais agradável e atrativo aos investimentos. O primeiro passo seria uma ligação com a Avenida Leste-Oeste, possibilitando o acesso direto com o terminal rodoviário. Outras providências baseavam-se na ampliação de estacionamento, um projeto de sinalização com mobiliário padronizado e a adoção da uniformidade das fachadas das lojas. No entanto, este projeto não foi adiante.

Atualmente, há um movimento denominado “Nova Sergipe” que tem à frente diversas instituições públicas e privadas, objetivando apresentar um novo projeto de revitalização para a rua. Além disso, está concretizada a cessão em comodato do antigo Cadeião para a FECOMÉRCIO, que tem a responsabilidade de restaurá-lo e implantar no local um SESC-Cultura.

Aliado ao empenho da revitalização da Rua Sergipe em Londrina, a sexta edição do “Projeto Educação Patrimonial VI: Memórias da Rua” foi desenvolvido nos anos de 2010 e 2011, com o objetivo de realizar um levantamento histórico e uma série de atividades voltadas à temática

da rua, como cursos e eventos de capacitação e disseminação de idéias, publicações, conceitos e práticas para a valorização do patrimônio. O projeto foi viabilizado com o patrocínio do Programa Municipal de Incentivo a Cultura - PROMIC, supervisão da Diretoria de Patrimônio Histórico-Cultural do Município de Londrina e apoio do Centro Universitário Filadélfia - UNIFIL.

---

### **MUSEU DE ARTE DE LONDRINA: Pequeno Histórico** A Antiga Rodoviária...

O prédio do Museu de Arte de Londrina está localizado na Rua Sergipe, 640, tendo sido construído originalmente para abrigar a quarta rodoviária da cidade. O primeiro ponto para viagens rodoviárias era num barracão de madeira, na esquina das ruas Minas Gerais e Maranhão, em frente a atual Praça Willie Davids. Ficava a lado do escritório da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), onde hoje se encontra o Cine Teatro Ouro Verde. Assim, ao desembarcar em Londrina o visitante, trabalhador ou comprador de terras já encontraria o escritório da CTNP.

Não se sabe precisar a data de sua inauguração, porém, considerando-se o período de ocupação da cidade, da abertura de suas primeiras ruas e das primeiras estradas que a ligavam a outras localidades e, considerando também que a primeira empresa de transportes coletivos, Heim & Garcia Ltda. (atual Viação Garcia Ltda.) foi constituída em janeiro de 1934, é provável que a primeira rodoviária de Londrina tenha sido inaugurada em 1931 ou 1932 e que tenha funcionado até meados de 1934.

O aumento do fluxo de pessoas para a cidade exigiu a construção de uma nova rodoviária: maior, em alvenaria, com plataforma vazada, mais adequada para o embarque e desembarque de passageiros. Foi chamada Estação Rodoviária Heim & Garcia, erguida praticamente em frente a que existia, na Praça Willie Davids. Sobre a data de inauguração desta segunda rodoviária também há dúvidas, sendo provável que tenha sido em meados ou final de 1934.

Na sequência, uma terceira rodoviária foi construída na atual Praça Primeiro de Maio, no local onde hoje é a Concha Acústica. Segundo opiniões da época, em termos de edificação, a terceira rodoviária pareceu um retrocesso em relação à segunda, pois o prédio voltou a ser uma construção de madeira, de tamanho pequeno. Além da empresa Heim & Garcia, outras começaram a explorar os transportes coletivos, como a Jardim e Vergílio (precursora da Viação Ouro Branco) e a Empresa Silva. Talvez a entrada de novas empresas tenha forçado a mudança, afinal a rodoviária anterior (construída por uma única empresa) se auto-intitulava Heim & Garcia e a nova não exibia nenhum letreiro. Também não se tem com precisão a data de inauguração desta terceira rodoviária.

No final da década de 1940, acompanhando o aumento da população, o fluxo de passageiros e a demanda por serviços de transportes coletivos (e cargas), no auge da produção cafeeira, a Arquitetura Moderna é adotada como um símbolo de enriquecimento e modernização da cidade de Londrina. Dentro deste contexto, na gestão do Prefeito Hugo Cabral, os engenheiros-arquitetos Carlos Cascaldi e Vilanova Artigas são convidados para projetar uma nova estação

rodoviária da cidade, trazendo inovações na forma e na estética, acompanhadas por especulações tecnológicas criativas, o que acaba por conferir à obra características sem similares na época. A inauguração da nova estação rodoviária ocorreu em 1952. Projeto inovador dos arquitetos Carlos Cascaldi e João Batista Vilanova Artigas, a quarta estação rodoviária inseriu Londrina na arquitetura modernista e virou referência no país e no exterior. As superfícies envidraçadas do projeto valorizavam a visão da paisagem urbana da cidade.



Vista da antiga Estação Rodoviária, voltada para a Rua Sergipe, década de 1950. Acervo Museu Histórico Pe. Carlos Weiss, Coleção Foto Estrela.

## Um novo capítulo em direção ao Museu de Arte de Londrina

No ano de 1974, o conjunto Estação Rodoviária – Praça Rocha Pombo foi tombado pela Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná através do Tombo Histórico nº. 52, processo nº. 53/74 (primeiro edifício da fase modernista a ser



tombado no interior do Brasil) foi desativado em 1988, dando início a uma discussão com a comunidade sobre a sua utilização.

Nos anos de 1970, com a decadência da cafeicultura, as cidades do interior no norte paranaense, entre elas Londrina, sofreram com o êxodo populacional da área rural em direção aos grandes centros. Com o aumento do fluxo de passageiros, a quarta estação rodoviária ficou pequena para atender a demanda, o que culminou na sua desativação em 1988 e transferência da função para a nova Estação Rodoviária na antiga Vila Matos.

A idéia de reutilizar a edificação para um museu de arte surgiu no final de 1989, sendo oficializada através de um projeto de restauração elaborado pelos arquitetos e professores da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Antonio Carlos Zani e Jorge Marão C. Miguel.

A inauguração do Museu de Arte de Londrina ocorreu em 13 de maio de 1993. No dia, houve a primeira exposição, com um acervo inicial de cerca de setenta obras e teve como principal atração, a escultura “A Eterna Primavera”, de Auguste Rodin.



Vista do Museu de Arte de Londrina | Foto: Rei Santos, 2011.

Para adequar o espaço à nova realidade, houve mais algumas reformas. No ano de 1997 foi feita mais uma adequação para as instalações do museu com recursos da SAMALON – Sociedade Amigos do Museu de Arte de Londrina. Em 1999 o Museu de Arte de Londrina passou por uma reforma que durou quatro meses para disponibilização de três novos serviços: Biblioteca de Arte, Reserva Técnica e Videoteca. A reforma foi viabilizada também através dos esforços da Sociedade dos Amigos do Museu de Arte de Londrina (SAMALON).

Atualmente, está em fase de elaboração o projeto de restauro do Museu de Arte de Londrina, além do processo em andamento no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, visando o tombamento do prédio em nível nacional.

---

### **“CADEIÃO” DE LONDRINA: Pequeno Histórico “Cadeias” na Terra da Promissão**

Já na década de 1930 Londrina atraiu forasteiros de diversas partes do Brasil e do mundo. O intenso fluxo de pessoas e o desenvolvimento urbano teve como consequência a necessidade de cuidado com a ordem e os bons costumes, especialmente por se tratar de um empreendimento privado, em fase de consolidação.

É neste sentido que a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) indica ao então presidente da Província do Paraná, Caetano Munhoz da Rocha, o nome de João Wanderlei, que seria mais tarde o primeiro presidente do legislativo londrinense,

para ocupar o posto de Inspetor de Quarteirão. Também vinculado a CTNP, assumiria o cargo de sub-delegado de Londrina Carlos de Almeida, ocupando-o entre os anos de 1931 e 1938. Manter a ordem fazia parte do negócio.

A cidade crescia a um ritmo acelerado. O café, também conhecido como o Ouro Verde, atraía ainda mais pessoas para a cidade, gente que chegava à cidade sonhando com a riqueza que brotava nos cafezais. A ordem pública seria de certa forma, abalada com o progresso: posseiros, jogatinas e prostituição tornaram-se alvo daqueles que defendiam a manutenção dos bons costumes e a tranquilidade de uma cidade do interior. Visando atender esta necessidade, Aquiles Ferreira Pimpão assume a delegacia de Londrina, em 1938, transferindo a cadeia pública da Rua Mato Grosso esquina com Rua Maranhão para a Rua Sergipe.

A segunda cadeia de Londrina era feita em madeira e possuía uma construção frágil, que possibilitava fugas, levando a construção da terceira cadeia da cidade (Cadeião), no lugar onde antes estava a delegacia de madeira, provavelmente no ano de 1943, seguido de uma reforma efetuada em 1953 e uma ampliação em 1963.

### **O Cadeião de Londrina e suas marcas**

Com o decorrer dos anos, o Cadeião passou a parecer um “queijo suíço” devido a grande quantidade de túneis e buracos cavados por detentos no piso, nas paredes e no teto. Os números das fugas por si só, são mais do que suficientes para demonstrar a precariedade da cadeia na cidade. O prédio foi construído para abrigar cerca de 50 detentos e, na época de sua desativação, abrigava

quase 200, muitos deles de alta periculosidade que deveriam estar cumprindo pena no Presídio Central do Estado ou na Colônia Penal Agrícola. Era possível ainda conversar com os presos, já que as janelas de algumas celas estavam voltadas para a Rua Brasil.



Cadeião em dia de visitas.  
Foto: Roberto Brasiliano.  
Acervo Folha de Londrina, 14 de outubro de 1993, p.5.

No seu tempo de funcionamento, o Cadeião recebeu diversos adjetivos, como panorama do inferno e pior cadeia do Paraná. Em 1993 foi desativado, sendo os presos transferidos para a Penitenciária Estadual de Londrina e o local serviu como depósito de objetos apreendidos pela polícia.

O município realizou permuta do local com o Estado. O prédio da cadeia ficou com o município que, por sua vez, cedeu o terreno da penitenciária de Londrina e uma gleba de terras na Avenida 10 de Dezembro com o compromisso do Estado de construir lá a sede da 10ª Sub-delegacia Policial (SDP), Instituto de Criminalística e Instituto Médico Legal (IML), o que não ocorreu até o presente momento. Entretanto, em 1994, o governador Roberto Requião e o Secretário de Segurança José Tavares decidiram

derrubar o Cadeião, pretendendo construir ali o IML e o Instituto de Criminalística. Segundo Tavares, não era coerente deixar de pé “um marco que somente trouxe tristeza à cidade”.

A Secretaria Estadual de Justiça queria a demolição, marcada para o dia 28 de março de 1994, mas foi impedida por um grupo de estudantes do curso de Arquitetura da Universidade Estadual de Londrina (UEL).



Manifestação pública para impedir a demolição da antiga cadeia pública.  
Foto: Roberto Brasileiro.  
Acervo Folha de Londrina, 29 de março de 1994 – Caderno Paraná, p.1.

## Um Prédio sem Função?

As primeiras investidas contra o prédio da antiga cadeia pública foram assistidas por uma platéia com opiniões divididas. Foi preciso um cordão de isolamento da polícia militar para que os operários comesçassem o trabalho. O então Chefe do Departamento de Arquitetura da UEL, Marcos Barnabé, que chegou a se posicionar a frente da pá carregadeira para evitar a derrubada do muro, defendeu a participação da população para opinar sobre o destino do prédio.

Como parte do grupo que defendia a demolição do prédio estavam parentes de presos que cumpriram pena na velha cadeia da cidade. Antonia Maria de Paiva acompanhou a tentativa de demolição “Meu filho ficou preso nesta cadeia e está com o corpo queimado por causa de um princípio de incêndio em um dos cubículos. Sou a favor da destruição do prédio”. Dalvina Rezende contou que seu irmão ficou detido por quase dois anos nesta cadeia e ficou internado em um manicômio. “Ele foi maltratado e espancado. Este prédio só causa más recordações. Tem que ser derrubado”. Porém, antes da transferência, o Cadeião ficou aberto para visitaçao, para que a população o conhecesse.

Depois do período polêmico envolvendo a demolição do edifício, alguns projetos de revitalização foram propostos. As mudanças sociais, econômicas e espaciais muitas vezes demandam que alguns locais mudem sua função para atender às novas necessidades que surgem, pois se tornam obsoletos.



As paredes do prédio desativado ainda têm marcas da antiga cadeia pública.  
Foto: Marcos Zanutto.  
Acervo Folha de Londrina, 05 de setembro de 2008, p.3.

Em 1993, quando o governador Roberto Requião esteve em Londrina para inaugurar a Escola Oficina no Conjunto João Paz (Zona Norte), anunciou um projeto para construção de uma praça no lugar do Cadeião. Segundo o mesmo, “será um lugar para o lazer, ao lado de onde funciona atualmente esta infame delegacia de Londrina”.

Em 1994, segundo registros houve a iniciativa de um projeto de transformar o Cadeião em um *shopping* de artesanato. No lugar das celas seriam construídas pequenas salas comerciais para venda de artesanato, obras artísticas, discos, roupas, banca de revistas e prestação de serviços.

Em 05 de abril de 1995, a Folha de Londrina publicou uma pesquisa sobre qual seria o melhor destino para o Cadeião: das 600 pessoas entrevistadas, 73% preferiam a demolição (destes, 31% optaram pela construção de um Instituto de Criminalística, 27% uma escola para policiais civis, 25% uma praça e 17% um mini-*shopping*). Mesmo as pessoas que optaram pela não demolição do prédio, a maioria aceitava a ideia de reforma, mesmo que resultasse em alteração de suas características originais. Somente 5% desejavam a manutenção sem alteração.

Em 1996, um projeto de um grupo de artistas independente chamado “Efêmeros e Perpétuos” previa um movimento envolvendo todas as áreas culturais aproveitando o material existente no cadeião, como pinturas, colagens, grafitegens nas paredes e até antigos varais onde os presos penduravam suas roupas, desde que não alterassem as instalações do antigo Cadeião.

Em 2001, o então governador Jaime Lerner em visita à cidade trouxe uma nova promessa

para revitalizar o espaço. O projeto previa a construção de um auditório de música, o que não foi realizado.

O espaço foi utilizado ainda para ser cenário da peça “Apocalipse 1.11”, do Grupo Vertigem, de São Paulo, encenada no FILO - Festival Internacional de Teatro de Londrina, em 2002, e de um documentário de seis minutos sobre sua história, denominado “Nem todos que estão são, nem todos que são estão”, produzido em pelo projeto Oficinas Kinoarte, sob a coordenação do cineasta Kiko Goifman. Em 2010 foi cenário de mais uma produção da Kinoarte, intitulado “Galeria”, documentário dirigido por Evelyssa Sanches, que obteve o Prêmio de Melhor Montagem no 1º Festival de Cinema de Petrópolis (RJ) e Melhor Documentário da Mostra Alternativa do 9º Festival de Guaíba (RS).

Ainda em 2010, no dia do aniversário de Londrina (dez de dezembro), foi oficializada a cessão em comodato do antigo Cadeião para a FECOMÉRCIO - Federação do Comércio do Paraná, que tem a responsabilidade de restaurar a antiga edificação juntamente com a proposição de um novo espaço anexo, e a partir disso dar nova função ao local: a criação de um SESC-Cultura.

Em 2012 foi elaborado projeto arquitetônico onde foram preservadas as principais características do prédio e até o fim deste ano a obra deve ser licitada.

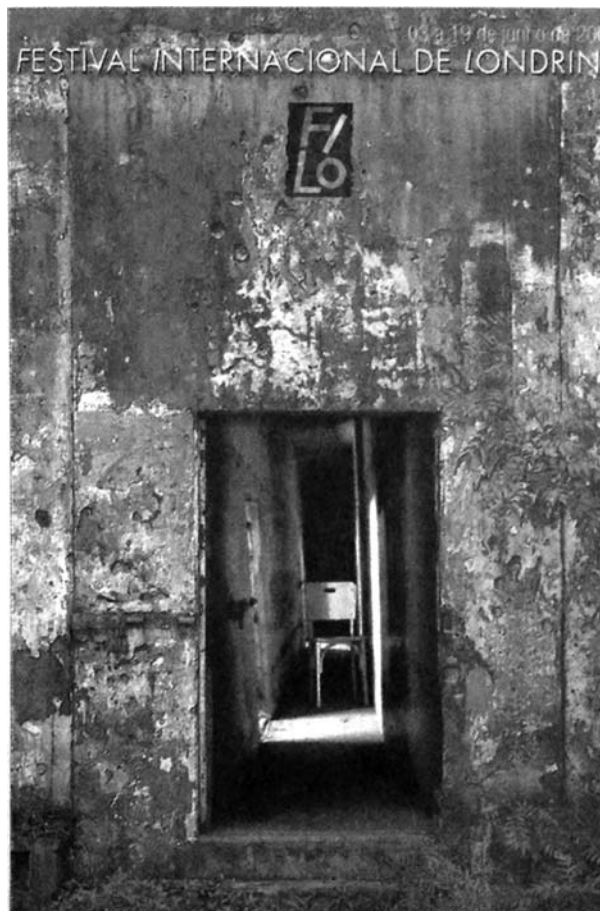


Imagem de um dos acessos da antiga cadeia pública que serviu de tema para o cartaz do FILO – Festival Internacional de Londrina no ano de 2005.  
Foto: Carlos Bozelli | Acervo Folha de Londrina, 05 de junho de 2005 – Folha 2, p.1.



## REFERÊNCIAS

AS CADEIAS de Londrina. **Folha Norte**, Londrina, Nossa História, 17 a 23 nov 2007, p. 4.

BONI, Paulo César. **Fincando estacas!:** a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004.

BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso:** memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

CASTELNOU, A. **Arquitetura londrinense:** expressões de intenção pioneira. Londrina: A. Castelnuo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Panorama geral da arquitetura Londrinense.** 1996. Trabalho de pesquisa apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Estudos Superiores de Londrina – CESULON, Londrina.

EVASO, Alexander Sérgio. A refuncionalização do espaço. **Experimental**, n. 6, p. 33 – 54, mar. 1999.

FARO, F. R. Do barro vermelho ao comércio intenso. **Folha de Londrina**, Londrina, Caderno Especial, 27 jun 2004, p. 14.

FILHO, Marinósio. **Dos porões da delegacia de polícia.** Londrina: Canadá, 1979.

GAZOLLI, Jair. Londrina reabre seu museu. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 27 mar. 1998, Caderno Geral, p. 19.

GRASSIOTTO, M. L. F.; GRASSIOTTO, J. A. A atividade comercial e sua relação com o urbano: o exemplo de Londrina. **Semina:** Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 24, p. 101 – 120, set. 2003.

INVENTÁRIO E PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL DE LONDRINA. **Memória e cotidiano:** cenas do Norte do Paraná: cenas que se recompõem. Londrina: MEC. SESU, 1995.

LIVORATTI, Pedro. Protesto não pára demolição da cadeia. **Folha de Londrina**, Londrina, Caderno Londrina, 29 mar 1994, s/n.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. Centros históricos – mercantilização e territorialidades do patrimônio cultural urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2005. p. 8.175 – 8.190.

MENEGHEL, Stella. Município renova promessa de revitalizar antigo cadeião, **Jornal de Londrina**, Londrina, Caderno Cidade, 15 jul 2009, p. 5.

MICHETTI, E. Rua Sergipe quer ficar mais bonita. **Folha de Londrina**, Londrina, Caderno Cidade, 16 mar 1994, s/p.

MUSILLI, C.; ABRAMO, M. A. **Londrina puxa o fio da memória.** Joinville: Letradágu, 2004.

MUSEU ganha ala com três novos serviços. **Jornal de Londrina**, Londrina, 02 mar. 1999, Caderno Variedades, p. 3B.

NOGUEIRA, Áureo. Cadeia de Londrina não segura ninguém. **Folha de Londrina**, Londrina, Caderno Reportagem, 21 jun 1992, p. 16.

OS LIBANESES da Rua Sergipe. **Folha Norte**, Londrina, Caderno Nossa Gente, 3 a 9 de fev 2007, p. 4.

PESQUISA tardia revela: cadeia deve cair. **Folha de Londrina, Londrina**, Opinião Popular, 05 abr 1994, p. 02.

PISSININI, Suzi. Artistas querem usar prédio do cadeião. **Jornal de Londrina**, Londrina, Caderno Cidade, 10 ago 1996, s/n.

SANTIN, Wilhan. Cadeião: o “inferno” abandonado no centro. **Folha de Londrina**, Caderno Cidade, 05 set 2008, p. 03.

SERGIPE, a velha porta da cidade. **Folha de Londrina**, Londrina, Memória & Cotidiano, 02 jun 1989, p. 18.

SUZUKI, Juliana. **Artigas e Cascaldi**: arquitetura em Londrina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

TAKEDA, M. **As transformações da área central de Londrina**: uma outra centralidade. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.

UMA praça no lugar da velha cadeia. **Folha de Londrina**, Londrina, Caderno Paraná, 29 abril 1993, p. 5.

ZANON, Érika. Rua Sergipe deve passar por revitalização. **Folha de Londrina**, Londrina, Caderno Classificados, 16 out 2005, p. 15.

VASCONCELOS, Gustavo Bruski. Londrina pioneira e sua paisagem jardim. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2., 2009, Londrina. Anais. Londrina: UEL, 2009. p. 1.368 – 1.376.

ZORTÉIA, A. J. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida**. São Paulo: Juriscredi, 1975.

## A RUA SERGIPE TAMBÉM TEM... ARQUITETURA

Elisa Roberta Zanon<sup>1</sup>

Na publicação do Jornal Paraná Norte de 11 de janeiro de 1942, volume 8, página 3, pode-se ler:

A RUA SERGIPE TAMBÉM QUER...

A Rua Sergipe, onde também o trânsito é intenso, está sendo afogada numa verdadeira nuvem de pó, que tudo obscurece, estraga e inutiliza e, como aquela rua é também uma... rua, de fato e de direito, anda com inveja das outras que gosam do serviço de irrigação e pede ao ilustre Prefeito tratamento igual as mais afortunadas.<sup>2</sup>

Assim como as demais localidades, a população de Londrina, na década de 1940, exigia tais benfeitorias de pavimentação na Rua Sergipe, uma reivindicação comum já que a cidade vivia um período de muita construção e o início da provisão de infraestruturas urbanas. A década de 1940 é emblemática para a compreensão da história da arquitetura em Londrina. No cenário nacional, este decênio marca também uma fase representativa da produção da arquitetura moderna brasileira.

Em Londrina, as datas memoráveis da fundação em 1929 e emancipação político-administrativa em 1934 estão relacionadas a algumas das características que se acentuam na década de 1940, principalmente pela presença das diferentes etnias com o crescente contingente

populacional, o que intensificou uma grande demanda por edificações, que além das residências, cita-se o comércio já em vários ramos, os prédios administrativos e até mesmo a construção dos espaços de lazer.

Ao se estudar a produção arquitetônica em Londrina, identificam-se aspectos significativos como a influência dos centros de difusão, a cidade de São Paulo, Rio de Janeiro e outros, através dos meios de comunicação como postais, livros, revistas e jornais ou mesmo pelo contato que os novos moradores mantinham com parentes e em relações comerciais ou ainda pela presença de profissionais ligados a construção civil que traziam em sua bagagem o repertório arquitetônico da época.

Com a consolidação da ocupação urbana na área central de Londrina ao longo dos anos, observa-se que, na Rua Sergipe ainda há edificações que pelas concentrações são distintas das décadas de 1940, 1950 e 1960. Enquadram-se nesta produção as influências do *Art Déco* e da Arquitetura Moderna com o atual Museu de Arte de Londrina (antiga Estação Rodoviária), de autoria de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi.

Este capítulo é resultado de pesquisas realizadas nos anos de 2010 e 2011 pelo PROMIC – Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina, tendo como objetivo coletar e sistematizar informações quanto às fachadas das edificações no trecho comercial da rua, uma extensão de aproximadamente 1200 metros, constituído por 20 quadras com 96 lotes, 3 praças e 2 monumentos históricos: conjunto Museu de Arte de Londrina – Praça Rocha Pombo e o antigo Cadeião. As principais fontes de consulta foram: Cadastro Imobiliário da Prefeitura do Município de Londrina, Museu

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista, com especialização em Teoria e História da Arte, mestranda em Geografia: Dinâmica Espaço Ambiental pela Universidade Estadual de Londrina e atual docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Filadélfia.

<sup>2</sup> Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss/ Centro de Documentação e Pesquisa Histórica/CDPH-UEL.



Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, Biblioteca Pública Municipal Professor Pedro Viriato Parigot de Souza, CDPH – Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina e Acervo da Folha de Londrina.

## A RUA SERGIPE

A Rua Sergipe “nasce” com a implantação da cidade de Londrina pela CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná, no final dos anos de 1920 e início de 1930. Na Planta de 1932, a Rua Sergipe correspondia ao trecho da área urbana entre a Rua Jacob B. Minatti, conhecida como Avenida Leste-Oeste (antiga Rua do *Commercio* com a linha férrea São Paulo-Paraná) e Avenida Higienópolis (Rua *Parahyba*). Tinham-se como referências espaciais a primeira estação ferroviária ao norte e a Igreja de madeira (atual localidade da Catedral), a Estada do Sertão e a sede da Companhia de Terras subindo na direção sul.

Desde então, esse percurso definiu a vocação comercial da Rua Sergipe em razão da proximidade com as atividades administrativas e institucionais do início de Londrina.

Após 1936, com a abertura da Avenida Higienópolis e o crescimento da malha urbana na direção oeste, a Rua Sergipe foi estendida até Avenida Juscelino Kubitschek (antiga *Rua Antonina*), sendo que este trecho da rua tornou-se característico pela predominância da atividade residencial.

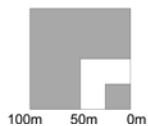
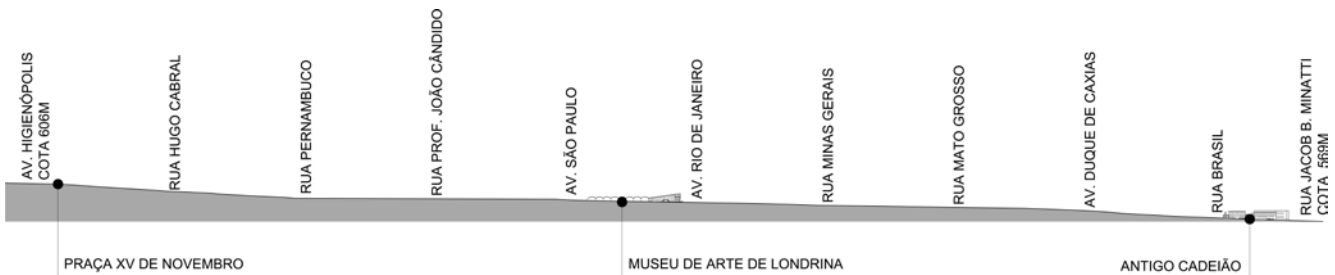
No trecho estudado, algumas das características da rua foram identificadas:

**I. Quadras quadradas.** A área central de Londrina possui um parcelamento do solo regular. A disposição das quadras em malha xadrez tende ao formato de quadrados. Os lotes, são retangulares e preenchem as quadras com suas testadas no menor lado.

A “planta azul” de Razgulaeff traz ampliado no canto superior direito, uma quadra padrão com suas dimensões detalhadas (...) possui 105m no sentido Norte Sul e de 115m no sentido Leste Oeste, sendo subdividida em 20 lotes. (YAMAKI, 2003, p 12).



**II.Caminho suave.** Embora exista a imposição do conjunto da malha ortogonal ao relevo do sítio urbano, a Rua Sergipe está posicionada paralelamente às curvas da topografia, subindo lentamente em direção ao ponto mais alto, o espigão à oeste, no cruzamento com a Avenida Higienópolis.



NORTE

PERFIL ESQUEMÁTICO DA RUA SERGIPE

PROMIC 2011-171

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL VII: EDUCAR PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL

**III. Sem os recuos.** É comum ver na Rua Sergipe prédios construídos ao longo do limite dos lotes com as calçadas, ou seja, no alinhamento predial, seguindo inclusive o mesmo ângulo das esquinas, uma prática habitual aplicada às ruas comerciais nas primeiras décadas da cidade de Londrina.



Construções ao longo do alinhamento predial.  
Foto: Rei Santos, 2011.

**V. Vai-vem dos transeuntes.** A intensidade do comércio e da prestação de serviços faz da Rua Sergipe uma das principais referências espaciais em Londrina, principalmente aos sábados e vésperas de datas comemorativas. Mas ao cair da noite, aos domingos e feriados, quase não se vê pernas pra lá e pra cá.

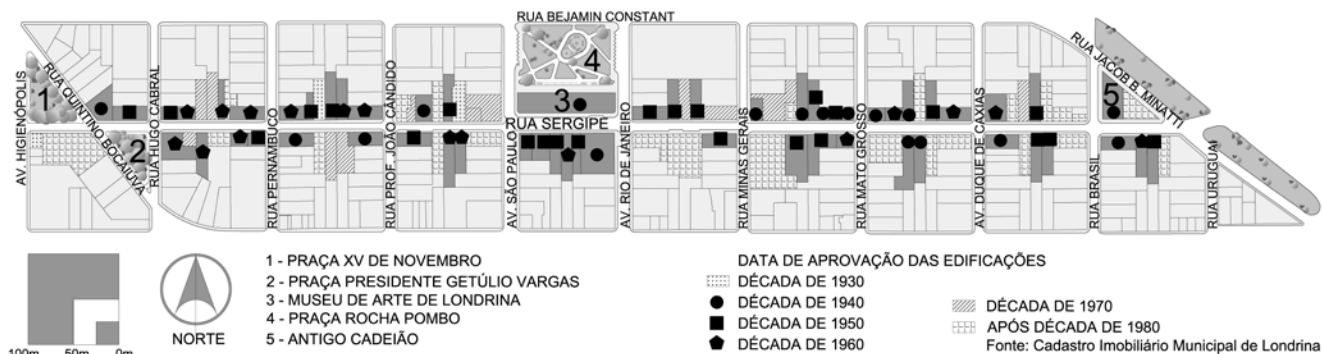


Intensidade do comércio e de pessoas.  
Foto: Rei Santos, 2012.

**IV. Visuais de horizontalidade.** Na Rua Sergipe é predominante o baixo gabarito das edificações, indo de 2 a 3 pavimentos. No entanto, podem-se apontar algumas torres nessa linha visual, com os edifícios Tóquio, Badan, Ohara e Marissol que chegam até 16 pavimentos.



**VI. Linha do tempo.** No trecho comercial da Rua Sergipe destaca-se edifícios construídos nas décadas de 1940 a 1960, um patrimônio de interesse histórico em plena atividade. Dentre molduras, frisos, largas janelas e pastilhas nas fachadas das edificações, podem ser identificados alguns destes exemplares.



PROMIC 2011-171 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL VII: EDUCAR PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL

◀ Visuais de horizontalidade da Rua Sergipe. Ao fundo o Edifício Ohara.  
 Foto: Rei Santos, 2011.

## ART DÉCO: UM PROTOMODERNO

É no contexto de meados do Século XX, período de ebulição das vanguardas históricas, das primeiras obras da arquitetura moderna, dos idealismos políticos, dos avanços tecnológicos da indústria e nos anos entre as duas grandes guerras mundiais, que o *Art Déco* é apresentado como um estilo moderno de vida urbana.

Assim como o *Art Nouveau*, que de certa forma antecede o *Art Déco*, ambos representam uma quebra na hegemonia dos estilos clássicos e históricos do ecletismo e se mostram como uma opção alternativa ao academicismo preconizado na época.

Embora estes estilos estejam longe de serem considerados movimentos artísticos pela ausência de uma doutrina teórica unificadora com manifestos e paradigmas bem definidos, como afirmam Conde e Almada (2000), há que se compreendê-los pela importância para a formação dos preceitos do modernismo, principalmente, por estes serem difundidos e reproduzidos além dos limites de seus países de origem.

De acordo com Unes (2001) há duas datas que tratam do surgimento do *Art Déco*. Primeiramente, o evento de 1925 em Paris (França), intitulado *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*, como o lançamento formal ao público de um conjunto de manifestações artísticas, sem no entanto, ser proposto como uma doutrina teórica. E a segunda data, que somente em 1966 adota-se oficialmente a denominação *Art Déco*.

O termo *art déco* aparece...apenas em 1966, em uma mostra retrospectiva, *Les Années 25*, no *Musée des Arts Décoratifs* de Paris. Nessa mostra foram lembrados os diversos estilos do período entre-guerras, *De Stijl*, *Bauhaus*, *Deutsches Werk*, entre outros, buscando-se evidenciar os elementos que uniram essas diversas tendências, o que acabou por firmar o conceito de *Art décoratif*, ou simplesmente *Art Déco*. (UNES, 2001, p.27).

Ao se buscar definições para o *Art Déco*, Conde e Almada (2000), descrevem o estilo em palavras-chave: arte; decorativo; internacional; industrial; moderno por estar associado aos arranha-céus, automóveis, aviões, cinema, rádio, música popular, moda; e por fim, um estilo dito cosmopolita. Ainda, os mesmos autores identificam 4 fases do estilo *Art Déco*: I) formação e manifestações embrionárias até 1925; II) lançamento ao público, divulgação mundial e expansão entre 1925 e 1930; III) consolidação e apogeu entre 1930 e 1940; e IV) ocorrências tardias de 1940 a 1950.

Para Castelnou (2002) o estilo *Art Déco* surge do conflito entre o pensamento moderno de valores socialistas e os regimes autoritários. Nasce do mesmo berço que a arquitetura moderna, pois concorda com a adoção de materiais industrializados e inspiração na geometria, porém, discorda da supressão de decorativismo e valorização plástica das superfícies. Tido como um modernismo "adocicado", o *Art Déco* constituiu-se na simplificação e geometrização do *Modern Style* francês, vindo de encontro ao gosto burguês, que se contrapunha aos ideais puristas da vanguarda moderna. Dentre outras definições e argumentações que atestam o *Art Déco* característico por sua fugacidade e transitoriedade, Segre (1991)

afirma que a importância do estilo, está na sua função mediadora, intermediária, inserida ao mesmo tempo nos parâmetros da estética da máquina sem renegar os supostos valores universais da cultura clássica. Nesse contexto, buscam-se inspirações exóticas, numa arte não-ocidental, especialmente da África, como Egito e extremo oriente.

O mundo industrial podia gerar um marco desumano e esqualido para os trabalhadores, porém a mais-valia do capital devia se evidenciar com novos símbolos recuperadores de uma história, em que civilizações antigas, em sua própria dinâmica cultural, tinham-se aproximado da conjugação da simplicidade estrutural com a complexidade ornamental. (SEGRE, 1991, p.109).

O *Art Déco* tornou-se uma moda consumida pela alta burguesia, que ao ser amplamente difundida pelos meios de comunicação e sua facilidade de reprodução, também alcançou os níveis populares. Esse gênero artístico, uma vez incorporado à vida cotidiana nas cidades, correspondeu a uma arte da “Era da Máquina”, representado em diferentes formas de expressão, como na pintura, escultura, cenografia de cinema, moda e publicidade, sendo suas maiores contribuições relacionadas à arquitetura e ao design. Em suma, a reprodução do estilo *Art Déco* pelo mundo, ainda que facilitado por diferentes meios de acesso, encontra um amplo público adepto a esta estética que mantinha o tratamento ornamental de “modo moderno” e sem ser tão radical como os pressupostos puristas das vanguardas do início do século XX.

No Brasil, o *Art Déco* tem maior recorrência nos anos de 1930 e 1940, que coincide com o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930 a 1945), marcado pelas reformas sociais e do autoritarismo

político, um período de instabilidade agravado pela II Guerra Mundial (1939 a 1945). É também o início do processo de industrialização e de valorização da cultura brasileira através da construção de uma identidade nacional. Para Conde e Almada (2000), a arquitetura *Art Déco* e sua variante marajoara no Brasil também podem ser chamadas de protomodernas, como as primeiras expressões da arquitetura modernista. “Em vez de ruptura, houve mutação lenta e imperceptível, produzida por protagonistas até hoje quase anônimos.” (CONDE & ALMADA, 2000, p.14).

Atualmente, o distanciamento temporal mostra que a arquitetura *Art Déco* esteve mais próxima do movimento modernista e situada deveras, como uma produção de passagem, ou melhor, uma arquitetura de transição, o que, no entanto, esta não é uma afirmação unânime, já que o período também correspondeu à simultaneidade de referências e manifestações artísticas de base histórica: neogótico, neonormando, neocolonial, neoclássico, etc.

Embora existam divergentes pontos de vista sobre o caráter propositivo do estilo *Art Déco* é consensual a observação sobre a imagem personalizada desta arquitetura na cidade. Várias são as características que podem servir para identificar estes exemplares no meio urbano. Dentre estas, a **monumentalidade** marca uma impressão visual gerada a partir da composição plástica maciça da edificação com articulação de volumes geometrizados, o que em edificações de pequeno porte, o aspecto monumental ainda é perceptível pelo escalonamento vertical de três partes compositivas que são destacadas pelo tratamento específico da base, corpo e coroamento.



Demais códigos formais da arquitetura *Art Déco* ainda podem ser reconhecidos: **disposição simétrica** da edificação com **acesso centralizado**, valorização da esquina e varandas semi-embutidas. Outra particularidade é a sucessão de superfícies curvas com formação de ângulos suaves, tendendo a sinuosidade ou ainda o aerodinamismo, sendo esta também chamada de *streamline*, muito comum em hotéis e demais edifícios da atividade turística em Miami Beach – EUA, a maior concentração da arquitetura *Déco* do mundo, reconhecido pela especificidade como *Tropical Déco*, um patrimônio marcante por sua arquitetura de tonalidades marinhas.

O senso moderno atribuído a arquitetura *Art Déco* está aludido à ascensão do mundo industrial do início do século XX e o emprego da tecnologia em concreto armado. O seu amplo uso em sistemas estruturais, assim como elementos pré-fabricados tornaram-se comuns, principalmente em arranha-céus, indústrias e edifícios comerciais de lojas e de escritórios. Portanto, o desenvolvimento da tecnologia da construção e sua produção em série foram cruciais na difusão do estilo e o estabelecimento das bases da Arquitetura Moderna. Todavia, o *Art Déco*, também inclui materiais de revestimentos, como granito nos embasamentos, mármore, vidro colorido, bronze, cromo e outros nobres, somados a uma policromia exterior que, segundo Unes (2001), tendiam a tons pastéis como rosa-flamingo, verde-água e amarelo, além das cores de contraste nos detalhes.

Em termos decorativos é destacável a presença de ornamentos quase sempre em alto e baixo relevo. Sendo o adorno um dos atributos do estilo *Art Déco*, pode-se dizer que houve certa

correlação de base com o *Art Nouveau* francês, porém, de modo estilizado, “o *Déco* abandonou as curvaturas livres e a espontaneidade em favor de um design mais geometricamente ordenado” (CASTELNOU, 2002, p. 35). Além da ortogonalidade dos adereços na edificação, de acordo com Conde e Almada (2000), tornou-se recorrente na arquitetura *Art Déco* brasileira a influência indígena como busca de nossas raízes, com motivos decorativos geométricos e labirínticos inspirados na cerâmica marajoara da Ilha de Marajó (Pará), bem como representações em relevos do índio, flora e fauna amazônica. Também era habitual a integração do estilo com a tipografia publicitária, principalmente em edifícios residenciais e comerciais, como na cidade do Rio de Janeiro: Itahy, Ipu, Itaoca...

Por último, mas não de forma simplista, a arquitetura do estilo *Art Déco* no Brasil, esteve atrelada a atividades urbanas específicas. Citam-se os edifícios comerciais e de prestação de serviços como agências bancárias, postos de combustíveis e aeroportos; sedes do poder político, como prefeituras e câmaras municipais; cinemas e demais edificações ligadas a centros de cultura; e prédios residenciais de habitação coletiva.

### **Influências da arquitetura *Art Déco* em Londrina: a Rua Sergipe**

Nos anos seguidos a fundação da cidade de Londrina, a produção arquitetônica é resultado das referências trazidas pelos primeiros construtores e do material disponível: a madeira. Após o prolongamento da ferrovia até



as cidades recém-fundadas pela CTNP, demais materiais também passaram a ser empregados nas edificações. Da mesma forma que em outras cidades no Brasil, é possível identificar em Londrina os períodos em que houve maior influência de determinadas arquiteturas. Assim, chegaram de início, o ecletismo de bases neoclássicas e históricas, associado ao poder econômico do café; e o estilo *Art Déco*, característico pelo jogo geométrico nas fachadas de prédios comerciais e de uso misto.

Esse estilo representava uma opção estética em substituição da arquitetura em madeira da cidade, principalmente nas edificações comerciais, uma vez que, na arquitetura das mansões dos senhores do café, a preferência recaía na arquitetura eclética, de múltiplas fontes de inspiração. (CASTELNOU, 2002, p. 69).

O caráter assumido de estilo dos tempos modernos com adereços, fez do *Art Déco* uma referência do gosto popular. Em Londrina, tal ressonância arquitetônica foi tanta que se tornou um programa básico para toda edificação comercial, geralmente de 1 a 3 pavimentos, construída em alvenaria e já se previa a aplicação dos frisos e molduras.

A influência do *Art Déco* foi tamanha que muitas obras londrinenses começaram a apresentar traços de uma arquitetura racionalizada, como fachada recortada, contornos em frisos e geometrização das aberturas, além da platibanda ocultando o telhado em águas. (CASTELNOU, 2002, p. 82).

Embora sejam reconhecidos os elementos característicos da arquitetura *Art Déco*, principalmente o relacionado à concepção volumétrica da edificação, nota-se que a adoção deste estilo por vezes, ficou restrita a um fachadismo.

Apesar de alguns autores defenderem a existência de uma arquitetura plenamente art déco, reconhece-se que as maiores expressões desse estilo se deram no tratamento das fachadas. De fato, num país tropical como o Brasil, onde a maior parte das atividades se realiza ao ar livre, a fachada tem papel mais relevante que os interiores. Assim, o tratamento mais cuidadoso das fachadas se justifica por se tratar do local de maior visibilidade do edifício. (UNES, 2001, p. 36).

Entretanto, há que considerar outros condicionantes que foram determinantes para essa produção limitada as fachadas. Faz-se necessária uma breve comparação da aplicação de leis que regulamentam a ocupação da edificação no lote. Em Londrina, as vias que nascem com vocações comerciais como a Rua Sergipe, Avenida Paraná, Avenida Rio de Janeiro, dentre outras prevaleceu a prática da “rua corredor”, ou seja, os recuos de frente e laterais são dispensados para melhor aproveitamento da testada comercial, o que por consequência resta somente a fachada do plano marginal a via pública para receber o devido tratamento, sem muitas opções para avançar na proposta volumétrica, exceto as edificações de esquina ou aquelas privilegiadas pelos distanciamentos junto as praças. Nos antigos Códigos de Obras de algumas cidades brasileiras, as regras sanitárias exigiam afastamentos, de modo que os edifícios ficassem livres em suas quatro faces, o que de certa forma, conferia maior liberdade projetual, como destaca Wolney Unes ao tratar da identidade art déco na cidade de Goiânia (GO).

Ainda com relação à fachada como plano de comunicação direta aos olhares do público, é nessa interface com os logradouros que se vê a expressividade do *Art Déco*, uma arquitetura em trâmite com a urbanidade, diferente do atual processo de introspecção do habitat.

Em Londrina, dentre os exemplares remanescentes dessa arquitetura, a relação com o passeio é imediata através dos balcões que avançam sobre as calçadas ou mesmo a marquise que oferece uma proteção, por vezes mínima, aos visitantes da rua.

Sacadas e balcões não apenas constituem-se em importantes elementos da composição volumétrica, mas também adquirem características decorativas na fachada, tornando-se em parte praticamente indispensável do edifício déco. (UNES, 2001, p. 42).



Balcão sobre passeio público.  
Foto: Rei Santos, 2011.

Assim, a platibanda deve-se também ao destaque. Trata-se de um prolongamento da parede do último pavimento e que estabelece o coroamento da edificação. No *Art Déco* acrescentam-se por vezes molduras e apliques como um tipo de arremate no desenho da fachada. Atrás dessa platibanda há a cobertura de vários caimentos em telhas cerâmicas, usual nas construções em madeira neste mesmo período. Muitos desses telhados eram dotados de soluções engenhosas dos carpinteiros, porém não à mostra. As lajes planas já experimentadas na Arquitetura Moderna ainda não eram tão usuais nesse processo de construção em Londrina.

Ao olhar do observador logo abaixo da edificação, a platibanda cria uma sensação de “ausência de telhado”, um aspecto moderno.



Platibanda observada logo abaixo da edificação.  
Foto: Rei Santos 2012.



Platibanda observada com distanciamento da edificação.  
Foto: Rei Santos 2012.

Outros modos de ver a geometrização como característica da filiação do estilo *Art Déco* em Londrina são: jogo de molduras, apliques e adereços e gradis.

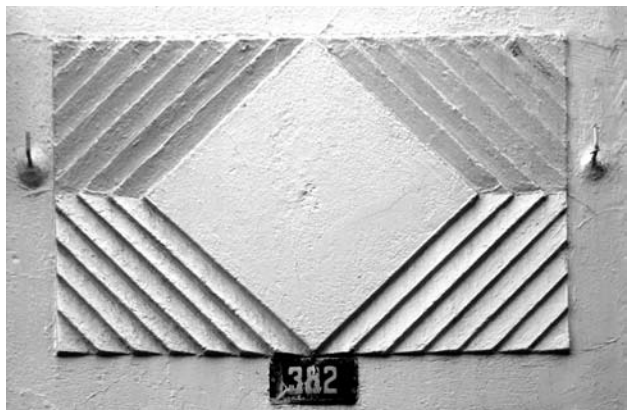


Jogo de molduras.  
Foto: Rei Santos, 2011.

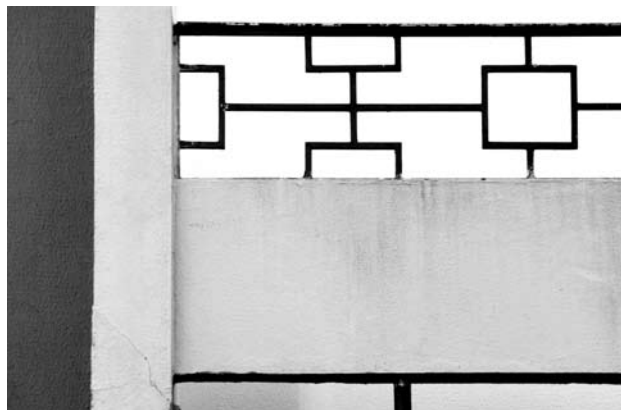
Observam-se também motivos geométricos nos gradis, colocados em portões e portas, principalmente no acesso aos pavimentos superiores da edificação.



Apliques e adereços geométricos na fachada.  
Foto: Rei Santos, 2011.



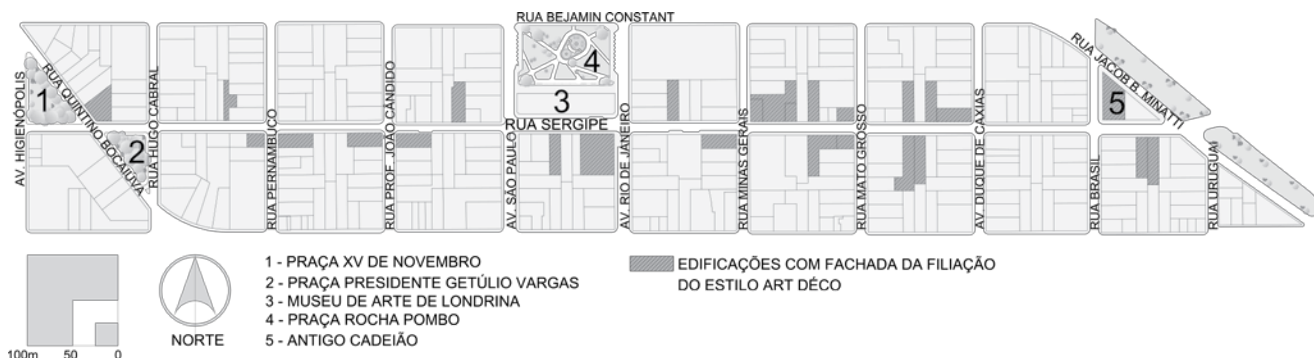
Apliques formando desenhos em alto-relevo na fachada.  
Foto: Rei Santos, 2011.



Geometria dos gradis.  
Foto: Rei Santos, 2011.

Embora a filiação ao estilo *Art Déco* tenha sido uma constante na paisagem das primeiras décadas da cidade de Londrina, como se vê em fotos da época, esse traço foi sendo apagado em substituição a uma arquitetura da verticalização. É fato que na área central e em alguns pontos, ainda se podem identificar esses exemplares.

No trecho comercial da Rua Sergipe, algumas edificações ainda persistem, a maioria construída nos finais dos anos de 1940 e década de 1950, mantendo inclusive as atividades de origem, sendo estas comerciais. Até mesmo a antiga cadeia pública de Londrina, o “cadeião” da Rua Sergipe, localizado no cruzamento com a Avenida Leste-Oeste, traz em sua arquitetura de aparência sólida alguns elementos da influência do estilo *Art Déco*.



PROMIC 2011-171

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL VII: EDUCAR PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL



**QUADRA 07 - LOTE 01**

FACHADA RUA SERGIPE

FONTE: EQUIPE DE PESQUISA, PROMIC 2010

ESCALA GRÁFICA

0m 1m 3m 5m



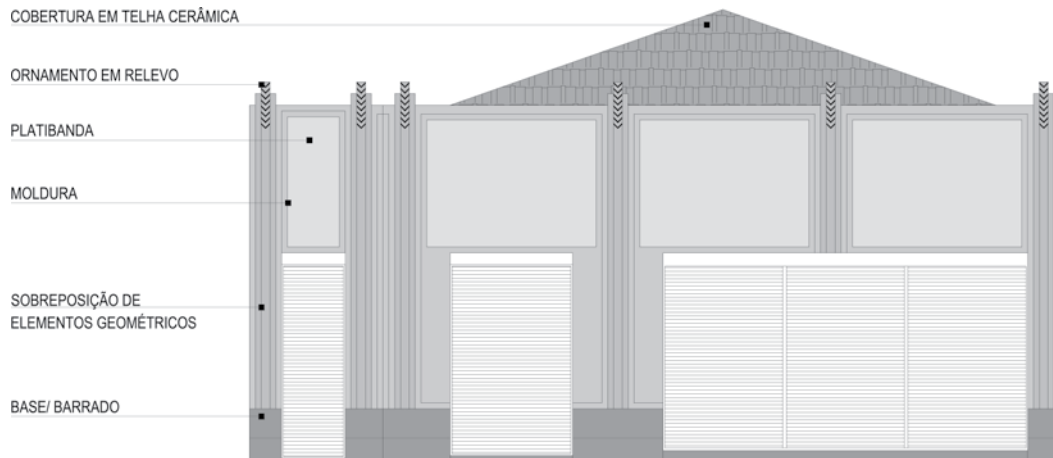
## QUADRA 01 - LOTE 08

FACHADA RUA SERGIPE

FONTE: EQUIPE DE PESQUISA, 2010

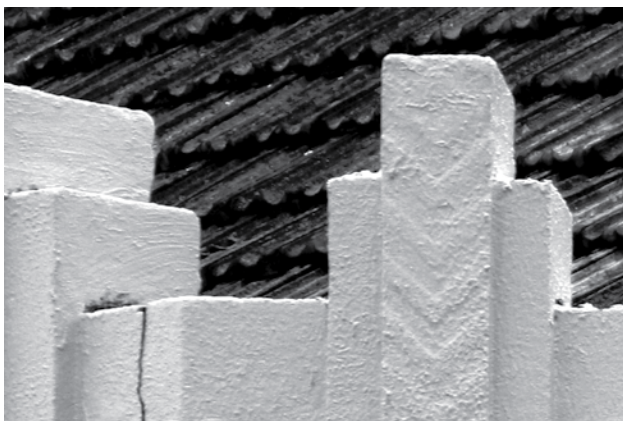
ESCALA GRÁFICA





QUADRA 02 - LOTE 11A  
 FACHADA RUA SERGIPE  
 FONTE: EQUIPE DE PESQUISA, 2010

ESCALA GRÁFICA



Detalhe: ornamento em relevo.  
 Foto: Rei Santos, 2011.



Detalhe: apliques e molduras na fachada.  
 Foto: Rei Santos, 2011.



## O MODERNO CHEGA A LONDRINA PELA RUA SERGIPE

De modo singular, o desejo da sociedade local pela modernidade produzida nos grandes centros urbanos trouxe a Londrina profissionais que contribuíram para a construção da paisagem e que, notavelmente, estes exemplares se inserem na história da arquitetura moderna no Brasil.

Esse patrimônio arquitetônico londrinense refere-se ao conjunto das obras de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi nos anos de 1950, que de acordo com Suzuki (2011) somam 12 projetos entre construídos e não construídos, sendo públicos e privados.

A arquitetura de Artigas e Cascaldi em Londrina possibilita a análise de um impressionante e coeso conjunto arquitetônico, seja do ponto de vista físico, uma vez que as obras distam apenas algumas dezenas de metros entre si, seja de linguagem, que consolida sua adesão ao movimento moderno racionalista. (SUZUKI, 2003, p. 24)

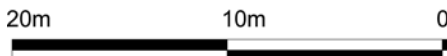
Do conjunto de edifícios construídos na área central de Londrina por Artigas e Cascaldi, o emblemático prédio da antiga Estação Rodoviária (1948 –1952), atual Museu de Arte de Londrina está localizado na Rua Sergipe. Com o impulso da produção cafeeira, o contexto do final dos anos de 1940 mostra um cenário em construção tanto pela expansão da cidade e preenchimento dos lotes urbanos ainda vazios quanto pelo processo já de substituição das primeiras casas em madeira pelas “de material”, ao passo que também já se destacavam os primeiros arranha-céus.



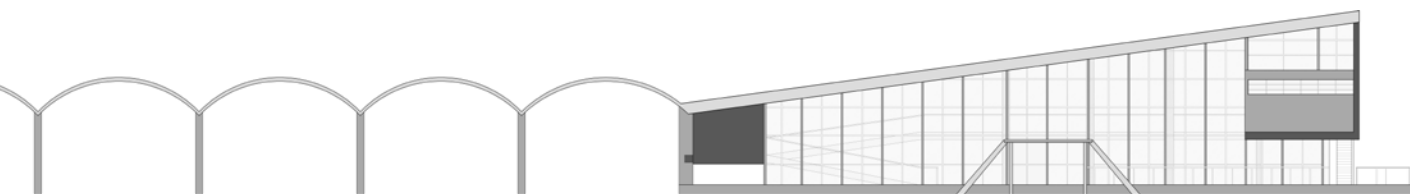
### ANTIGA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA FACHADA RUA SERGIPE

FONTE: EQUIPE DE PESQUISA, 2010/ BASE SUZUKI, 2003

ESCALA GRÁFICA







## A - ATUAL MUSEU DE ARTE DE LONDRINA

25m

A influência da arquitetura moderna foi manifestada não somente na esfera erudita e nas obras públicas de grande porte. Também entre as camadas populares, elementos do repertório modernista proliferaram em residências de todos os padrões: de habitações de elite, situadas em áreas nobres da cidade, como a já citada Avenida Higienópolis e o Jardim Shangri-lá, até em bairros da periferia. Trata-se de um fenômeno que é o reflexo da busca pela imagem de modernidade, a demonstração de que se estava atualizado com as últimas novidades das grandes capitais. (SUZUKI, 2011, p. 44).

Demais obras de Artigas e Cascaldi construídas concomitantemente e situadas nas imediações, como a antiga Casa da Criança (1950 – 1955) e o Complexo Edifício Autolon (1948 – 1951)/ Cine Ouro Verde (1948 – 1952) também mostram as características dos pressupostos da arquitetura moderna, vistas num primeiro momento com estranheza, mas que nos anos seguintes foram envolvidas por outros prédios de fisionomia vertical e com referências a produção do modernismo.



Vista da calçada da Rua Sergipe e de um dos acessos para a Estação Rodoviária.  
Ao fundo o Edifício Tóquio, s/d.  
Foto: Autor desconhecido | Acervo Museu Histórico Pe. Carlos Weiss.

Deve-se considerar que o discurso e as bases da arquitetura moderna já estavam bem formados ao findar da terceira década do século XX, porém, é somente após a II Guerra Mundial que há maior aceitação e tornando-se, por fim, uma linguagem incorporada às obras públicas, como também amplamente nos setores privados. Isso se deve pela difusão de ideias que expandiram o círculo restrito da Europa, e que, além das revistas, a presença de arquitetos estrangeiros estimulou largamente a produção dessa nova arquitetura.

O fim da guerra, a migração de vários dos mestres europeus modernos para os Estados Unidos e outros países do mundo e as urgências da reconstrução europeia confirmam a expansão de sua influência e, de fato, passa a ocorrer uma aplicação experimental massiva e extensa dos ideais da arquitetura moderna de origem europeia, tornando-a quase que subitamente a tendência predominante da arquitetura mundial – senão pela efetivação de seus postulados de cunho socializante e reformista, ao menos pela realização de suas propostas formais e construtivas. (BASTOS e ZEIN, 2010, p. 23).

Tal aceitação também se deve ao fato de que o racionalismo preconizado pelo movimento moderno em concordância com a tecnologia do concreto armado e demais elementos pré-fabricados iam de encontro com um programa de necessidades de grandes edifícios, fossem esses institucionais ou mesmo as torres de escritórios.

No Brasil, a assimilação dos pressupostos da arquitetura moderna ocorreu no período entre guerras e conforme Bastos e Zein (2010), no imediato pós-Segunda Guerra já havia uma primeira geração moderna que se encontrava em processo de consolidação de uma tradição moderna, principalmente pela realização de várias obras notáveis.

Publicações e críticas da época foram importantes para cativar um público ainda incerto da força da arquitetura moderna brasileira o que, de certa forma, contribuiu para a construção da identidade nacional. A coleção de fotos da exposição *Brazil Builds* (1943-1945), organizada pelo MoMA (*Museum of Modern Art*) de Nova York com comentários de Philip L. Goodwin trouxe confiança aos arquitetos brasileiros perante aos demais países de produção da arquitetura moderna, diga-se Estados Unidos e França, como mostra o texto de Mário de Andrade, publicado na Folha da Manhã, São Paulo em 23 de março de 1944, de acordo com Xavier (2003).

Por fim, ao se correlacionar o período da produção do conjunto de obras da arquitetura moderna em Londrina e a discussão do enraizamento deste movimento na esfera nacional e demais países têm-se com essa simultaneidade o estabelecimento de suas bases de referência na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sergipe é uma rua em que se encontra um pouco de tudo da cidade de Londrina. Vai-se do “Cadeião”, antiga função prisional localizada nas imediações onde passava a linha férrea, diga-se também o início da Rua Sergipe e depois indo até o prédio da “chegada”, a quarta Estação Rodoviária, emblemática obra da arquitetura moderna, de autoria de Artigas e Cascaldi, hoje Museu de Arte de Londrina. Nesse trecho da área central, o comércio continua soberano, traz uma vocação tradicional que se comunica através do fachadismo de filiação ao estilo *Art Déco*, ao mesmo tempo em que foram construídos os prédios de influência da arquitetura moderna. Os anos de 1940 a 1960 deviam ser, provavelmente, lembrados também pelos sons dos canteiros de obras dos novos endereços nesta localidade. O moderno chegou a Rua Sergipe na horizontalidade das edificações, pois poucos são os arranha-céus até o espigão, na Avenida Higienópolis, somando quatro prédios, estes os mais altos.

Permanece assim, aquela paisagem de outrora que se funde com os tempos atuais, outra Sergipe revelada recentemente pelas regras da “Cidade Limpa” (Lei Municipal nº. 10.966/2010) e agora sem ser enxergada por entre as placas publicitárias. A pavimentação mudou, de terra batida, depois paralelepípedos, chegando ao asfalto, assim como o passeio foi alargado e depois reduzido...

Na dinâmica da cidade que continua crescendo, a Rua Sergipe ainda é cativante e frequentada por diferentes públicos e motivos diversos, seja um passeio pelas lojas, ou mesmo uma caminhada pelo patrimônio histórico londrinense.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquitetura após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 432 p.
- CASTELNOU, Antonio. **Arquitetura Art Déco em Londrina**. Londrina: A. Castelnou, 2002. 142 p.
- CONDE, Luiz Paulo Fernandez; ALMADA, Mauro. **Panorama do Art Déco na arquitetura e no urbanismo do Rio de Janeiro**. In: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro**. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000. 164 p.
- SEGRE, Roberto. **América Latina, fim de milênio: raízes e perspectivas de sua arquitetura**. São Paulo: Studio Nobel, 1991. 328 p.
- SUZUKI, J. H. **Artigas e Cascaldi: Arquitetura em Londrina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 152 p.
- \_\_\_\_\_. **Idealizações de modernidade: arquitetura dos edifícios verticais em Londrina 1949-1969**. Londrina: Kan, 2011. 180 p.
- UNES, Wolney. **Identidade art déco de Goiânia**. São Paulo: Ateliê Editorial; Goiânia: UFG – Universidade Federal de Goiás, 2001. 200 p.
- XAVIER, Alberto (org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 408 p.
- YAMAKI, Humberto. **Iconografia Londrinense**. Londrina: Edições Humanidades, 2003. 107 p.

## A PEQUENA TÓQUIO NA PEQUENA LONDRES: IMIGRAÇÃO E COMÉRCIO NA RUA SERGIPE EM LONDRINA – PR (1930 – 1960)

Bruno Sanches Mariante da Silva<sup>1</sup>

Daniela Reis de Moraes<sup>2</sup>

Os dicionários só são considerados fontes fáceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo, abri dez, vinte enciclopédias, manuseei in-folios especiais de curiosidade. A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações... Ora a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (DO RIO, 1997, p.46-47).

As ruas são mais que fendas urbanas, vias pelas quais transitam pessoas e automóveis, mais do que logradouros onde se localizam residências e comércios, as ruas são sim elementos históricos extremamente ricos, ou na perspectiva de João do Rio<sup>3</sup>, elas tem almas. É na rua que acontecem as comemorações, as passeatas, as festas. A rua é o espaço de sociabilidade por excelência, pois permite o encontro de olhares, de culturas e vivências múltiplas. O *flanêur* é embevecido pelas multidões das ruas, pelas suas musas inspiradoras que nelas transitam e perfumam a modernidade. A carniça e a podridão das ruas modernas também despertam a atenção, deste observador baudelairiano. Analisar a historicidade das ruas é conferir especial atenção a *documentos urbanos*, testemunhos das transformações de uma cidade e das relações interpessoais.

<sup>1</sup> Historiador e Mestrando em História Social – UNESP/ Assis.

<sup>2</sup> Historiadora e aluna de Especialização em Patrimônio e Memória/UEL.

<sup>3</sup> João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, jornalista e cronista da vida cidadã do Rio de Janeiro no começo do século XX. Membro da Academia Brasileira de Letras.

O presente trabalho foi pensado no sentido de compreender melhor a história e a construção de significados sobre uma rua da cidade de Londrina, a Sergipe. Aqui investigamos a presença de imigrantes japoneses no comércio em Londrina, desde a sua formação até o final da década de 1950. Pensando o espaço urbano londrinense a Rua Sergipe é claramente destacada nos discursos e nas matérias publicitárias e jornalísticas em razão de sua ligação estreita com o comércio e com a comunidade nipônica, é na sua historicidade e na construção de significados a seu respeito que nos centramos.

Desse modo, as imagens construídas sobre a Rua Sergipe são nossa preocupação neste trabalho. Por um lado, a atenção está voltada para as atividades comerciais desenvolvidas nesse período em Londrina e na Rua Sergipe em específico. Por outro, para a imigração dos japoneses para o Norte do Paraná, a concentração em determinados locais e setores de atividades, as relações de sociabilidade na cidade e possíveis conflitos de caráter étnico. Falar no Norte do Paraná é, sem dúvida, falar em migração e circulação de pessoas.

Quando falamos em imigração internacional para o Brasil podemos recuar ao início da colonização do território brasileiro e suas repercussões posteriores na região norte paranaense. Constituído, inicialmente, por portugueses e escravos africanos, o Brasil traz em sua história uma forte relação com os movimentos migratórios.

Esse movimento não foi exclusivo para o Brasil, mas também para todo o território americano. A mudança que se opera após 1880 é significativa. Segundo o historiador estadunidense

Klein (1999) entre 1881 e 1915 chegou às terras americanas, cerca de 31 milhões de imigrantes. Por todo o século XIX a importação de mão de obra fez-se necessária, no Brasil, como uma solução para contornar a diminuição de braços na lavoura causada pelas leis abolicionistas.

Desta forma, imigrou para as plantações de café paulistas toda a sorte de trabalhadores, obedecendo à preferência do governo brasileiro de núcleos familiares e não indivíduos sozinhos, pois esses núcleos facilitavam a permanência dos imigrantes nas fazendas em que eram contratados. No Brasil, há uma queda no número de imigrantes a partir de 1930, em razão de uma série de leis anti-imigração. A primeira delas foi a Lei de Cotas, aprovada em 1934, que restringiu para 2% o limite anual de entrada de migrantes para cada nacionalidade, considerando o total daqueles já fixados no Brasil nos cinquenta anos anteriores.

A grande maioria desses imigrantes se estabeleceu no campo. Alguns com o passar do tempo deslocaram-se para as cidades em busca de melhores condições de vida. A ascensão social era lenta, mas possível. Muitos imigrantes estabelecidos no interior de São Paulo, Paraná e Minas Gerais decidiram migrar para o Norte do Paraná, em busca de novas oportunidades e atraídos pelas facilidades de compra de lotes e pelas terras férteis – a “Nova Canaã”. Londrina recebeu uma grande quantidade de imigrantes conforme mostra a tabela a seguir.

Por volta de 1925-27, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), empresa sucursal da *Paraná Plantations Syndicate*, com sede em Londres, comprou

Imigrantes em Londrina em 1938			
Brasileiros	1823	Rumenos	12
Italianos	611	Inglezes	7
Japonezes	533	Syrios	5
Alleães	510	Argentinos	5
Hespanhóes	303	Dinamarquezes	3
Portuguezes	218	Norte Americanos	2
Polonezes	193	Australianos	2
Ukranianos	172	Suecos	2
Húngaros	138	Francezes	2
Tchecos-Eslovacos	51	Búlgaros	2
Russos	44	Belgas	2
Suíços	34	Liechtesteinianos	2
Austríacos	29	Noruegues	2
Lithuanos	21	Índiano	1
Yoguslavos	15	Estoniano	1

Dados do Álbum de Londrina de 1938 citados por YAMAKI, 2006.

uma área de 515.000 alqueires de terras, localizada no espigão entre os rios Tibagi, Ivai e Paranapanema. Um ano mais tarde, a mesma empresa adquiriu a ferroviária responsável pelo escoamento de toda produção da região, a Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná, que fazia a ligação entre as cidades de Cambará e Ourinhos. A vinda da CTNP para essa região foi decorrente da Missão Montagu no Brasil, em 1923. Esta Missão estava vinculada a credores britânicos que buscavam investir capital inglês no território brasileiro.

No caso do Paraná, a empresa estrangeira era representada por Lord Lovat, assessor e diretor da *Suddan Cotton Plantations Syndicate* empresa têxtil inglesa. Lovat procurava na região terras férteis para iniciar um empreendimento econômico com objetivo de alimentar a indústria têxtil britânica.

Com o intuito de lucratividade rápida e em decorrência dos altos investimentos na compra das terras do Governo do Paraná, a CTNP resolve implantar, na região, grande empreendimento imobiliário com a derrubada da mata nativa, venda de terras e planejamento de núcleos urbanos, garantindo a integração entre meio rural e cidades. José Miguel Arias Neto analisou esse fato a partir da justificativa do professor Sandino Hoff, que explica:

[...] Consta-se a incapacidade inicial da Companhia em captar um segundo capital, após ter gasto o primeiro na aquisição de terras e nos negócios com o estado, com fim de abrir as matas e formar uma plantation de algodão. Superou este obstáculo com a venda dos lotes, acumulando capital para remeter aos acionistas ingleses e para investir na industrialização. (HOFF apud ARIAS NETO, 1998, p.5).

A CTNP adotou a estratégia de loteamento, ou seja, iniciou um processo de vendas de lotes para recuperar o capital que foi investido. Inicialmente, o plano era vender grandes lotes de terras, entretanto, com o intuito estratégico de obter a maior lucratividade possível o engenheiro da Companhia colonizadora, Oswald Nixdorf, formulou a ideia de fragmentar esses lotes em pequenas porções e vendê-los com pagamentos parcelados.

A loteadora, por meio de propagandas dentro e fora do país enfatizava o campo como o local da terra fértil, da fonte de riquezas e trabalho árduo e as cidades como núcleos administrativos.

A historiadora Sonia Adum observou que, no discurso da Companhia, a região era propalada como um lugar “onde todo mundo espera fazer fortuna rápida e facilmente (...). É a terra onde se pisa sobre dinheiro (...). É um presente do Céu às pessoas de boa vontade” (ADUM, 1991, p.50). A Propaganda da CTNP, como na figura abaixo, é um exemplo dentre as várias divulgadas no Brasil e no mundo, enaltecendo a qualidade das terras e a certeza de lucratividade.



Reclame publicitário da CTNP. Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.



Essas propagandas tiveram a função de atrair os diferentes povos para as cidades em formação nos territórios da CTNP. O planejamento e organização dessas cidades que surgiam também foram analisados por Sonia Adum, que destaca que a CTNP “padroniza não só a ocupação do mesmo, mas também os tipos possíveis de vidas, isto é, o projeto, aparentemente, pretendia organizar coisas, homens e vidas dentro de determinado espaço e lógica.” (ADUM, 1991, p.85-86).

Em 1942 a Companhia de Terras Norte do Paraná foi comprada por empresários paulistas (Vidigal e Mesquita), em razão da Segunda Guerra Mundial e a obrigatoriedade inglesa de repatriação dos capitais investidos. A Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná foi repassada para o Governo Federal, sendo incorporada pela Rede Viação Paraná – Santa Catarina no mesmo ano da morte de Willie da Fonseca Brabazon Davids (então diretor da CTNP), marcando, desse modo, o enfraquecimento da Companhia em Londrina.

Segundo o arquiteto Humberto Yamaki, a planta mais antiga de Londrina - que se tem conhecimento - foi projetada pelo geodesta Alexandre Razgulaeff em maio de 1932 – conhecida como “planta azul”. Yamaki (2006) ainda acrescentou que segundo relatos do projetista, coletados em 1972, a planta antes de ser executada passou pelo crivo da matriz inglesa que fez modificações, como por exemplo, a recomendação do estreitamento das ruas.

Levando em conta que os primeiros lotes rurais foram vendidos a partir de 1930, e os lotes urbanos começaram a ser comercializados por volta de 1931, espaço urbano e rural fazem parte de um mesmo processo de ordenamento. A relação entre

campo e cidade era característica das “cidades-jardins”, ou seja, pequenos núcleos urbanos cercados por cinturões verdes. Na região colonizada pela CTNP esses cinturões além de produzirem café – produto de exportação que chegava aos principais portos do país pela estrada de ferro – eram responsáveis por culturas de subsistência para o abastecimento das cidades próximas.

Com o desenvolvimento da região Londrina se transformava e crescia cada vez mais com a atração de novos migrantes. Na década de 1940 aconteceu o “transbordamento” da planta azul, ou seja, a cidade que a CTNP planejara em 1932 já não comportava mais a população que a procurava.

---

## **A Rua Sergipe no Espaço Urbano – O comércio e a presença dos japoneses**

Partimos da compreensão do espaço urbano como uma concentração de elementos suscetíveis de interpretações. Orientada pelas ideias do sociólogo francês Pierre Bourdieu, a autora Sandra Pesavento enfatiza que:

As representações do mundo social assim constituídas, que classificam a realidade e atribuem valores, no caso, ao espaço, à cidade, à rua, aos bairros, aos habitantes da urbe, não é neutra, nem reflexa ou puramente objetiva, mas implica atribuições de sentidos em consonância com relações sociais e de poder. (PESAVENTO, 1995, p.287).

Importante destacarmos que no espaço urbano de todas as cidades as ruas são elementos que desempenham fundamental papel. Elas são responsáveis não só pelo fluir do trânsito, mas,



também, pela sociabilidade. No entanto, há uma função relevante que as ruas desempenham: elas são lugares de memórias. As ruas estão impregnadas de sentidos, sejam aqueles que a população atribui a elas ou aqueles atribuídos pelas instituições.

A rua é um ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. Para ela tudo converge, desde o fato corriqueiro do dia-a-dia, o simples entra e sai das casas até as grandes comemorações solenes ou festivas. (DICK apud SARTORI, 2010).

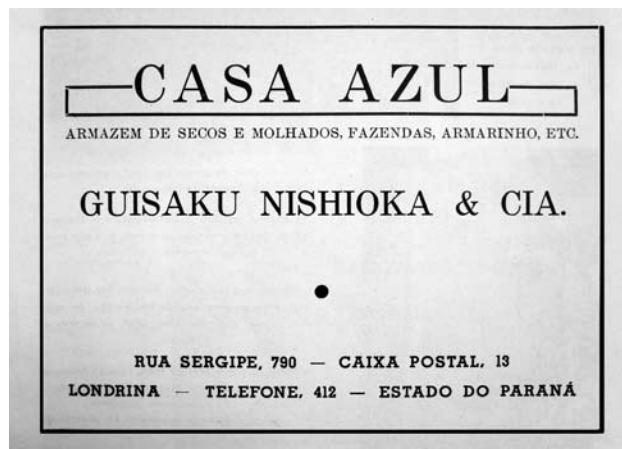
Contudo, como já dito, no presente trabalho nos deteremos na Rua Sergipe, no centro da cidade de Londrina, procurando perceber além de sua *alma encantadora*, sua forma de ocupação e representações construídas a respeito desse processo.

Segundo a professora Tânia Maria Fresca (2002), desde os primeiros anos da cidade – em meados de 1930 – Londrina já desenvolvia um considerável centro de atividades de prestação de serviços, comércios e hotéis em torno da ferroviária – importante ponto de chegada de imigrantes.

Se de um lado o comércio “mais fino” se situava ao longo da Avenida Paraná, à Rua Sergipe era resguardado o espaço do comércio popular. Essa rua era uma das primeiras a ser visitada pelos recém-chegados na cidade, pelo fato do logradouro estar situado entre a ferrovia e o escritório da CTNP, na Avenida Paraná, paralela à Sergipe, pois os clientes da Companhia ao desembarcarem na Ferrovia deveriam cruzá-la para alçarem seu objetivo maior que era o escritório da Companhia. Por isso, a prestação de serviços ao lado do comércio constituía atividades marcantes desse logradouro (pensões, pequenos hotéis, bares, entre outros).

Assim, ao pesquisarmos acerca da presença dos japoneses nos primeiros anos na região norte do Paraná, encontramos na Rua Sergipe uma concentração significativa de famílias desta etnia. No mesmo ano da municipalização de Londrina (1934) a família de Goro Oya instalou na Sergipe uma fábrica de carroças e implementos agrícolas. Já a família Guissaku Nishioka adquiriu o lote nº. 156, na Sergipe, construindo um armazém de secos e molhados, tecidos e armarinho, denominado “Casa Azul”, família que anteriormente estava ligada ao plantio de arroz no litoral paulista. Além disso, também já havia se aventurado na atividade comercial em Sete Barras (SP).

Em nossas pesquisas a “Casa Azul” aparece como um empreendimento importante no que diz respeito ao fornecimento de artigos de consumo para pequenos agricultores de Londrina, o que fez da família Nishioka uma potência comercial do município, à época.



Reclame publicitário da “Casa Azul”.  
Revista Terra Abençoada, 1949, p.57.  
Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.

Dentre as muitas representações sobre a Sergipe podemos destacar as imagens contidas na fala de Tokiko Ajimura, comerciante instalada desde muito cedo naquela rua. Com sua loja aberta desde 1948 – e ainda hoje em pleno funcionamento – relata a impressão que tinha da Sergipe comparando-a com a “Praça da Liberdade”, espaço tipicamente japonês da capital paulista. Tokiko ainda complementa *“Apesar da terra vermelha encobrir as vitrines, que eram limpas a cada cinco minutos, o comércio era sempre movimentado”*<sup>4</sup>.

Como já dito, a Rua Sergipe tem um caráter comercial desde o seu início, entretanto ganha notoriedade pela diversificação dos produtos lá ofertados ao longo das décadas de 1940 a 1960.

Para aprofundarmos nossos estudos sobre a cidade e a Sergipe utilizamos uma fonte da década de 1950: o *“Guia Geral de Londrina: indicador histórico e comercial”*. Em sua primeira edição de 1954, editada pela *“Empresa Propagandista do Norte do Paraná”*, tinha como intuito projetar *“Londrina além das fronteiras, tal como ela é”*. Podemos notar que essa obra foi produzida no sentido de organizar em dados os aspectos econômicos e comerciais da cidade. A começar pela capa que estampa uma bela foto noturna da cidade, cujo intuito era não apenas o de *“orientar”* aqueles que chegavam, mas também salientar o progresso de Londrina.

A obra está dividida em seções voltadas para o crescimento econômico e comercial da urbe. Desta forma, a quantificação das atividades comerciais, em

forma de inventário, nos oferece um rico material que nos auxiliou a perceber as características do comércio da Rua Sergipe, salientando não apenas os dados quantitativos, mas também a distribuição de ocupações por etnias no comércio do logradouro.

Por meio da análise dos dados apresentados pelo Guia foi possível traçar o perfil comercial da Rua Sergipe ainda nos seus primórdios, assim como detectar a presença dos imigrantes japoneses nela estabelecidos.

A publicação não aborda apenas a referida Rua, permitindo também visualizar aspectos da vida social, cultural e econômica da cidade no ano de 1954, ano em que Londrina comemorava vinte anos de instalação do município.

Os estabelecimentos comerciais de Londrina são classificados pelos editores do Guia em 239 diferentes categorias. A partir dessa classificação foi possível elaborar a tabela que segue.

---

<sup>4</sup>Vida e negócios que resistem ao tempo. Coluna: Segredos da longevidade. IN: Paraná Shimbun, 14/03/2011.

## Categorias de comércio presentes na Rua Sergipe

Alfaiatarias e Fazendas	Depósito de Madeira	Lojas de Móveis
Representações de Jornais	Engenheiros Cíveis e construtores	Lojas de Roupas feitas
Atelier de Costuras	Farmácias e Perfumarias	Lojas de Tapeçarias
Peças e Acessórios (Automóveis)	Funileiros	Lojas de Tecidos
Retificação (Automóveis)	Hotéis	Máquinas de costura
Oficina de Consertos (Automóveis)	Lavanderias	Massagistas
Oficina de Vulcanização (Automóveis)	Lojas de artigos de aço	Médicos
Barbearias	Lojas de Armarinhos	Consertos de calçados
Bares e sorveterias	Lojas de Armarinhos e Bazar	Mecânica
Bares e restaurantes	Lojas de Armarinhos e chapéus	Papelarias e livrarias
Bares e Pensão	Lojas de Armarinho e roupas feitas	Papelarias e artigos de música
Bazares	Lojas de Armarinhos, roupas feitas e tecidos	Parteiras
Bancos	Lojas de Armarinhos e tecidos	Pensões
Compradores, Exportadores e beneficiadores de café	Lojas de Artigos para esportes	Peixarias
Cabeleireiros	Lojas de Bicicletas (consertos)	Relojoarias
Compradores, Exportadores e beneficiadores de cereais	Lojas de Bicicletas (vendas e peças)	Relojoarias e oficinas de conserto
Materiais para Construções	Lojas de Calçados, chapéus e roupas feitas	Secos e molhados
Contabilidade	Lojas de Ferragens	Tipografias
Dentistas	Lojas de Louças e alumínio	

Os critérios adotados pelo Guia, à época, permitem visualizar uma acentuada diversidade de estabelecimentos, muitos deles com funções híbridas. Como exemplo, podemos citar que há seis diferentes categorias para bares: bares e

churrascarias; bares, churrascarias e sorveterias; bares e café; bares e pensão; bares e petiscarias e bares e bilhares. Juntas essas “subcategorias” de uma possível categoria mais geral “Bares” somam 25 estabelecimentos comerciais. Outro exemplo

bastante curioso são as categorias de “armarinhos”. Neste caso são nove categorias que somadas dão 64 lojas: armarinhos; armarinhos e bazar; armarinhos e calçados; armarinhos e chapéus; armarinhos, chapéus e tecidos; armarinhos, calçados e roupas feitas; armarinhos e roupas feitas; armarinhos, roupas feitas e tecidos e armarinhos e tecidos.

Pensando especificamente no comércio da Rua Sergipe, no contexto da atividade comercial londrinense, encontramos 56 categorias das 239 referenciadas pelo Guia, permitindo a percepção de uma atividade comercial multifacetada, com a presença de diversos ramos. É imperativo que se destaque que dentre as categorias encontradas na Sergipe, seis apresentam-se exclusivamente nessa Rua, são elas: lojas de artigos de aço, lojas de armarinhos e chapéus, lojas de artigos para esportes, lojas de bicicletas (vendas e peças), papelerias e artigos de música e peixarias. No que diz respeito ao número total de 1861 estabelecimentos comerciais em Londrina no ano de 1954, 99 unidades estavam localizadas na Rua Sergipe, representando, portanto, 5% de todo o comércio da cidade.

Voltando a atenção para a presença acentuada dos japoneses no comércio da jovem cidade, observa-se que existia uma predominância do “comércio de calçada”, ou seja, estabelecimentos integrados com a rua e que se abriam diretamente ao público que transitava pelas calçadas. Percebemos que dos 1861 estabelecimentos comerciais inventariados pelo Guia de Londrina e relacionados por suas razões sociais contou-se 230 com nomes de origem japonesa, o que representa 12,35% do total de comerciantes na cidade. Considerando o grande número de imigrantes de

diferentes origens em Londrina, podemos dizer que é significativa a presença dos japoneses nas atividades comerciais.

Pelos dados apresentados encontramos a presença ainda mais significativa e forte desses imigrantes na Rua Sergipe. Dos 99 estabelecimentos comerciais localizados nesta via do centro londrinense, 33 possuíam razão social em nome de japoneses. Isso significa, segundo o Guia, que pelo menos um terço dos comerciantes da Sergipe seria de origem japonesa, sem considerar a possibilidade de alguns estabelecimentos não constarem em suas razões sociais nomes nipônicos.

Fortalecendo essa constatação da presença acentuada dos japoneses no comércio da Sergipe destaca-se a existência de 17 categorias “monopolizadas” por estes, ou seja, categorias comerciais nas quais há somente a incidência de nipo-descendentes. Talvez este fato tenha inspirado o “batismo” popular da Rua Sergipe, como “Pequena Tóquio”.

#### Categorias exclusivamente de japoneses

Artigos para Sorveteria	Lojas de artigos de Aço *
Depósito de frutas	Armarinhos e Bazar *
Artigos de Eletricidade, Ferragens	Lojas de Artigos para esporte *
Fábricas de Granito	Lojas de bicicletas (vendas e peças)*
Fábricas de Máquinas Agrícolas	Massagistas *
Fábricas de Molho	Papelerias e artigos de música *
Fábricas de Motores Elétricos	Peixarias *
Fotógrafos	Relojoarias *
Fotógrafos e venda de filmes	

\*presentes parcial ou integralmente na Rua Sergipe.

Marcos Losnake Rogério Ivano em livro sobre a vida e obra de Haruo Ohara, pioneiro londrinense que fora lavrador e fotógrafo, acentuam também essa forte presença de japoneses na Sergipe:

Após a guerra, muitos japoneses rumaram para as cidades, em busca de uma nova condição social e de novos modos de vida. Em Londrina, a mudança foi rapidamente vista pela população. Na Rua Sergipe, principalmente, sua presença era notada nos bazares, nas quitandas, nas relojarias, papelarias, mercearias e escritórios. Em vários outros locais, eram donos de bares, hotéis, restaurantes e pensões. Muitas das lojas do ramo de fotografia, que iniciavam sua imensa popularização, pertenciam a famílias japonesas: Sakura Foto, Foto Condor, Foto Artística, Cine Foto Moderno, Bazar Foto Orion, Foto Pan, Foto Matsuo, Foto Ogawa, Foto Paraná e outras. (LOSNAK; IVANO, 2003).

A migração dos japoneses em grande número para a cidade e consequente concentração na Rua Sergipe foi, também, reforçado por matérias de jornais e revistas que divulgavam o logradouro, valorizando a presença nipônica. Vejamos trechos de uma matéria da Revista Norte do Paraná de 1963.

De ponta a ponta, uma pequena Ginza, a que faltam os jogos de paxinco e o teatro Kabuki. Do agitado cadinho de raças que é Londrina, a rua Sergipe ganhou foros característicos de uma raça. A concentração de profissionais e estabelecimentos comerciais dirigidos por nipônicos ou descendentes, atende à força imponderável de uma aglutinação étnica quase instintiva. Naquela via pública o japonês é língua corrente (...). A rua Sergipe é uma peça importante na grande comunidade nortenha. (...) Na rua Sergipe há trabalho, sempre trabalho, sob a égide da operosidade e da constância. Por isso, a rua Sergipe é a "Pequena Tóquio".

Foi possível também constatar pelos dados da tabela anterior a importância dos japoneses na atividade da fotografia, considerando que das três categorias referentes a essa área - fotógrafos e

venda de quadros; fotógrafos; fotógrafos e venda de filmes – os japoneses não só estão presentes nessas duas últimas, como as dominam.

Percebemos que em algumas categorias há também incidência de japoneses, porém com baixa participação, como na prestação de serviços e nas profissões liberais, uma vez que existiam, à época, fatores políticos conjunturais que dificultavam a inserção, bem como a posição do grupo no campo de disputa pelo capital econômico, cultural e simbólico.

#### Categorias com baixa incidência de japoneses e descendentes

<b>Categoria</b>	<b>Incidência (total/imigrante)</b>
Peças e acessórios de automóveis	0% (35/0)
Compradores de café	1,63% (61/1)
Engenheiros Civis e construtores	0% (67/0)
Farmácias e Perfumarias	0% (24/0)
Médicos	1,42% (70/1)
Transportes (aéreo, coletivo e de carga)	0% (55/0)

Em que pese outros condicionantes socioeconômicos, como nível de escolaridade e tradição agrícola, os dados da tabela anterior chamam atenção pela ausência de participação desses imigrantes e seus descendentes no setor dos transportes, o que nos leva a inferir que tal situação possa se caracterizar como resquício da Segunda Guerra Mundial e da geopolítica de controle estabelecida sobre a comunidade japonesa, no contexto de um governo de exceção e extremamente nacionalista.

Passou-se a restringir e até mesmo a proibir o uso de veículos automotores por parte dos súditos do Eixo como uma ação preventiva de atos subversivos. Exigia-se que os veículos pertencentes a estas pessoas fossem conduzidos apenas por brasileiros natos. Além disso, alega-se a necessidade de fazer frente ao racionamento de combustível decorrente do estado de Guerra. (TAKEUCHI, 2002).

Os japoneses, alemães e italianos que viviam no Brasil ou seus filhos que aqui já haviam nascido eram pejorativamente chamados de “Súditos do Eixo”, ou seja, súditos/cidadãos dos países que pertenciam ao grupo de nações em aliança na Segunda Guerra e denominado de “Grupo do Eixo”. É importante apontar que os conflitos silenciosos (ou não) que se davam no período da guerra não haviam cessado. Vejamos um exemplo que veio à público por meio do jornal Paraná – Norte em sua edição de 26 de setembro de 1946, que aborda fato ocorrido no centro da cidade.

### **Cambio Negro no bar “Pinguim”: japoneses insolentes e mal educados tratam mal os seus freguezes.**

A nossa reportagem assistira na noite de 21 do corrente, a maneira grotesca com que são tratados os freguezes que freqüentavam o conhecido e niponizado Bar Pinguim, pegado à Casa das Fábricas nesta cidade.

O cambio negro, não é somente de vulto, o mais prejudicial é o praticado em escala diminutiva porem absorvente porque os inescrupulosos comerciantes roubam a todos, ora adulterando bebidas, ora diminuindo as suas doses, ora apresentando garrafas com rótulos de bebidas estrangeiras, quando em verdade o conteúdo não passa é de mistura feitas a moda dos botiqueineiros.

O Bar Pinguim só da à essa prática, de cobrar duplamente o valor da mercadoria, e quando freguez estrila, aliás

com muita razão a reposta é a seguinte “se o senhor não quer a mercadoria devolva, não falta quem queira, mesmo caro”.

Já é tempo do d.d. Delegado Regional voltar as vistas especialmente para esses japoneses atrevidos, que querem fazer do Brasil campo aberto para as suas ladroeiros, como se essa terra de Santa Cruz, fosse um império Hiroitista.<sup>5</sup>

Como podemos perceber o convívio entre os imigrantes japoneses e os brasileiros não foi sempre pacífico em Londrina. Os japoneses desde longo tempo eram considerados inassimiláveis, pois sua cultura era muito diferente da brasileira, seu idioma bastante díspar, assim como sua aparência. Entendia-se que esse tipo de imigrante – amarelo – não contribuiria para a melhoria do povo brasileiro, segundo Geraldo (2007).

Este debate existente desde 1908 permaneceu vivo ao longo do tempo e culminou na Assembleia Nacional Constituinte de 1934 que aprovou uma série de medidas restritivas aos imigrantes, como a Lei de Cotas, que limitava a entrada de imigrantes em 2% ao ano, cálculo feito levando em consideração o número de imigrantes que haviam entrado nos últimos 50 anos. A medida de maior impacto aprovada em 1934 foi a proibição do ensino em língua estrangeira. A partir de então todo o ensino deveria ser em português (LESSER, 2001), o que afetou as comunidades que se empenhavam na manutenção de suas culturas por meio da língua, no caso aqui considerado os japoneses.

---

<sup>5</sup> Jornal Paraná-Norte, 26 de setembro de 1946, grifo nosso.

Todas essas medidas repercutiram no cotidiano das pessoas, como procurou destacar Fernandes (2005), ao abordar as sociabilidades dos imigrantes japoneses em Londrina. Segundo a autora havia contra os imigrantes um tipo de “preconceito à brasileira”, pois este se manifestava de forma disfarçada. Havia um ar constante de desconfiança, contra os japoneses. Em Londrina, esses efeitos da guerra também foram sentidos.

O Sr. Toshihiko, Dona Estela e Tomika Fuzinaga são três personagens de histórias de preconceito, discriminação e intolerância em Londrina que passaremos a abordar. O Sr. Toshihiko, em depoimento a Priscila Fernandes relatou o preconceito que vivera na época em que estudava no Grupo Escolar Hugo Simas. Foram momentos de violência verbal e física. Ele ainda ressalta que dos “Súditos do Eixo”, os italianos eram quem sofriam menos violência. Em ambiente escolar também se passa a história relatada por Dona Estela. Estela então aluna de magistério em 1951, obteve a maior nota em uma prova e, como de praxe, caberia a ela carregar a bandeira nacional no desfile de Sete de Setembro daquele ano. No entanto, no dia do desfile esta tarefa foi atribuída à outra aluna, restando à Estela levar o estandarte paranaense. Tempos depois tendo indagado uma professora sobre o ocorrido, lhe foi dito que, por possuir traços orientais, mesmo sendo brasileira, não seria apropriado que ela levasse a bandeira. É preciso que se diga que isso se deu em 1951, seis anos após o final da guerra.

O jovem Tomika Fuzinaga fez parte de um caso que tomou proporções bem maiores. Quem nos conta o caso é a historiadora Sonia Adum, que se deparou com o evento em pesquisa nos autos

do Fórum de Londrina, ocorrido na Rua Sergipe. Justamente onde havia maior concentração de comerciantes dessa origem.

Em 21 de abril de 1948, o jovem bancário japonês Tomika Fuzinaga iniciava o seu dia com a tarefa de hastear a Bandeira Nacional, no edifício do Banco América do Sul. A ordem havia sido dada pelo escriturário-chefe. Esta era a primeira vez que Tomika hastearia a Bandeira e devido a sua falta de prática, acabou por fazê-lo ao contrário. Vários observadores do fato denunciaram-no às autoridades competentes da comarca de Londrina. (ADUM, 1991, p.167).

Fuzinaga foi preso e tentou-se enquadrá-lo na Lei de Segurança Nacional vigente na época da guerra, extinta em 1945 com a desmontagem do aparelhamento jurídico do Estado Novo. O jovem ficou preso por três meses e para isso contribuiu largamente o depoimento de testemunhas que viram no seu ato – ingênuo, pode-se dizer – uma afronta à nação. O jovem foi depois libertado por falta de provas. É bastante sintomático que um fato aparentemente simples tomara grandes proporções, em razão das representações dos imigrantes japoneses como inimigos e espiões em potencial.

Segundo Rogério Ivanoe Marcos Losnak, outro exemplo foi a construção do Aeroporto de Londrina que também revela o contexto da geopolítica de controle dos anos de guerra<sup>6</sup>, indicando a presença de preconceito e discriminação em relação aos japoneses na cidade e na Rua Sergipe.

Apesar de não ser foco de discussão do presente trabalho é importante registrar que as pesquisas do historiador Edson Holtz Leme, na sua obra Noites Ilícitas, indicam que esse importante logradouro também revelava outra face do preconceito, frente à moral instituída na época.



Em suas análises o autor nos mostra que parte da Rua Sergipe e em seu entorno - ruas Santa Catarina, Maranhão, Marechal Deodoro (atualmente corresponde ao trecho da Av. Duque de Caxias), Espírito Santo, Duque de Caxias, Mato Grosso, Ceará, Prof. João Cândido, Bahia, Acre e a Paranaguá – se tornou lugar de presença de prostituição.

Desse modo, ao mesmo tempo em que a Rua Sergipe se tornava palco de comportamentos “indesejados” logo se viu como objeto de ações “higienizadoras”. Essa campanha tomava conta dos periódicos da época, exigindo a moralização e limpeza do centro da cidade.

O “trottoir” continua campeando na rua Sergipe e adjacências, especialmente no período das 19 às 21 horas. Como é público e notório, a prática desse comércio escabroso se acha confinada a trecho especialmente destinado a isso (...). (Folha de Londrina, 24/11/1957, p.8 apud LEME, 2009, p. 59).

## **Do preconceito e discriminação a ascensão pelo acesso à educação**

Mesmo diante de dificuldades, tanto conjunturais quanto referentes aos aspectos étnicos, os japoneses experimentaram processo de ascensão social, sobretudo, a partir da década de 1950. Enquanto a primeira geração concentrou-se no campo, dedicando-se às plantações de café, aos poucos as próximas gerações foram migrando para as cidades estabelecendo-se no comércio, como percebemos em Londrina.

---

<sup>6</sup> No final da década de 1940, os limites das fazendas de japoneses na Colônia Ikku (significa primeira em japonês) começaram a ser desrespeitados. O movimento lento e discreto culminou com a desapropriação em 1949 de 24 lotes inteiros ou parciais para dar origem ao moderno aeroporto de Londrina.

Havia também por parte dessas primeiras gerações de imigrantes uma grande preocupação para que os filhos se preparassem melhor para a sociedade e o mercado de trabalho, escolhendo residir na área urbana. Para a antropóloga Ruth Corrêa Leite Cardoso (1995) a questão da busca pela elevação da posição social para as famílias nipônicas era de extrema importância. Conforme a autora, a maioria dos japoneses ao chegar ao Brasil optou por não abandonar, em princípio, a atividade rural, o que caracterizou um cuidado de se estabilizar primeiramente no aspecto financeiro, para somente depois avançarem para o meio urbano. Segundo a autora,

[...] na medida em que estas oportunidades são aproveitadas pelos imigrantes, o sucesso econômico cria condições para o abandono da agricultura [...] encontramos claramente formulado este interesse pela vida urbana, especialmente no que se refere às oportunidades educacionais que oferece [...] (CARDOSO, 1995, p. 58).

Outra questão também foi a preocupação com a educação das gerações futuras, o que se mostra claramente pela estratégia que os pais adotavam ao priorizarem que os filhos mais velhos ingressassem no ensino superior. Essa prática já era costume desde o Japão e foi introduzida no meio social das colônias japonesas que se formaram no Brasil, pois, o principal interesse era garantir uma condição de vida segura tanto para as primeiras quanto para as futuras gerações.

Aos nisseis foram dadas condições para conseguir um nível educacional mais alto que permitisse o exercício de profissões urbanas. Deste modo, a segunda geração estaria dando continuidade ao processo de ascensão social vivido por estas famílias, cuja meta era, sem dúvida, oferecer um patrimônio e “uma vida melhor” para os filhos. [...]. (CARDOSO, 1995, p. 69).

Segundo essa mesma autora, quando se observa o conjunto das famílias japonesas que passaram a morar no perímetro urbano em São Paulo, em geral se deslocaram para a cidade após 10 anos na atividade rural. Essa migração permitia aos nisseis desenvolverem a atividade comercial nas cidades, o acesso à educação formal e, conseqüentemente, maior possibilidade de ascensão social.

Considerando o nível educacional alcançado pelos habitantes de zonas rural ou urbana, vemos que entre os nissei é significativamente maior o número dos que, vivendo em cidades, conseguiram nível educacional secundário ou superior, enquanto na zona rural a diferença é pequena, mas são os nisseis que apresentam a maior porcentagem de educação secundária. (CARDOSO, 1995, p. 71).

Esse mesmo processo também pode ser observado nas trajetórias das muitas famílias de japoneses da Rua Sergipe que migraram do meio rural de São Paulo para Londrina, ou mesmo do meio rural mais próximo da cidade.

Pode-se, assim, perceber que o perfil desse logradouro foi resultado da fixação desses imigrantes japoneses na cidade, apresentando dinâmica própria, ora com maior presença, ora com menor intensidade, na medida em que as futuras gerações passaram a ocupar outras funções e profissões, pelo acesso ao ensino. A família Ohara pode ser tomada como um exemplo desse processo que, após migrar

do campo para a cidade e diversificar suas fontes de rendimento, preocupou-se com os estudos dos filhos. Segundo Marcos Losnak e Rogério Ivano:

O maior dividendo que Haruo obtinha era poder dar condições para que os filhos se formassem, custeando seus estudos. A mais velha, Tomoko, tinha sido uma das primeiras moças da comunidade japonesa de Londrina a ter um curso superior. Foi para Curitiba e lá formou-se em Farmácia pela Universidade Federal do Paraná. (...) Em Curitiba, Kazuko também concluiu seus estudos, formando-se em Letras. (...) Em 1962, o filho mais velho, Hira, formou-se em Arquitetura no Rio de Janeiro, e foi trabalhar Brasil a fora. Em 1964, Toyoko graduou-se em História Natural na Federal de Curitiba, retornou a Londrina e passou a dar aulas, como as irmãs. (LOSNAK; IVANO, 2003, p.126-127).

Com o ingresso nas faculdades e o sonho de *dekassegui*<sup>7</sup>, os locais tradicionais do comércio ligados às famílias japonesas foram perdendo lugar no espaço urbano londrinense, assim como na Sergipe, apesar de ainda hoje estarem presentes no comércio desse logradouro. Portanto, olhar uma rua não é apenas percebê-la como local que abriga residências, comércios, calçadas e transeuntes, mas, também, espaço vivo de memórias, na expressão de Nora (1993) um “lugar de memória”<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Dekasseki (em japonês formado pelos verbetes *deru* – significa sair – e *kasegu* – que significa para trabalhar, ganhar dinheiro trabalhando) são brasileiros, filhos de imigrantes, que operam o caminho inverso de seus pais e avós, e retornam ao Japão, sobretudo a partir de 1990, para tentarem melhores condições de vida.

<sup>8</sup> Para aprofundar esta discussão ver: NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto Histórico. São Paulo, nº 10, p. 7 – 28, dez. 1993.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, em Londrina, a Rua Sergipe vem sendo palco de algumas ações que incluem revitalizações arquitetônicas e processos que visam preservar o passado desse espaço. Esse movimento faz parte tanto de iniciativas públicas quanto de grupos profissionais que procuram reconstituir, no passado e no presente o “desenho” da rua, seus espaços e as memórias de seus moradores. Esta “nova” Sergipe que começou a emergir pode revelar especificidades e singularidades já apagadas pela memória e pelo tempo.

Desse modo, neste trabalho, quando pensamos a presença dos japoneses na Rua Sergipe, procuramos estabelecer os laços que existem entre o passado e o presente, assim como ressaltar a importância de um grupo (japoneses) dentre tantos que marcaram a história e a memória desse importante logradouro de Londrina. Considerando que todo trabalho é fruto de recortes, outros estudos e pesquisas podem revelar muitos outros aspectos tão ou mais importantes como aqueles aqui considerados.

## REFERÊNCIAS

- ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: Representações da política em Londrina: 1930 – 1975.** Londrina: EDUEL, 1998.
- ADUM, Sonia M. S. L. **Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina 1930/1960.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Assis-SP. 1991.
- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. **Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo.** São Paulo: Primus Comunicação, 1995.
- DO RIO, João. **A Alma Encantadora das Ruas: Crônicas.** Raúl Antelo (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FERNANDES, Priscila Martins. **Imigrante japonês e sociabilidade na fronteira: Londrina: 1930-1953.** Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2005.
- FRESCA, Tania Maria. **Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina.** In: **Geografia**, V.11, N.2, Jul/Dez. 2002.
- GERALDO, Endrica. **O Perigo Alienígena: Política Imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945).** Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP. 2007.
- KIMURA, Rosangela. **Políticas restritivas aos japoneses no Estado do Paraná 1930 – 1950 (de cores proibidas ao perigo amarelo).** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR. 2006.
- KLEIN, Herbert S. **Migração internacional na história das Américas.** In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América.** São Paulo: EDUSP, 1999.

LEME, Edson H. **Noites Ilícitas: histórias e memórias da prostituição.** 2ed. Londrina: EDUEL, 2009.

LESSER, Jeffrey. **A Negociação da Identidade: Imigrante, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LOSNAK, M. IVANO, R. **Lavrador de Imagens: uma biografia de Haruo Ohara.** Londrina: S.H. Ohara, 2003.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto Histórico.** São Paulo, nº 10, p. 7 – 28, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos,** Vol.8, n.16, 1995, p.279-290, Rio de Janeiro.

SARTORI, Tríssia O. **Ruas de minha cidade: um estudo homonímico.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS. 2010.

SILVA, Bruno. S. M. **A construção do Aeroporto e a Geopolítica de controle dos anos de guerra: o “perigo amarelo” (1934 – 1956)** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR. 2008.

\_\_\_\_\_. **Ressignificações do espaço urbano londrinense: Aeroporto, Jardim Santos Dumont e Praça Nishinoumiya (1950 – 1988).** Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR. 2010.

TAKEUCHI, M. Y. **O Perigo Amarelo em tempos de guerra (1939 – 1945).** São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

YAMAKI, Humberto. **Labirinto da Memória: paisagens de Londrina.** Londrina: Edições Humanidades, 2006.

## “PARA ALÉM DA PEDRA E CAL”: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA RUA SERGIPE

Ana Maria Chiarotti de Almeida<sup>1</sup>  
Sonia Maria Sperandio Lopes Adum<sup>2</sup>  
Adriana Gomes<sup>3</sup>

“Há suor humano na argamassa do seu calçamento”.  
“Oh! Sim, a rua faz o indivíduo, nós bem o sentimos”.  
(DO RIO, 1997, p.48; p.68).

### MEMÓRIA E HISTÓRIA

**E**ste trabalho apresenta reflexões desenvolvidas pelo Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina/IPAC-Lda acerca da história da Rua Sergipe, localizada no centro da cidade de Londrina-PR. A intenção é reconstituir a memória desse importante logradouro, historicizando seus sentidos, a partir das lembranças de antigos moradores.

Assim, é parte de um estudo mais amplo, do qual participam alunos e professores de História e Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, que propõe olhares diversos sobre a rua, suas origens, usos e apropriações, no passado e no presente, desvendando parte importante da memória e da história da rua e cidade.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais – UEL,  
Pesquisadora do IPAC-Lda.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de História – UEL,  
Pesquisadora do IPAC-Lda.

<sup>3</sup> Aluna do Curso de História – UEL, estagiária do IPAC-Lda.

Para alguns, a rua é simplesmente passagem, enquanto outros vêem na rua mais que um itinerário. Para nossa investigação, a rua revela-se como palco de contínuos acontecimentos, e, portanto, diversas temporalidades. Por isso, para além dos paralelepípedos e das fachadas de seus estabelecimentos, a pesquisa se dedica a recuperar alguns fragmentos da história dessa artéria a partir de lembranças de pessoas que nela viveram, nas décadas de 1940, 50 e 60.

Toda cidade tem múltiplas histórias e nem sempre historiografia tem percebido e reconhecido essa multiplicidade, submetendo a compreensão da história urbana a variáveis gerais e constantes que permeiam a cidade e a representam como unidade de elementos complementares, num tempo linear. Essa perspectiva acompanha uma tendência geral da historiografia do século XX, especialmente a consagrada no plano internacional a partir dos anos de 1950, ao optar por uma abordagem que destaca uma interpretação estrutural e de caráter abrangente da história, instalando-se, portanto, um contexto historiográfico de negação das particularidades das “pequenas histórias”.

Andar pelas ruas de uma cidade, encontrar um amigo distante, uma briga, as brincadeiras de infância... Quem não se lembra de algum acontecimento na sua vida que teve como palco as ruas da cidade? Para além das estruturas de tijolos, dos paralelepípedos e das camadas de piche, as ruas que atravessam a cidade e que constituem e refletem as transformações ocorridas na história da coletividade, são também os caminhos nos quais circulam as nossas lembranças individuais e coletivas. A rua é o cenário onde se cruzam e se aconchegam as histórias da cidade e das pessoas.

Portanto, memória e história são dimensões interdependentes e indissociáveis, as memórias individuais e coletivas constituem as principais fontes de interpretação e construção da História.

Nessa perspectiva, o recorte temporal da investigação que realizamos abarca dois momentos da vida da Rua Sergipe no século XX; em um primeiro plano, evidencia os anos trinta, momento em que se configura o seu primeiro desenho enquanto parte do quadrilátero inicial – formado pelas ruas Rio Grande do Norte, Uruguai, Espírito Santo e Belo Horizonte – do núcleo urbano projetado pela Companhia de Terras Norte do Paraná para se constituir em porta de entrada de seu empreendimento; depois, as décadas de 1940, 50 e 60, período de grandes transformações na vida urbana da cidade de Londrina, e conseqüentemente na Rua Sergipe, quando as ideias de “modernidade”, “progresso” e “desenvolvimento” apontam a possibilidade do poder urbano intervir racionalmente no social, buscando se desvencilhar de seu passado (e ainda presente) agrícola.

Para dar conta dessa multiplicidade de possíveis interpretações acerca do passado dessa rua, em conexão direta com a temporalidade definida pela pesquisa, trabalhamos com dois grupos de fontes que se completam. Por um lado, as fontes impressas – documentos que apresentam alusões sobre essa histórica artéria da cidade de Londrina – tomando a liberdade de eleger, desta categoria, dois documentos-chave que se constituem nos eixos que permitem a construção dos cenários das duas épocas investigadas. Para os anos de 1930, selecionamos uma das primeiras escrituras de compra e venda de lotes na Rua Sergipe, que traz em seu bojo o “primeiro código

de posturas” da jovem cidade. Para as décadas de 1950 e 60, o Código de Posturas do Município, de janeiro de 1954, no qual, o funcionamento da nova Estação Rodoviária, porta de entrada da cidade localizada nessa artéria, símbolo da modernidade e do progresso, vai ser alvo de um controle implacável e intransigente. Por outro lado, o segundo grupo é constituído por fontes orais advindas de entrevistas realizadas com três antigos moradores das décadas de 1940, 50 e 60, que através de suas lembranças nos desvendam algumas das dimensões da vida cotidiana, das sociabilidades, usos e apropriações, emergindo uma memória sobre a Rua Sergipe que se entrecruza com suas histórias de vida e acontecimentos da cidade.

## **RUA SERGIPE: Uma leitura possível**

Londrina, fundada em 1929 e elevada a município em 1934, tinha seu perímetro urbano original – por volta de cento e vinte alqueires – constituído pelo quadrilátero formado pelas ruas Rio Grande do Norte, Uruguai, Espírito Santo e Belo Horizonte, e foi a partir do largo da igreja que foram traçadas as suas primeiras ruas, que inicialmente, junto com toda a estrutura urbana da nascente cidade (igreja, cemitério, etc.), estavam localizadas dentro dos limites das terras doadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, empresa inglesa responsável pela colonização

de 507.867 alqueires de terras contínuas no norte do Paraná e pela fundação da cidade-sede, o posto avançado de seu plano colonizador.

A distribuição do espaço da cidade com a forma de um tabuleiro de xadrez obedeceu a uma padronização de quarteirões e vias de acesso aos lotes individuais com 12 metros de largura, diminuídas posteriormente para 08 metros, considerados suficientes para uma cidade que não excederia 20 mil habitantes. As quadras tinham 110 metros de comprimento, divididas em 20 ou 24 lotes urbanos. A forma da cidade foi marcada, principalmente, pela penetração das vias de acesso regionais. A rodovia e a ferrovia foram os componentes principais do sistema viário, devendo a primeira desenvolver-se pelo eixo central, hoje Avenida Paraná.

O renomado antropólogo Lévi Strauss, que esteve nessa região em 1935, referiu-se ao projeto de colonização que se iniciava sob a direção da empresa inglesa - Companhia de Terras Norte do Paraná.

Um espaço informe adquiria, dia após dia, uma estrutura urbana; [...] Já nessa altura, Londrina era uma cidade organizada, com sua rua principal, o seu centro comercial, o seu bairro de oficinas e a sua zona residencial [...]. Nesses quadriláteros escavados arbitrariamente no coração da floresta, as ruas em ângulos retos são inicialmente todas iguais: traçados geométricos desprovidos de qualidade própria. E, no entanto, umas são centrais, outras periféricas; algumas são paralelas e outras são perpendiculares à via férrea ou à estrada; [...] O comércio e os negócios escolherão as primeiras, forçosamente mais afreguesadas; e por motivos inversos as habitações particulares e certos serviços públicos preferirão as segundas ou serão relegados para elas. Estas duas oposições entre central e periférico, por um lado, e paralelo e perpendicular, por outro, determinam, pelas combinações que entre si se estabelecem quatro modos diversos de vida urbana que irão modelar os futuros habitantes, favorecendo uns, desencorajando outros, gerando êxitos e fracassos. (LEVY STRAUSS, 1986, p.115-116).

---

<sup>4</sup>Massaki Fassuda Oba, 63 anos, comerciante, proprietário do Bazar Oba, em Londrina desde 1947, Elvira Nailor S. Lopes Queiroz, 65 anos, professora aposentada, em Londrina desde 1948, Jorge Bounassar Filho, 58 anos, engenheiro civil e professor universitário, nascido em Londrina em 1953. As entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro e novembro de 2011. Nossos agradecimentos aos nossos informantes pela autorização para utilizá-las no texto.



Considerando a descrição da cidade feita pelo ilustre visitante, a aparente arbitrariedade dos quadriláteros recortados no interior da floresta guardava uma ordem que revelava, desde o início, um arranjo espacial marcado pela diferenciação/especialização dos espaços entre as áreas residencial, comercial e industrial.

À medida que o sistema de marketing da CTNP se desenvolvia e conseguia concretizar o empreendimento imobiliário colonizador, a abertura das vias seguia um ritmo cada vez mais intenso. Em 1936, quando a aglomeração urbana já possuía por volta de 1000 unidades edificadas, estavam abertas 11 vias urbanas, entre elas a Rua Sergipe, já inserida, por sua localização em área mais “afreguesada”, no centro comercial que emergia, constituindo-se, ainda, como a porta de entrada da cidade, considerando-se que por essa artéria circulavam, além dos moradores, viajantes e mercadorias que desembarcavam na Estação Ferroviária, localizada em suas proximidades.

Para pensar os primórdios da organização dessa rua, observemos uma escritura de compra e venda de data e as condições a que o comprador de um lote em sua extensão tinha que se submeter. O negócio, firmado em junho de 1936, tinha como partes envolvidas a Companhia de Terras Norte do Paraná Sociedade Anônima, representada pelo seu Diretor Técnico Willie da Fonseca Brabazon Davids, como vendedora, e Mateus Sinopoli e Amadeu Trevisan, casados, lavradores, italiano e brasileiro, respectivamente, ambos residentes em Londrina, como compradores. Inserida na quadra nº. 5 do parcelamento da cidade, sob nº. 5, compreendendo uma área de 581,25 metros quadrados, tinha as seguintes divisas e confrontações:

[...] Divide ao Norte com a data nº 12, numa extensão de 38,5 metros; ao Leste, com a data nº 10 numa extensão de e 15 metros; ao Sul com a rua Sergipe numa frente de 38, 25 metros, e finalmente ao Oeste com a rua Bahia numa frente de 15 metros.<sup>5</sup> (ADUM, 1991).

Os lotes urbanos eram vendidos parceladamente e podiam ser pagos em até três anos, mediante uma entrada de 50% e o restante com juros de 8% ao ano. Além do parcelamento, a estratégia da CTNP impedia que frações do espaço urbano ficassem sem ocupação efetiva; visando fixar o colono à região e à cidade, introduzia como condição de compra, a obrigatoriedade de edificar no lote adquirido sob pena de perda da propriedade.

Ainda tendo como ponto de apoio da análise a escritura de compra e venda, percebe-se que a proposta ordenadora da Companhia de Terras Norte do Paraná não se limitava apenas à coordenação da ocupação do espaço, mas também propunha um ordenamento para o uso deste espaço. Algumas normas disciplinadoras introduzidas no ato da compra indicavam a perspectiva de um espaço urbano desodorizado, tendo como pontos básicos a higiene, limpeza dos terrenos, desinfecção dos lugares públicos, alinhamento das ruas, instalações sanitárias. Como se depreende do documento, a CTNP coordenava também toda a organização relativa ao uso do espaço urbano; suas escrituras continham em seu bojo o “primeiro código de posturas” da cidade criada.

Pelo documento, ficava estipulado que os compradores deveriam permitir que fossem executados em sua propriedade os serviços

---

<sup>5</sup>Escritura de compra e venda de lote urbano, firmada em 24/06/1936.

necessários para as canalizações de água, esgoto, luz e força; as casas provisórias construídas de palmito, só poderiam ser edificadas afastadas, no mínimo, quinze metros do alinhamento da frente da data, as quais deveriam ser substituídas por prédios de construção definitiva, de madeira serrada ou de tijolos, cobertas com telhas, dentro do prazo de um ano; qualquer casa provisória construída em desacordo com as condições estabelecidas poderia ser derrubada pela CTNP sem nenhuma indenização. As construções definitivas deveriam obedecer ao alinhamento dado pelo poder municipal que, na sua falta, pela Companhia e as respectivas plantas deveriam ser aprovadas por um e outra, sob pena de embargo da construção. Caso não fosse edificada construção na data, esta deveria ser mantida roçada e limpa, sob pena de ser esse serviço executado pela Companhia e por conta do proprietário.

As fossas sanitárias deveriam estar sempre distanciadas, pelo menos dez metros dos poços de água potável, sendo

[...] expressamente proibido manter criação de porcos dentro do perímetro urbano; outros animais tais como vacas e cavallos, só serão permitidos em estábulos apropriados, os quaes deverão ser mantidos sempre em rigorosa limpeza sob pena de serem apreendidos os ditos porcos e animais, sem indenização alguma. Os cabritos, galinhas e outras criações domésticas deverão permanecer em lugares devidamente cercados, afim de não invadirem as ruas, nem os quintais vizinhos [...]. (ADUM, 1991).

Em que pese todo o esforço na constituição do centro urbano ordenado e desodorizado, os temas abordados na escritura revelavam um espaço que ainda não se desvencilhara do universo rural; tolerava a criação de vacas e cavalos em “estábulo apropriados”; cabritos e galinhas conquanto não invadissem as vias públicas e os quintais alheios.

Em 1942, apenas seis anos após a negociação dos primeiros lotes da Rua Sergipe, o crescente movimento em sua extensão já era evidenciado pelo jornal *Paraná Norte*, primeiro periódico da cidade, que dava destaque aos problemas causados pela existência de grande quantidade de poeira encobrindo essa via ao mesmo tempo em que, com tom crítico, chamava a atenção da autoridade municipal para os transtornos enfrentados pelos seus usuários, denunciando a existência de negligência no que se referia aos cuidados dedicados a essa rua, quando comparados aos destinados a outros logradouros da cidade.

A Rua Sergipe também quer...

A Rua Sergipe, onde também o trânsito é intenso, está sendo afogada numa verdadeira nuvem de pó, que tudo obscurece, estraga e inutiliza, como aquela rua é também uma... rua, de fato e de direito, anda com inveja das outras que gosam do serviço de irrigação e pede ao ilustre Prefeito tratamento igual às mais afortunadas.<sup>6</sup>



Rua Sergipe, vista do cruzamento com a antiga Rua Ceará. Ano de 1948.  
Foto: Carlos Stenders | Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.

<sup>6</sup> Jornal Paraná Norte de 11/1/1942. Centro de Documentação e Pesquisa Histórica/CDPH-UEL.

Contraditoriamente, nesse mesmo exemplar do jornal *Paraná Norte* era anunciada a construção da nova rodoviária, apontada como grandiosa e uma das mais belas e confortáveis do país, cujo projeto encontrava-se exposto para conhecimento dos cidadãos nas vitrines da Relojoaria Berta.

A Futura Estação Rodoviária. Será a mais confortável do Brasil. Foi aprovada pelo Interventor Federal neste Estado, a proposta de renovação do contrato que a Emprêza Garcia, Garcia & Cia apresentou a Prefeitura para a exploração de serviços de transporte coletivo.

Propôs-se a progressista Emprêza construir nesta cidade uma grandiosa estação rodoviária, que será no genero uma das mais belas e a mais confortável do Brasil é o que nos afirmou o Sr. Celso Garcia.

Exibiu-nos o projeto. É verdadeiramente impressionante pela magnitude da obra.

Em matéria de conforto, comodidade e higiene, é impecável. Não menos nobres são as suas linhas arquitetônicas.

É para muito breve o início dos trabalhos de construção.<sup>7</sup>

Fim da década de mil novecentos e quarenta, início dos anos cinquenta, Londrina era o retrato de uma cidade que sofrera rápida transformação urbana. A população mais do que dobrara desde 1940. Entre 1950 e 1960 este movimento se acelerara, atingindo a marca, em 1960, de 134.821 habitantes, cifra muito superior àquela de 30 anos atrás, quando o embrião de cidade não era mais do que um acampamento no meio da mata. Nessa década processava-se o início de uma inversão na proporção entre a população rural e urbana, havendo um aumento da população urbana em detrimento da rural, movimento este que, a partir dessa década, se tornará mais e mais significativo.

O movimento da cidade era fervilhante, o espetáculo da modernidade era registrado de maneiraincansáveisasgrandesobrasarquitetônicas exaltadas fortaleciam essa representação, sobretudo os projetos assinados pelo expoente da arquitetura modernista, João Batista Vilanova Artigas, entre eles o da Estação Rodoviária situada na parte central da Rua Sergipe que, inaugurada uma década após seu anúncio pelo periódico, trouxe grande vitalidade posto ter agregado atividades complementares em suas imediações como hotéis, pensões, bares, restaurantes e demais atividades comerciais, fortalecendo a posição privilegiada desse logradouro como porta de entrada da jovem cidade.

Todas essas transformações impuseram também um novo olhar do Poder Público sobre a cidade e, mais especificamente, sobre aquele logradouro por onde entravam e circulavam os milhares de homens e mulheres que chegavam como migrantes e se misturavam com seus moradores. É sintomático que a primeira Cadeia Pública da cidade – o “Cadeião” – edificada na década de 1940, estivesse localizada justamente em uma de suas extremidades.

O jornal local *O Combate*, no dia 8 de outubro de 1952, publicava a matéria “Facilidades para a mendicância”. O texto se referia à quantidade imensa de mendigos esmolando pelas ruas da cidade, destacando a história de um cego, impedido de vender seus bilhetes de loteria na nova estação rodoviária, tendo em vista os regulamentos que agora norteavam o seu funcionamento. E continua a matéria do periódico:

---

<sup>7</sup> Idem.

Achamos que se tornará bastante deplorável que a nova 'gare' rodoviária, fosse invadida por uma legião de comerciantes clandestinos, revivendo o 'mercado persa' do antigo ponto de ônibus. Seria deveras interessante que cegos e aleijados pudessem vender seus bilhetes, pois não prejudicariam o concessionário dos serviços daquele logradouro e honestamente poderiam viver [...].<sup>8</sup>

O migrante passou a ser alvo de dois discursos diversos e concomitantes; o primeiro, eivado de considerações acerca da necessidade de sua presença, no sentido de incrementar a produção; o segundo, permeado por reflexões sobre os problemas sociais que poderiam advir com sua chegada em massa.

[...] bons e maus elementos, atraídos os primeiros pela fama de fertilidade das terras roxas paranaenses e os segundos pela facilidade dos negócios aqui chegaram.<sup>9</sup> (BURMESTER, 1990, p. 146).

Dentro desse contexto era evidente que a cidade deveria ser revista e cuidada cabendo ao Poder Urbano<sup>10</sup> o estabelecimento de práticas que assegurassem, entre outras coisas, a ordem, a moralidade, a segurança e a saúde públicas.

As ações nessa direção se materializaram em duas legislações importantes, que representaram um

momento de inflexão na vida da cidade, por um lado evidenciando uma "nova era" permitida pelo sucesso da economia cafeeira, por outro, sinalizando para a existência de mazelas cotidianas que a partir daquele momento deveriam ser enfrentadas institucionalmente. A primeira é a Lei nº. 133, de 1952, que dispunha sobre loteamentos, arruamentos, zoneamentos, entre outras providências, que mesmo polêmica e com muitos percalços para sua implantação representou um novo desenho para a cidade, estabelecendo diretrizes para seu crescimento, que neste momento já extrapolara em muito o desenho inicial proposto pela Companhia de Terras Norte do Paraná, e definindo os espaços a serem ocupados pelas atividades e pessoas; a segunda, o Código de Posturas do Município, implantado em janeiro de 1954<sup>11</sup>, e que aqui nos interessa mais particularmente considerando que reservou boa parte de seus artigos para regulamentar o funcionamento da então nova Estação Rodoviária.

Ampliando significativamente as atribuições do Poder Urbano, que adquiria Poder de Polícia (sanitária e da ordem pública) o Código ocupou-se da higiene nas vias públicas e habitações, dos costumes, da moralidade, tranqüilidade dos habitantes, dos divertimentos públicos, do trânsito, dos animais, da extinção dos insetos nocivos e do funcionamento do comércio e da indústria. As habitações, que deveriam ser caiadas e pintadas, seriam fiscalizadas e poderiam ser invadidas pelos agentes do Poder Público para que fossem cumpridas as regras de higiene exigidas, tudo sob pena de significativas multas. A limpeza e o asseio dos quintais, a preocupação com as águas paradas e com sombras nocivas estavam também presentes na

<sup>8</sup> Jornal O Combate, 08/10/1952. CDPH/Uel.

<sup>9</sup> Discurso de Moyses Lupion.

<sup>10</sup> Noção desenvolvida por Raquel Rolnik: [...] conjunto de mecanismos econômicos, ideológicos e políticos que funciona no cotidiano da cidade para reprimir ou transformar tudo que se diferencia da 'ordem' social. Esta ordem é antes de mais nada um modelo que a classe dominante estabelece para si mesma e que pressupõe e propõe uma absoluta homogeneidade social. Assim a diferença é considerada desvio transforma-se imediatamente em 'objeto de intervenção'. Um governo urbano que intervém diretamente na vida dos habitantes da cidade é posto então em funcionamento. Este poder agir basicamente de duas formas: através de um discurso que estabelece o modelo de cidade e cidadão, e através de intervenções diretas. A eficácia do discurso está na estigmatização de certos grupos sociais e conseqüentemente - pela via de condenação de suas ações - na retificação da ordem urbana dominante. (ROLNIK, 1988, p.79-80).

<sup>11</sup> Código de Posturas do Município de Londrina. Lei nº 219, de 31 de dezembro de 1953. Centro de Documentação e Pesquisa Histórica/CDPH/Uel (Código de busca HLF 38).

Lei, que previa a extinção gradativa das residências insalubres. Os doentes portadores de moléstias ficaram proibidos de serem conduzidos para a cidade, vilas e povoações do município. Ainda,

a fiscalização sanitária abrangerá especialmente a higiene e limpeza das vias públicas; das habitações particulares e coletivas; da alimentação incluindo todas as casas onde se vendem bebidas, produtos alimentícios, etc.; dos hospitais, dos necrotérios e cemitérios; e das cocheiras e estábulos.<sup>12</sup>

No Capítulo II do artigo 78, revelando uma cidade que, apesar de seu rápido e intenso crescimento, ainda estava por se desvencilhar do universo rural, constava a proibição nas ruas da cidade, das vilas e povoados do Município de condução de animais ou veículos de tração animal em disparada, carros de boi sem “guieiros” e de animais bravios sem a necessária precaução; era proibido conduzir e conservar animais sobre os passeios ou amarrá-los em postes, árvores, grades ou portas. O Código impedia, ainda, a criação ou engorda de porcos e a criação de gado no perímetro urbano, restando aos infratores o pagamento de severas multas.

A organização e o funcionamento da Estação Rodoviária, símbolo da modernidade e do progresso, foram alvos de um controle implacável e intransigente. Pelo artigo 382 da lei, ficaram expressamente proibidos os ajuntamentos de pessoas, algazarras, tumultos, discussões de qualquer natureza; as presenças de loucos, ébrios, turbulentos ou doentes de moléstias infecto-contagiosas ou repugnantes. Ficava vedado, igualmente, no recinto da Estação Rodoviária:

I - o comércio de qualquer gênero, exceto o que esteja autorizado a arrendatários, sob pena de multa de Cr\$ 100, 00 a Cr\$ 1.000,00 e mais a apreensão das mercadorias.

II – o exercício de atividades de agenciador de hotéis e pensões ou de aliciadores de trabalhadores;

III – escrever e pintar nas paredes cartazes.

ART. 383. Não será permitida a mendicância no recinto da Estação Rodoviária.<sup>13</sup>

No frenesi causado pelo espetáculo do crescimento e a necessidade de amenizar as mazelas que esse processo implicava fez com que as medidas fossem tomadas já na “porta de entrada da cidade”, ponto central da Rua Sergipe, pois era por ali que entravam todas as espécies de homens, os “bons” e os “maus”, sendo necessário o exercício de um controle efetivo no espaço onde a multidão circulava.

Foi nesse período marcado por grandes transformações na vida da cidade que nossos informantes Elvira, Jorge e Massaki vivenciaram a Rua Sergipe e, no presente, no trazem suas lembranças, suas sensações, rememoram lugares e acontecimentos.



Rua Sergipe no cruzamento com a Avenida São Paulo. Ao fundo Edifício Tóquio, à esquerda a Rodoviária - Projeto de Vilanova Artigas. Década de 1950. Autor desconhecido | Coleção Prefeitura Secretaria de Obras. Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Idem.



## **RUA SERGIPE: Lembranças, lugares, acontecimentos e sensações**

Quando interpretamos os depoimentos de nossos três informantes (Elvira, Jorge e Massaki), que vivenciaram a Rua Sergipe nas décadas de 1940, 50 e 60 é possível perceber que suas lembranças sobre a rua estão fortemente relacionadas ao cotidiano de suas famílias, infância e juventude, assim como a lugares e acontecimentos da cidade.

Pode-se afirmar tal como Halbwachs (1990) que as lembranças individuais, ou essa leitura sensível, muitas vezes repleta de sensações e emoções que afloram nas recordações sobre o passado, estão fortemente relacionadas aos “quadros sociais reais”. A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com os grupos de referência e convívio, bem como com as instituições (classe social, família, escola, igreja, profissão). Sendo assim, memórias individuais e coletivas são indissociáveis e interdependentes e sempre perpassadas por grupos e pontos de referência, assim como pelo tempo presente.

Este é o fulcro principal da reflexão desse autor, ou seja, considerar que o passado não sobrevive “tal como foi” e nem que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é sempre construída com base nos materiais disponíveis no presente, permeados pelo conjunto de representações que povoam as consciências atuais.

Halbwachs (1990) ao enfatizar estes aspectos, demonstra a importância da vida atual do sujeito no desencadeamento do curso da memória. Na realidade, são esses “quadros sociais

reais” e de referência que organizam a memória, estabelecendo laços entre o passado e o presente. Portanto, rememorar significa interpretar o passado à luz do presente. São narrativas que relacionam a memória individual à coletividade a que pertencem, enfatizando os laços afetivos que as lembranças compartilhadas estabelecem entre os indivíduos.

[...] para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 1990, p.34).



Avenida Rio de Janeiro esquina com a Rua Sergipe. Década de 1940.  
Autor desconhecido | Coleção Geral de Londrina.  
Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.

O que liga Elvira, Jorge e Massaki foi terem vivenciado a Rua Sergipe, cada qual ao seu modo, ao mesmo tempo ou em épocas muito próximas, lugares, acontecimentos públicos, datas, grupos, instituições. O cotidiano de quem vivenciou a Rua Sergipe durante a infância e a juventude, com suas famílias de origem ligadas ao comércio, atividade que sempre marcou a rua desde o seu início.

Nas lembranças dos entrevistados a Rua Sergipe foi ao mesmo tempo local de moradia e de atividade comercial de suas famílias. Em um primeiro momento podiam morar nas suas imediações, porém depois de estabilizados passavam a habitar a própria rua onde tinham o comércio. É o caso da trajetória de Jorge e sua família.<sup>14</sup>

*Meu pai, a primeira vez que teve contato foi em 47, mas antes dele já estava aqui radicada uma tia, irmã dele, casada que veio também de Dois Córregos começou a vida em Londrina na área do comércio. A nossa família tem essa origem. É interessante porque eles vieram para cá para morar na Rua Mato Grosso e fizeram, montou uma loja na Rua Sergipe esquina com Minas Gerais. Ali eles criaram a chamada Casa dos Retalhos. Então eles vieram para cá para trabalharem com comércio [...] chamaram meu pai para vir também, então meu pai veio. Casou-se e veio para Londrina e a primeira morada dele foi a rua abaixo da linha do trem, esquina com a Duque de Caxias. [...] quando eu nasci em 53, meu pai mudou-se para a Rua Mato Grosso logo num terreno a frente da minha tia e aí ele montou uma loja na Rua Sergipe que se chamava “Loja Nova Barateira”. Aí depois ele passou o comércio dele para um ponto exatamente na frente da rodoviária [...] aquela obra do Artigas [...] existia a loja na frente e no fundo uma residência, então nós moramos no fundo da loja. Nós saímos da Rua Mato Grosso e viemos morar ali no fundo da loja. (Jorge).*

Elvira, de origem espanhola por parte do pai e descendente de italianos por parte da mãe, vinda da cidade vizinha de Ibiporã, a princípio morou na Rua Pará, próximo ao Colégio Hugo Simas, um

dos principais colégios públicos da área central de Londrina, mudando para um prédio com apartamentos em cima da loja de propriedade da família na esquina das Ruas Mato Grosso e Sergipe. Segundo Elvira, na parte de baixo do prédio onde residiam funcionava a agência de automóveis e eletrodomésticos da família.

*Mudamos (do prédio) por volta de 1975/78. Problema familiar, o pai era um dos sócios do tio e essa propriedade era deles, o pai deixou uma procuração, o tio acabou forçando-os a sair do apartamento. [...] em uma noite houve um incêndio no posto de gasolina (na esquina), não se sabe as causas. Por conta desse acidente o prédio teve algumas dificuldades não podendo ser consertadas, obrigando-os a saírem. A gente ali era cercada por japoneses, árabes, não me lembro de italianos, portugueses ali tinha, mas já moravam em outra rua. Ali na nossa região eram mais japoneses mesmo e árabes [...]. Tinha o Motossima[...] a Casa Macedônia mais a frente que era de gregos e tinha também a ‘Dona Aya’ todos japoneses ali perto da gente. O Mario Cabeleireiro. O Sr. Mario faleceu, mas tem continuação dele [...] um cabeleireiro que era um dos melhores da cidade na época, japonês também [...] agora eu estou vendo a maioria era japonês. (Elvira).*

Suas lembranças da época que morou nessa esquina, além de estarem marcadas pelo “olhar sensível feminino”, acentuando detalhes pouco observados por Jorge e Massaki, são fortemente influenciadas por este pedaço, ou seja, o conjunto das Ruas Mato Grosso, Maranhão e o Colégio Mãe de Deus, parte importante do roteiro de sua vida e pelos trajetos que realizava até o Colégio, localizado próximo à Catedral e ao Bosque Marechal Cândido Rondon, conhecido como “Bosque” – área verde reservada pela CTNP na área central, desde o início do desenho da cidade.

<sup>14</sup> As falas de nossos entrevistados no texto estão destacadas em itálico para se diferenciarem das citações de livros e outros documentos.



*Parece que era tudo muito fácil, não se deslocava muito, deslocava apenas para costureiras, era tudo muito perto. [...] mas eu não lembro, parece que não tinha nada tão complicado para fazer parece que era tudo fácil e simples. Era muito fácil, você ficava na região mesmo, ou então naquela paralela Avenida Paraná, aí era o dentista, Sr. Manoel, o balé também eu fazia com a Dona Érica. Tinha uma professora de balé no último andar do Edifício Manella. [...] Era tudo muito concentrado no pedaço, até o próprio colégio [...] a gente ia a pé. (Elvira)*

Depois que se mudou com sua família, Elvira voltou à Rua Sergipe, porém, na condição de comerciante e moradora de outro bairro da cidade.

*Depois eu mudei de lá, daí depois eu tive uma confecção no prédio da Dona Aya, até em cima, agora eu lembrei, eu tive uma confecção em cima do prédio do Toda (marido de Aya). Era um apartamento e a gente trabalhava, confeccionava roupa, foi ali que nós começamos depois dali que a gente resolveu fazer na Higienópolis uma loja [...], na Sergipe tinha a Dona Aya Toda ela era parteira e o marido era médico. (Elvira).*

De origem japonesa Massaki, mudou de Ribeirão Preto com toda a família e seus avós e abriram o Hotel Rex na Rua Sergipe.

*Meu pai, sendo segundo filho da família não tinha muito direito sobre a herança da família, e, assim, procurou nova ocupação e foi ser mascate. Comprava roupas, sapato, perfume colocava em uma mala e saía para vender nos sítios das redondezas. Durante alguns anos esta era a rotina [...]. Mais ou menos cinco anos depois meu pai conseguiu alugar uma casa, onde tinha a loja na parte da frente e uma residência nos fundos, onde passamos a morar. Nesse local ficamos por mais de dez anos, já com Bazar Oba, onde se vendia de tudo. Meu pai viajava a São Paulo (de avião) para fazer compras [...], pois o trem e o ônibus eram demorados e incertos, com as estradas ainda não asfaltadas. Minha mãe confeccionava algumas roupas infantis e as vendia no bazar. (Massaki).*



Edifício Tócio em construção na Rua Sergipe, ao lado o Bazar Oba.

Década de 1950.

Foto: Oswaldo Leite.

Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.

A família de Massaki só deslocou mais tarde a loja para a Avenida Rio de Janeiro, transversal à Sergipe, por conta das mudanças no comércio e comportamento das pessoas (busca por roupas prontas) e os altos custos de manutenção de uma loja de aviamentos naquela rua.

Interessante notar como nossos informantes acentuam o caráter comercial da Rua Sergipe desde o seu início, assim como a forte presença de árabes e mais ainda de japoneses. Segundo Massaki,

*Muitas famílias japonesas tinham comércio: sapatarias, livrarias, quitandas, bares, mercadinhos, relojoarias e até peixarias [...]. Para a colônia japonesa a Rua Sergipe era a referência para todas as compras. Em cada quarteirão havia pelo menos quatro lojas cujos proprietários eram famílias japonesas. (Massaki).*

Jorge sempre se refere às duas portas principais de entrada da cidade e região: a ferroviária e a rodoviária. Suas recordações são marcadas por estes dois lugares por onde os migrantes chegavam à cidade e também pela população rural que vinha fazer suas compras na Rua Sergipe. Sabe-se que a Avenida Duque de Caxias, na época, era uma via que ligava diretamente o meio rural com o ainda pequeno núcleo urbano e por ela trafegava a população que habitava os sítios, chácaras e fazendas que se localizam ao norte da cidade. Enquanto nessa rua se concentrava o comércio de materiais e implementos agrícolas, a Sergipe atendia aqueles que procuravam artigos de consumo pessoal e prestação de serviços. (tecidos, pequenas pensões, bares, quitandas, secos e molhados, entre outros).

*Bom então nesse período já aqui em frente à rodoviária é que eu me lembro mais e a nossa vida era voltada para comércio, então o que eu interagía era ali com a loja, ali do meu pai e os funcionários. Aquelas pessoas que eram sistematicamente fregueses da loja. Nessa época, e é interessante, tinha muita gente da área rural. Então boa parte do comércio era clientes da área rural, isso é uma coisa interessante. [...] fornecedores dele eram basicamente o comércio atacadista da 25 de Março de São Paulo e os árabes também, então tinha uma relação forte com representantes dos atacadistas de São Paulo. (Jorge).*

Massaki já lança um olhar sobre a rodoviária mais relacionado à sociabilidade da população.

*Já a rodoviária era a parte mais alegre da cidade, pois havia um trânsito de pessoas – maioria vinda de outras regiões para se instalarem na região. A cidade recebia visitante e a nossa rodoviária era a mais bonita do sul de Brasil. A Praça (Rocha Pombo) era bem cuidada e iluminada à noite [...] como não tinha televisão as pessoas saíam mais para passear. (Massaki)*

Nossos entrevistados, em suas lembranças reafirmam, como Massaki, a vocação do comércio da Rua Sergipe. Para eles os limites eram: ao leste a Rua Duque de Caxias e ao oeste a Rua Pernambuco. Segundo ele,

*Essa parte mais próxima a Higienópolis é recente, o comércio era mais concentrado no eixo da ferroviária-rodoviária-catedral, então ali as coisas aconteciam [...]. Eu lembro que na década de 50 a gente tinha ali uma espécie de barzinho e aquela coisa a gente lembra, fica na memória da criança que não é muita coisa, mas eu me lembro de um conezinho que a gente comia que era recheado com doce de banana e comprava nesse lugar.*

*E era bem nesse lugar onde hoje é o Bar Selete. E aí veio com aquela coisa da dobradinha, o pastel e a vitamina que um do lado do outro [...] o comércio era diversificado ali naquela, digamos, nas quatro ou cinco quadras da Rua Sergipe. Tinha a casa de “Secos e Molhados” que era do Veríssimo, que era, digamos, a principal de Londrina [...] supermercado veio com o Fuganti, entre a Minas Gerais e a Mato Grosso do lado de cima era a Casa de Bicicleta [...] Motossima. São dessa época o Ayoub que era armarinhos gerais e o Surian que era de confecções. Tinha o Armário Paulista, tinha o Bazar Oba [...] amigo da gente. O Ajimura, já na outra quadra lá para frente, já no limite ali de onde era a região comercial. “Casas Regente” que hoje é na esquina da São Paulo com a Rua Sergipe [...] tem uma característica engraçada que a gente quando morava na frente da rodoviária quando inaugurou a “Casas Regente” eles davam um copinho de sorvete para os visitantes e a gente meio moleque ia lá tomar sorvete. Então do ponto de vista assim do comércio, era de fato a região de maior concentração de comércio da cidade. (Jorge).*

Quanto ao Bar Selete, citado e até hoje presente na esquina das Ruas Mato Grosso com a Rua Sergipe, fazia parte dos limites da rua comercial, como acentuam nossos entrevistados. *“A Rua Sergipe neste período já era uma rua comercial, desde a Rua Mato Grosso até a Rua Pernambuco era de paralelepípedo.” (Massaki).* Para este e Elvira o Bar Selete era frequentado por adultos e homens que bebiam, ou como Massaki ressalta que até hoje serve pinga “rabo de galo”. Este bar está localizado exatamente na esquina oposta em que morava a família de Elvira, onde atualmente se localiza o que se convencionou denominar de “Camelódromo”.

As lembranças de Jorge e Elvira revelam e confirmam as relações da Rua Sergipe com outras partes do centro da cidade. O eixo “ferroviária-rodoviária-catedral” era o “centro” da dinâmica da cidade. Nesse eixo da área central, estava localizada a rua principal da cidade, Avenida Paraná, paralela a Rua Sergipe, onde se encontravam a rodoviária<sup>15</sup> e abaixo, na Rua Benjamin Constant, a ferroviária, que constituíam as portas de entrada da população que chegava à Londrina e, portanto, abrigava o maior fluxo de pessoas que procurava a prestação de serviços e o lazer da cidade.

*À época o transporte de avião era muito pequeno, não que não tivesse pequenas aeronaves, mas não transporte de escala. Então a questão da rodoviária e transporte para outras cidades estimulava a mente das pessoas, dos jovens e crianças muito mais. Eu sentia muito isso. Aquela ideia de você ver um ônibus que ia para São Paulo, para não sei aonde a gente via isso na nossa vitrine porque a rodoviária era a nossa vitrine. O movimento da cidade era ali. Além do que, existia naquela época o transporte ferroviário de pessoas que também era naquele eixo. Então quem chegava pela estação ferroviária subia por ali. Toda essa ideia de mobilidade, de pensar em outras cidades, de abrir a mente e sonhar um pouco mais [...]. E a gente conviveu com isso muitos anos. Na Avenida Paraná tinha cinema, banco, o Ouro Verde, a farmácia Maria Isabel [...]. E tinha um comércio mais sofisticado. A Sergipe um pouco mais popular. (Jorge).*

Para o entrevistado o lazer e os eventos políticos aconteciam em outro “pedaço” da cidade, no eixo Avenida Paraná e “Concha Acústica”, ali *“Era o grande ponto de encontro”*.

---

<sup>15</sup> Cabe ressaltar que esta rodoviária, obra do arquiteto modernista Vilanova Artigas, construída na década de 1950, é a quarta rodoviária de Londrina que forma um conjunto com a Praça Rocha Pombo - bem tombado pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná - CEPHA.

*Ainda na época da juventude o footing em Londrina era na Avenida Paraná. Você ficava andando de carro e via as mocinhas [...]. Você ia e dava uma volta ali na frente do Fuganti voltava pelo Ouro Verde naquela praça então tudo acontecia nessa região e foi época dos clubes, a gente foi sócio do Country Clube e era uma coisa mais longe e para chegar era quase como uma viagem [...]. (Jorge).*

Cabe ressaltar que Jorge apesar de acentuar em suas recordações as relações que predominavam na Rua Sergipe e como esta mantinha relações com o “centro” da cidade, revela que espaços públicos e privados muitas vezes se confundiam.

O mesmo pode-se constatar nas lembranças de Masssaki e de Elvira. A Rua Sergipe abrigava muitos eventos que faziam parte da agenda da cidade. As procissões, Natal e outros acontecimentos, com destaque para o presépio na Alfaiataria Dutra e o ‘ceguinho’ que cantava. Elvira rememora ainda a presença da Rádio Paiquerê como parte importante de sua juventude na Sergipe. Enfim, Elvira recorda de detalhes interessantes e de muitos personagens que faziam parte de seu cotidiano, que revelam muito sobre a sociabilidade e o lazer da rua, como a cidade perpassava a mesma, bem como a existência de relações ainda próximas entre público e privado.

Pode-se afirmar que a Rua Sergipe, apesar de na época concentrar grande parte do comércio de Londrina, era também palco dos grandes acontecimentos do cotidiano da cidade. Enquanto local de moradia de muitas famílias fazia parte de um conjunto formado por outras ruas da dinâmica do “centro” de Londrina, por onde as pessoas circulavam, estabeleciam relações de sociabilidade, fruía de lazer e de uma cotidianidade marcada por relações interpessoais e mais próximas.

*Tinha uma alfaiataria Dutra que era perto e ele era um cara muito bacana, o Senhor Dutra, o dono, ele fazia terno sob medida. Na época de Natal ele montava presépios maravilhosos que ocupavam a vitrine inteira, tudo mecânico, mexia monjolo, água escorria, era muito bonito e ele era a atração na cidade porque as pessoas iam lá ver. E também às vezes ele colocava um ceguinho para cantar, então ele tinha muita atração naquela rua e em frente da alfaiataria ele colocava sempre alguma coisa para chamar a atenção. Nessa época ia muita gente lá para ver. Tinha também a Rádio Paiquerê que ficava bem perto da alfaiataria, em cima, que tinha programas, imagina de auditório, tinha locutor e a gente ia lá para assistir, e tinha programas que a gente escrevia, e na época do Elvis Presley então eu era fã, com doze treze anos eu ficava com vergonha e eu escrevia e punha o nome da Sonia que era pequena [...] e até nós acabamos ganhando um presente, uma caixa enorme com produtos da Gessy Lever, então era muito divertido mesmo. Tinha o posto de gasolina (propriedade da família de Elvira). Até uma vez Erasmo Carlos na época eles foram abastecer lá [...] a gente estava na sacada e quando nós vimos eles estavam em um DKW, um carrinho, o grupo deles, da Jovem Guarda [...]. Depois nós tivemos o Jubileu de Prata de Londrina, teve uma gincana, desfile de carros, eram várias equipes e meu primo era chefe de uma das equipes [...]. O ponto de encontro era na oficina (do posto). Teve um desfile muito bacana que foram as nacionalidades da cidade, meu tio morava ali, era cônsul espanhol de Londrina então ele ficou encarregado da parte pelo carro alegórico espanhol [...] era um pandeiro muito grande e um quadro pintado de um toureiro atrás, veio até espanhola para dançar em cima [...]. (Elvira).*



Dutra, O Alfaiate.  
Folha de Londrina. Em 12 de Outubro de 1967, p.15

Distanciados pelo tempo e à luz do presente, ficaram gravadas nas memórias de nossos entrevistados, imagens do passado muito positivas acerca da rua e das relações entre a população que habitava e vivenciava o cotidiano da Sergipe. As relações de lealdade, amizade e proximidade é que prevaleciam. O que é muito comum quando se fala do passado, especialmente considerando que o ato de rememorar é trabalho à luz das relações presentes, por isso existem muitos apagamentos e, também, certa sensação de nostalgia de um tempo que não volta mais.

*Nessa época a gente jogava futebol no terreno vazio, jogava bolinha de gude. A nossa vida era voltada para o comércio então o que eu interagia era ali com a loja, com a atividade comercial ali do meu pai e os funcionários. Do lado da loja do meu pai tinha um bar de um casal de japoneses, a Dona Maura e o Sr. João. A Dona Maura fazia um sanduíche de pernil imbatível. Então era um período, assim, as amizades*

*eram mais fáceis, as pessoas se relacionavam de uma maneira mais honesta, era tudo muito mais assim fraterno sabe, então todo mundo se conhecia, tinha liberdade, conversava. Era um ambiente bem amistoso, bem amigável. Então havia amizade, troca de gentilezas [...] os funcionários eram mais que funcionários, eram verdadeiros amigos [...] uma relação que se perpetuava. (Jorge).*

*A lembrança mais marcante desta rua era quando anoitecia. As lojas tinham as vitrines expostas à visitação. Nas noites de sábado as pessoas saíam com as famílias para passear pelas lojas, e nas épocas de Natal todas ficavam abertas até 10hs da noite. Não havia sujeiras na rua, pois cada lojista as varria. A confiança tinha um valor inestimável. Pela Rua Sergipe passavam as procissões na Semana Santa, os desfiles na Semana da Pátria, Escola de Samba nos carnavais, tudo de bom acontecia na Rua Sergipe. (Massaki).*

*Lembro-me da vitamina, sabe essa vitamina da Sergipe de hoje? Que é famosa, então ela era uma quitanda antes de ser a vitamina que é hoje, ela era uma quitanda que vendia frutas e verduras. A gente comprava lá. Ai minha mãe tinha conta a gente comprava para marcar, ia lá comia, bebia e marcava, então era muito gostoso, a gente fez muita amizade [...] existia muita amizade entre o pessoal que trabalhava e a gente que comprava. (Elvira).*

Além de enfatizarem essas relações de amizade e confiança, mais diretas e próximas, nossos três entrevistados relativizam a existência da violência e do perigo no momento de suas vivências na Sergipe, sempre comparando o passado com o presente, que obriga atualmente a população a se recolher ao mundo privado. Essa relativização aparece claramente em suas falas:



*A gente saía à noite, brincava lá na frente, tinha cachorro. Essa noção de perigo, insegurança não existia na época. A única coisa, um fato curioso, a única notícia de roubo que nós tivemos era de um senhor que era cleptomaniaco, pessoa da sociedade, senhor enorme que andava de terno [...] ele ia à loja e pegava uma peça de tecido, colocava dentro do paletó e levava. Não tinha essa sensação de roubo. Tinha muita liberdade, saía à noite. Londrina era um lugar tranquilo. (Jorge).*

*Era uma rua super tranquila, conviviam-se famílias, tinha prostituição demais ali naquela rua, mas não tinha uma briga, não tinha discussão, não tinha arma, não tinha nada, a gente andava tranquila, então eu lembro muito coisa boa ali daquele pedaço. É, era muito tranquilo eu acho assim, uma vida bem calma, sossegada naquela época. Morava nessa pensão era o dono dela Fulgêncio, Pensão Columbia era o nome, e ali moravam viajantes, prostitutas, mas elas tinham uma vida assim tranquila, não intervinham assim na vida, porque era misturado com famílias também ali nos apartamentos, mas era muito tranquilo, falavam que era “Boca do Lixo”, a Mato Grosso com a Sergipe, não é? Por ali havia muitas casas de prostituição, mas eu as achava tranquilas tinha a “Vaca Brava” (prostituta), tinha umas mulheres para nós que éramos crianças era sempre muito gostoso de ver a movimentação, elas se arrumavam, andavam por ali então era divertido. [...] eu não me lembro de polícia ali, tinha guardinhas, era um tipo de guardas noturnos que cuidavam de algumas casas. Tinha um guarda não sei por que, um guarda noturno que ficava ali naquela esquina, ele era meio ‘valentinho’ e alguém um dia tirou, acabou tirando a arma dele. (Elvira).*

*Na época eu fazia faculdade, e a faculdade que eu fazia era onde é o Hugo Simas hoje, e eu ia à pé, era tranquilo afinal, tanto era tranquilo que a gente ia a noite na faculdade. Podia ter medo de um... nem vou dizer... de um tarado, mas eles não eram como os tarados de*

*hoje, eram bem inofensivos assim, aqueles homens que mostravam ali, mas nunca, não é como hoje que... o cara não era daqueles que pegam pessoas, mas não era, a gente não tinha medo de andar a pé a noite ali. Nem um pouco. (Elvira).*

A presença, na época, da cadeia no final da Rua Sergipe ou “Cadeião”, como ficou conhecido, destaca os limites vivenciados por nossos personagens, ou seja, o território compreendido pela Avenida Duque de Caxias e a Rua Pernambuco. A cadeia localizada uma quadra abaixo da Duque de Caxias era o lugar proibido e, por isso, nas lembranças de Jorge parece ser muito distante, apesar de tão próxima.

*A cadeia, lógico, a gente sabia que existia lá, mas parecia uma coisa mais distante mesmo porque a gente não ia por medo. Quando criança a gente nem imaginava chegar lá e eram quatro quadras, nem isso, né? Então, a cadeia de fato, estava lá. Você não circulava muito longe. (Jorge).*

A Cadeia Pública foi um ponto obscuro na Rua Sergipe, quando éramos criança nossos pais criaram uma imagem muito negativa sobre a cadeia, pois era onde se prendiam pessoas más, ficou uma imagem de medo, é como se fosse o inferno, onde ficavam as pessoas más. E próximo àquela região havia a zona do meretrício e nós crianças éramos sempre repreendidos para não frequentar aquela parte da rua. (Massaki).

A fala de Elvira confirma como a quadra onde se situava o “Cadeião” estabelecia os limites do cotidiano de quem morava na Rua Sergipe, pois parecia existir um consenso entre os moradores da rua, mesmo velado e de forma silenciada, que ali era o lugar da presença do perigo e da violência.

*Eu tenho uma memória muito vaga, mas ele (Cadeião) já existia na época? Então ele não interferia muito, porque deveria ter pouco preso lá, porque a gente nem lembra, eu não me lembro. A gente se resumia muito até a Duque de Caxias não é? Esse era o pedaço. (Elvira).*

Finalmente, torna-se necessário salientar que as memórias acerca da Rua Sergipe aqui registradas pelos olhares de três antigos moradores comportam inúmeras outras leituras e interpretações, tendo em vista que poderiam ser outros os entrevistados, com visões e sensações diferentes sobre esse pedaço, dependendo do lugar que ocuparam no passado e ocupam no presente, de vivências e experiências cotidianas.

Para nenhum grupo humano o espaço vital é um conjunto de objetos físicos, vazios de significados. Toda cultura, antigas ou modernas, de nações políticas e socialmente complexas ou de pequenos grupos de caçadores e coletores nômades, transforma o 'espaço físico' em 'lugar', 'território' ou 'lar'. Essa regra não se amplia apenas aos espaços privados, ao interior de casas ou aos locais de culto. Ruas, caminhos, praças, campos, montanhas, rios, praia e mar são apropriados pelos grupos humanos de acordo com concepções que são próprias de seus modos de vida. (ARANTES, 1984, p.9).



Rua Sergipe partindo da Rua Pernambuco, em preparo para o asfaltamento. Novembro de 1958 | Foto: Oswaldo Leite. Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar essas (ainda preliminares) reflexões acerca do objeto e das fontes da nossa pesquisa sobre a(s) história(s) e a(s) memórias da Rua Sergipe, deixemos que os personagens entrevistados apontem futuros caminhos a serem seguidos por outros pesquisadores orientados também por tantas outras sensações que podem emergir desse importante logradouro da cidade de Londrina.

*Na verdade, na época era muito tranquila a infância, porque eu saí dali, já casada, não tinha filho, iria ter o Ramiro logo depois. Mas era muito tranquilo, o fato da amizade, morava aquele Nilton de Moraes que hoje é dentista bem conhecido aqui da cidade, ele morava em uma casa um pouquinho para baixo da nossa. Moravam na esquina os Munhoz, Maria Clara Munhoz, sua mãe a Dona Chiquinha, eles moravam na esquina e embaixo tinha uma farmácia, tinha uma casa de árabes, parece que vendia tecidos - Casa Nacional. Naquela esquina tinha um bazar de louça (Rua Mato Grosso), porque ficava naquele entroncamento mais ou menos e para lá tinha uma quitanda do Sato, não era o bar, na esquina tinha um barzinho de japoneses do outro lado, mas o Sato que era anterior aos meninos da vitamina, a gente gostava muito da quitanda que hoje nem tem mais, quitandinhas assim pequenininhas, hoje são mercados, coisa grande. Brincávamos muito ali, muito naquela região, era bem caseira, na pensão frequentava ali, a Sonia (irmã) era uma que atravessava a rua e ia lá dentro da pensão brincar, aquilo era muito cheio de gente à noite. (Elvira)*

*As brincadeiras dos meninos na Rua Sergipe eram as que tinham na época: bolinha de gude, soltar pipas, rodar pião. Quando tinha as meninas eram as amarelinhas aquele jogo em que se riscavam quadrados nas calçadas e tinham que pisar com um pé. As pipas*



*e os jogos de bolinha de gude eram em terrenos vazios e praça. Também havia os carrinhos de rolimã que desciam pelas adjacências da Rua (Avenida Rio de Janeiro, Estação Ferroviária). (Massaki)*

*Exatamente ali naquela quadra em frente à rodoviária tinha essa característica (de ponto de encontro) e um dos pontos de encontro era esse bar que eu falei que as pessoas se encontravam muito ali e o casal era muito simpático, Sr. João e a Dona Maura. Eu me lembro dos parentes que vinham e era comum se reunir aqui em Londrina e muitas vezes eles vieram de trem de Santos, de Campinas. Eu me lembro de estar lá recepcionando. Não era só rodoviária, mas ferroviária também. Eu cheguei a fazer uma viagem de trem Londrina-São Paulo. (Jorge)*

Na expressão de Le Goff (1984, p.476) o leitor encontra os sentidos que orientaram esse trabalho acerca da Rua Sergipe: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

## REFERÊNCIAS

ADUM, Sonia Maria S. Lopes. **Imagens do Progresso:** civilização e barbárie em Londrina-1930/1960. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis-SP. 1991.

ARANTES, Antonio A. (Org.). **Produzindo o passado:** estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BURMESTER, Ana M. O. et al. O Paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temistocles Linhares na Década de 50. In: SILVA, Marcos (Coord). **República em Migalhas.** História regional e local. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/CNPq, 1990.

DO RIO, João. **A Alma Encantadora das Ruas:** Crônicas. Raúl Antelo (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Memória-História.** Enciclopédia Einaudi, v.1, Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

LEVY STRAUSS, Claude. **Tristes Tópicos.** Lisboa, Edições 70, 1986.

ROLNIK, Raquel. São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política. In: KOWARICK, Lúcio (Org.). **As lutas sociais e a cidade.** São Paulo: Passado e Presente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

## SERGIPE, A RUA DE TODAS AS COMPRAS<sup>1</sup>

Ana Cleide Chiarotti Cesário,<sup>2</sup>  
Graziele Maria Freire Yoshimoto,  
Suzana da Silva Ferreira,<sup>3</sup> Diogo Pablos Florian,  
Fátima Satsuki de Araújo lino,  
Rafael Antonio da Luz Sanches,  
Raniery Parra Teixeira<sup>4</sup>

Mesmo as mercadorias que os vendedores expõem em suas bancas valem não por si próprias, mas como símbolos de outras coisas: a tira bordada para a testa significa elegância; a liteira dourada, poder; os volumes de Averróis, sabedoria; a pulseira para o tornozelo, voluptuosidade. O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, p.9, 1998).

### Um modo de olhar a rua

*Sergipe, a rua de todas as compras*, é assim que Massaki Oba, antigo comerciante da Rua Sergipe da cidade de Londrina e proprietário do *Bazar Oba*, hoje situado à Avenida Rio de Janeiro, se refere ao logradouro, evocando o *slogan* que a outrora associação de comerciantes da rua usava para defini-la.

---

<sup>1</sup> Parte deste trabalho foi apresentada no encontro A Construção de Políticas Patrimoniais em Cidades Novas, realizado em Londrina no mês de novembro de 2011, momento em que a pesquisa de campo estava em andamento. (MAGALHÃES & MORAES, 2011)

<sup>2</sup> Professora Titular de Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais da UEL e pesquisadora do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC-Lda.).

<sup>3</sup> Cientistas Sociais graduadas pela UEL e pesquisadoras do IPAC-Lda.

<sup>4</sup> Alunos de Graduação em Ciências Sociais da UEL e bolsistas do IPAC-Lda.

Uma caminhada por essa rua ainda hoje, quer por motivo de compra, quer pelo simples prazer de *flanar* pela cidade ou ainda como parte de um *trajeto* cotidiano que leva ao trabalho ou a outra atividade entre as múltiplas existentes na urbe, nos mostra que a referência utilizada pelo Senhor Massaki continua a definir a Sergipe.

Foi com essa mesma percepção que o grupo de pesquisa e extensão do Inventário e Proteção ao Acervo Cultural de Londrina (IPAC-Lda) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) se voltou para o trabalho etnográfico da Rua Sergipe. Sabíamos que a leitura seria uma entre outras possíveis de um logradouro comercial, um dos mais importantes que compõem o patrimônio urbano e a memória coletiva londrinense.

Assim, buscamos a compreensão do fenômeno urbano orientados pela idéia de existência de formas de sociabilidades<sup>5</sup> e de uma dinâmica cultural própria das cidades.

Não nos propusemos olhar a Sergipe de *fora e de longe*, um tipo de “olhar distanciado” e indispensável para a compreensão da cidade, mesmo porque já existem análises importantes dessa rua sob esta perspectiva.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Por sociabilidades Georges Gurvitch entende-as como tipos de ligações sociais “que se atualizam, combinam-se, combatem-se e equilibram-se de maneira mais variada no seio de cada grupo, por menor que seja, e também de cada sociedade global”. Gurvitch nos permite pensar que a cidade como “unidade coletiva real” é formada por um micro-cosmo de sociabilidades. Tendo ainda o autor como referência, as sociabilidades de que tratamos nesta pesquisa são as que compõem o que ele denomina de “tipos micro-sociológicos”. (GURVITCH, Georg. Fenômeno micro e macro-sociológicos. In FERNANDES, Florestan. Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973, p.11).

<sup>6</sup> José Guilherme Cantor Magnani quando usa as expressões de “fora e de longe” e de “perto e de dentro” inspira-se nas denominações cunhadas por Geertz “experience-near” versus “experience-distant”. (GEERTZ, 1983)

Nossa pesquisa seguiu a proposta do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani por ele denominada de *perto e de dentro*, uma perspectiva complementar as análises de caráter estrutural e conjuntural sobre a cidade, tanto as que a vinculam como centro econômico e administrativo do capitalismo, como as que mostram ser ela hoje o lugar de uma cultura urbana afetada por deterioração da infraestrutura e dos serviços públicos; de diminuição das relações e convívio no espaço público, bem como de insegurança.

Mesmo considerando que a Sergipe, importante rua do centro antigo<sup>7</sup> da cidade, apresenta ou reflete alguns desses problemas, optamos por dar ênfase às múltiplas redes, deslocamentos, sociabilidades e modos de vida nela existentes, no sentido de trazer à cena os indivíduos vivendo o seu cotidiano na paisagem urbana.

Uma maneira de mostrar como os cidadãos apropriam-se da urbe, trabalhando, percorrendo *trajetos*, definindo pontos de encontro, vivendo as instituições e experimentando, a um só tempo, os sentimentos de confiança e medo na cidade.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Quando nos referimos ao centro antigo de Londrina é por considerarmos, a exemplo de William Ribeiro da Silva (2008) em estudo feito sobre Maringá e Londrina, que esta já apresenta mudanças no seu processo de centralidade. Embora ambas apresentem traços comuns às cidades médias contemporâneas, mostram entre si diferenças. Em Londrina, segundo o autor, constata-se a tendência à dispersão da centralidade e, em Maringá, a sua concentração. Ribeiro Silva indica, em seu trabalho, a tendência de formação de dois novos centros em Londrina: o primeiro no bairro Cinco Conjuntos e o segundo na Gleba Palhano.

<sup>8</sup> Esse é um dos temas da obra de Zygmunt Bauman, inclusive que dá título a um de seus livros. Nesse trabalho, sua análise se volta para os efeitos do esvaziamento do espaço público e a condenação dos indivíduos em viver isolados mesmo quando freqüentam os espaços físicos da cidade. Seu trabalho é uma clara tomada de posição em defesa de uma coexistência pacífica e amigável no espaço público cidadão. (BAUMAN, 2009)

Ao explicar a metodologia que propõe, Magnani (2002, p. 17) diz:

[...] a perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.

A intenção do autor é que os estudos antropológicos realizados na cidade não reproduzam a “fragmentação pela qual as grandes metrópoles são muitas vezes representadas na mídia” (Id. *Ibid.*, p.18), evitando assim “um olhar de passagem” do próprio pesquisador.

No caso da Rua Sergipe, por ser parte de uma cidade média, tal fragmentação certamente é menos acentuada e o olhar *de perto e de dentro* pode revelar situações muito peculiares, como transeuntes oriundos da zona rural e de pequenas cidades próximas a Londrina.

Embora tenhamos nos orientado pela perspectiva de Magnani nos trabalhos de campo, esta investigação não teve como se realizar na sua plenitude. O tempo de que dispusemos entre a pesquisa e a produção deste texto não foi suficiente para que esgotássemos as questões que a observação participante acabou por nos colocar. Desse modo, o ensaio que aqui produzimos deve ser visto – em que pese as mais de 50 horas de atividades em campo – como resultado de uma primeira abordagem do objeto de análise o que, certamente, permitirá uma leitura muito próxima do dia a dia da rua, mas longe de esgotar toda a dinâmica de seu cotidiano.

Como se deu o primeiro passo na abordagem *de perto e de dentro* da Rua Sergipe?

Nossa primeira aproximação foi a partir de um “mapa” das fachadas das edificações existentes na rua, no trecho delimitado entre a Rua Jacob B. Minatti e Av. Higienópolis, trabalho realizado pela equipe do Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL), coordenada pela Professora Elisa Roberta Zanon, grupo também envolvido com este projeto sobre a Sergipe.

Um registro gráfico que oferece um interessante *croquis* do trecho compreendido entre as duas ruas, formado por vinte quadras e os lotes que as compõem, onde predomina o comércio, alguns exemplares de fachadas com características de *art déco* e duas edificações já incorporadas à memória coletiva da cidade: o “Cadeião”<sup>10</sup> e o Museu de Arte de Londrina – MAL, antiga Estação Rodoviária projetada por Vilanova Artigas, prédio tombado pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná (CEPHA). É importante registrar que a Praça Rocha Pombo, por ser contígua à obra de Artigas, também foi definida como entorno a ser preservado.

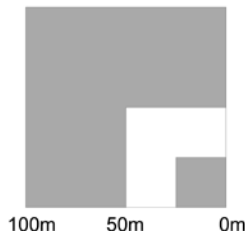
Um desenho que longe da simplicidade que caracterizava os antigos *croquis* rascunhados pelos antropólogos, em seus trabalhos de campo, oferece uma imagem digitalizada, *clean* e esteticamente agradável, de um cenário diferente da verticalização predominante no centro da cidade.

---

<sup>10</sup>Antiga Cadeia Pública de Londrina, construída em 1943, passou por reformas em 1953, sendo ampliada em 1963 e desativada em 1993.

Surpreendentemente, o perfil da Sergipe em seu trecho central, comparado às outras ruas do “xadrez” inicial que formam o primeiro planejamento urbano de Londrina, apresenta-se ainda horizontalizado. A explicação se deve ao fato de nela predominar a ocupação com fins comerciais e de prestação de serviços, havendo poucos prédios de apartamentos residenciais. Ademais, como disse Massaki Oba, os imóveis valorizaram, bem como o aluguel dos pontos comerciais, mesmo os antigos.

Ao partirmos do *croquis*, a associação desta imagem com a idéia de *mancha* foi praticamente natural, pois dependia apenas de deslocarmos o nosso olhar de uma representação gráfica para a rua propriamente, com seus desvãos, suas cores, *matizes* e sobretudo vê-la como *carne e pedra* como sugere Richard Sennett (2010, p.13), olhando-a como parte da cidade, por meio da experiência de quem a frequenta. Como homens e mulheres nela se movimentam, sujeitos aos seus sons, odores, hábitos de alimentação e de vestimentas.



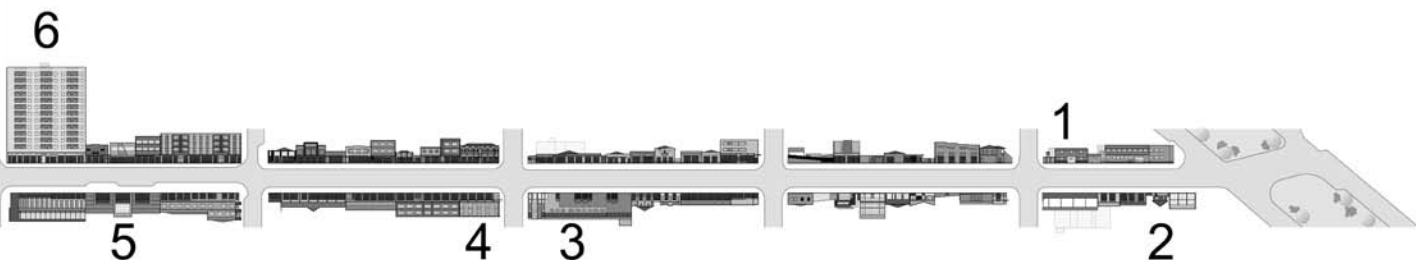
- |                                |                                      |
|--------------------------------|--------------------------------------|
| 1 - ANTIGO "CADEIÃO"           | 7 - MUSEU DE ARTE DE LONDRINA        |
| 2 - RUFINI ALFAIATE            | 8 - BAZAR AJIMURA                    |
| 3 - CAMELÓDROMO                | 9 - EDIFÍCIO OHARA                   |
| 4 - BAR SELETO                 | 10 - FUGI CENTER                     |
| 5 - SHOPPING SHOW DAS FÁBRICAS | 11 - PRAÇA PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS |
| 6 - EDIFÍCIO TÓKIO             | 12 - PRAÇA XV DE NOVEMBRO            |

Registro arquitetônico das fachadas existentes na mancha investigada.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Autoria: Arquiteta e Urbanista Elisa R. Zanon.

Para entrar efetivamente “na Rua” logo se percebeu a importância da perspectiva *de perto e de dentro* e das categorias oferecidas por Magnani: *pedaço, mancha, trajeto, pórtico e circuito*.

Ao propor essa família de categorias, o autor diz que são “o resultado do trabalho etnográfico”, ou seja, “arranjos nativos”, isto é uma identificação por parte do antropólogo quando realiza a pesquisa de campo. Neste caso particular, Magnani informa que essa tipologia terminológica foi identificada em uma investigação que realizou na periferia da cidade de São Paulo. (MAGNANI, 2002, p.20)



Sobre o *pedaço* deve-se partir do seu pressuposto físico-espacial e entendê-lo nos seus diferentes significados. O primeiro deles diz respeito à “[...] rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas, etc.” (Id. Ibid., p.21). O segundo difere da idéia original, pois se refere a pontos de encontro que não necessariamente estejam relacionados ao parentesco e à vizinhança, pois implicam que seus freqüentadores “se reconheciam como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes”. (Id. Ibid. p.22)

A *mancha*, diferentemente do *pedaço*, “[...] sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos, apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário [...]” (Id. Ibid. p.23). Como observa o autor, um lugar público e de grande visibilidade a um amplo número de usuários.

Ao apresentar a noção de *trajeto*, Magnani considera que são deslocamentos a partir de escolhas e alternativas que os indivíduos realizam em uma paisagem urbana. Essas escolhas seguem determinada lógica não sendo, portanto, aleatórias. Assim, o antropólogo afirma “[...] É a noção de trajeto que abre o pedaço para fora, para o âmbito do público [...]”. (Id. Ibid. p.10). São os trajetos que ligam e oferecem sentido a determinadas regiões de uma cidade, constituindo um fluxo recorrente, repleto de significado social.

Desse modo, são os *trajetos* que possibilitam o caminho existente entre a *mancha* e o *pedaço*, permitindo também o movimento que as pessoas realizam por meio dos *pórticos*. Para Magnani, os *pórticos* são os espaços vazios na paisagem urbana, são lugares que ele denomina como a “terra de ninguém”, descrevendo que eles representam “vazios fronteiros”, ou seja, é o “[...] lugar do perigo, preferido por figuras liminares [...] muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados.” (Id. Ibid. p.10).

Segundo o antropólogo, é a noção de *circuito* que permite o uso dos espaços públicos, dando significado ao exercício da sociabilidade entre os atores sociais, através de uma prática comum em busca da “[...] oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que mantêm entre si uma relação de continuidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais [...]”. (Id. Ibid. p.10).

Desde que decidimos pela observação direta e participante tínhamos como referência a categoria de *mancha* proposta por Magnani. Contudo jamais consideramos que se tratava de uma porção comercial sem relação com outras áreas de comércio contíguas ou próximas a ela. A Sergipe, desde o primeiro projeto urbano de Londrina, a chamada “planta azul”<sup>11</sup>, aparece como um traçado próximo à Igreja Matriz, como parte de um desenho original onde, no futuro, criaram vida também outras artérias comerciais como a Avenida Paraná, a Avenida

---

<sup>11</sup>Sobre a “planta azul” ver, neste mesmo livro, o capítulo A pequena Tóquio na pequena Londres: imigração e comércio na Rua Sergipe em Londrina –PR.(1930-1960).



Duque de Caxias – nos seus primórdios, denominada Heimtal – e a Rua Benjamin Constant. Hoje, a Sergipe não apenas se integra a essas artérias como também a outras áreas comerciais, residenciais e de lazer que existem no centro antigo de Londrina.

Desse modo, pensar a Sergipe é considerá-la também como lugar de *trajetos*, tanto os longitudinais, geralmente percorridos por aqueles que lá trabalham, e principalmente pelos consumidores que para lá acorrem, como os transversais, percorridos principalmente pelos que chegam ou partem do Terminal de Transporte Urbano situado na Rua Benjamin Constant em direção a outros lugares da cidade.



Diferentes trajetos da mancha comercial.  
Foto: Fátima Satsuki, 2011.

## Interpretando a *mancha* comercial

O trabalho de campo, realizado entre os meses de julho a dezembro de 2011, foi feito em grupo de dois ou três ou mesmo “em bando”, uma vez que tínhamos pouco tempo entre a pesquisa e a publicação do livro e tivemos que conciliar o trabalho de campo com as muitas tarefas acadêmicas em sala de aula.

Sem que tivéssemos planejado, nosso ponto de partida para os trajetos na Sergipe, geralmente foi o Museu de Arte de Londrina<sup>12</sup>, pois sabíamos que lá disporíamos de alguma estrutura para rápidas reuniões de elaboração de estratégias de campo. A primeira ida a campo ocorreu numa manhã do inverno de 2011. Antes de iniciarmos o trajeto pretendido, conversamos com uma funcionária do Museu de Arte, que trabalha há mais de doze anos no local e disse estar preocupada com as interferências que descaracterizam a Rua, mostrando-se favorável à Lei Cidade Limpa<sup>13</sup>.

Observou que hoje há uma tendência de aumento do número de comerciantes árabes em relação aos japoneses na Rua Sergipe.

---

<sup>12</sup> O Museu de Arte de Londrina funciona na antiga Rodoviária de Londrina, projetada por Vilanova Artigas, inaugurada em 12 de dezembro de 1952 e tombada pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná (CEPHA) em 8 de dezembro de 1974.

<sup>13</sup> Esta Lei nº. 10.966/2010, de autoria do Executivo Municipal, tem como objetivo retirar e disciplinar a propaganda, estabelecendo regras ao uso de outdoors, placas indicativas e anúncios de modo geral no centro antigo de Londrina.

Falou sobre os cursos de artes que são ministrados no Museu por artistas plásticos, além das exposições temporárias. Referiu-se, de modo particular, às atividades de Dolores Branco, viúva de Paulo Mentem, também artista plástico. Considerou a frequência ao Museu de Arte expressiva, tanto durante os dias úteis quanto nos finais de semana.

Afirmou não perceber a existência de lugares na Rua com sociabilidade específica e duradoura, quer seja de moradores, quer de trabalhadores do comércio. Deu a entender que os frequentadores da Sergipe, na maioria, estão de passagem, não estabelecendo laços duradouros entre si.

A funcionária ressaltou o interesse e cuidado constantes da Diretora do Patrimônio Histórico Municipal com a Rua que passa por transformações. Comentou que aos sábados, à tarde, se torna vazia, empregando uma figura de linguagem – “dando até para andar sem roupa” – e que há muito espaço sem uso nas sobrelojas dos prédios comerciais. O mesmo acontece à noite, pois segundo ela a rua vira “um deserto” não havendo lugar para um lanche.

Note-se que suas informações são importantes, pois constituem depoimento de quem vive a Rua tanto nos momentos de *rush* comercial como em ocasiões em que os principais acontecimentos se concentram no Museu de Arte, ou seja, aos finais de semana e noites quando ocorre *vernissage*.

Falou demoradamente sobre as visitas de estudantes acompanhados de professores ao Museu de Arte, Museu Histórico e Planetário, indicando a existência de um *circuito* que conecta o primeiro a outros lugares com função semelhante.

Trata-se, segundo ela, de público oriundo não apenas dos colégios de Londrina, como também de escolas de outros Municípios. Destacou também os visitantes estrangeiros que acorrem ao Museu de Arte.

Após a conversa com nossa primeira informante, escolhemos uma mesa externa do Museu para discutirmos o trabalho de campo à luz do texto de Magnani e da perspectiva *de perto e de dentro*.

Nesse dia ainda descemos a Rua, no sentido Museu/Rua Jacob Minatti, *trajeto* longitudinal semelhante ao realizado por quem procura a Sergipe para compras.

Quem caminha pelo logradouro logo se vê imerso em dois fluxos de transeuntes que se cruzam pelas calçadas, sentindo-se forçosamente contido, nesses espaços estreitos, por um intenso tráfego de carros e ônibus – de mão única – que também passa pela rua.

Nosso olhar era dirigido, em especial ao comércio, na tentativa de mapearmos as lojas e os produtos e serviços que oferecem.

A Barbearia Londrina nos chamou atenção pelos detalhes construtivos do seu interior e mobiliário antigo. Uma loja se destacou aos nossos olhos em relação às demais devido um cartaz na vitrine com a inscrição “moda evangélica”, indicando a existência de uma demanda que justifica a oferta de um tipo de roupa e indumentária que seguem padrões religiosos específicos de uso e comportamento.

O Shopping Show das Fábricas, por seu padrão de modernidade, produz um contraste com a maioria das lojas da Sergipe, estas marcadas pela simplicidade dos seus interiores, comércio voltado para vendas tanto “no atacado”, quanto “no varejo”, bem como as vendas de armarinhos e os *bijoux*.

Olhando o interior destas lojas, que compõem a maioria do logradouro, tem-se desde espaços amplos com produtos expostos em prateleiras e bancas – esse cenário se repete tanto para lojas de confecção, como as de utensílios domésticos e as de produtos para festas – até os pequenos bazares com balcão e vitrine expondo “miudezas”.

Um comércio que nos chamou a atenção foi o que denominamos de “loja de lojas”. Na Sergipe existem pelo menos três lojas que vendem manequins, gôndolas, araras, cabides, caixas, geralmente produtos fabricados de plástico rijo, um tipo de venda para os compradores de Londrina e região que desejam iniciar um pequeno negócio no ramo de confecção, vestuário e adereços em geral. Desse modo, a Rua oferece tanto as lojas de “ponta de fábrica” onde é possível comprar a mercadoria no atacado como as casas comerciais onde se encontra esse tipo de mobiliário de interiores para a montagem de uma futura loja.

Espacialidade interna específica é a do Camelódromo, lembrando mercados orientais, pois os boxes, ao se abrirem, se integram uns aos outros, com os produtos expostos em prateleiras, vitrines, gôndolas e pendurados em araras ou simples varais. Um emaranhado formado por passagens estreitas se insinua ao trajeto dos consumidores e visitantes que, ao caminharem, perpassam redes

de sociabilidades existentes entre os comerciantes que, instalados muito próximos uns dos outros, conversam e interagem entre si.

É como se penetrássemos num mundo denso composto por uma linguagem físico-espacial de pequenas vielas perpassadas por uma linguagem sonora marcada por intensa polifonia. Essas muitas informações – visuais, sonoras, olfativas – que marcam o Camelódromo<sup>14</sup> também caracterizam o espaço externo da Rua, onde o barulho aumenta por conta do trânsito de carros e ônibus.

Todavia, essas impressões parecem cessar quando se entra no Bazar Ajimura, local menos barulhento e com um interior que nos provoca a sensação de volta à Sergipe antiga. Um espaço com mobiliário original da década de 1940, composto por prateleiras, balcões e vitrines confeccionados em madeira e vidro. O Bazar, como o nome sugere, tem um estoque variado de produtos, desde utensílios domésticos de alumínio e vidro, louças, enfeites, armarinhos, lenços bordados, produtos de toucador feminino, alguns importados do Japão, e outros da China. É um típico lugar para compra de presentes.

Conversamos com uma das filhas dos proprietários que nos disse estarem lá há quase 70 anos, portanto desde os primórdios da Rua Sergipe. Corroborando o que vínhamos observando, isto é, que a Sergipe já não tem tantos comerciantes

---

<sup>14</sup> A Rua conta com três espaços conhecidos como “camelódromos”, destinados a pequenos comerciantes, muitos deles oriundos do comércio informal. O maior deles, onde concentramos nossa observação, se encontra na confluência da Sergipe com a Rua Mato Grosso. Decorrem de uma política de tirar os vendedores da informalidade, iniciada na administração de Nedson Micheletti, duas vezes eleito à Prefeitura de Londrina, pelo Partido dos Trabalhadores.

japoneses como no passado, ponderou que as novas gerações estudaram, sendo que muitos deles se tornaram profissionais liberais e executivos, mudando-se de Londrina, indo, no caso dos executivos, para São Paulo trabalhar em grandes empresas. Para ela, a maioria desses comerciantes fechou a loja por não conseguir dar continuidade aos negócios passando-os de uma geração a outra, característica própria da empresa familiar e da cultura japonesa.

Afirmou que o Ajimura só continua aberto porque ela e seus irmãos cuidam do comércio, apoiando os pais que ainda trabalham e moram nos fundos da loja, uma vez que o prédio é de ocupação mista: comercial e residencial.

Enquanto conversávamos, sua mãe organizava, em caixas de papelão, os armarinhos do estoque da loja: *zipers*, fitas, botões, enfim, aviamentos para roupas.

Já no primeiro dia, percebemos que nos pisos superiores das edificações assobradadas do logradouro, há outro mundo a ser descortinado, formado por algumas residências e, em especial por prestadores de serviços (escritórios contábeis e de advocacia, dentistas, salões de beleza, academias, massagistas, tatuadores, investigadores). Há também sedes de associações civis e sindicais.

Em nossa segunda ida a campo, o ponto de partida, novamente foi o Museu de Arte e – como viajantes pontuais –, saímos às 9h30 para nosso *trajeto*. Dessa vez, optamos por iniciar a observação sistemática a partir da Delegacia 10ª S.D.P de Londrina/ Plantão Civil e Militar, contígua ao antigo prédio da Cadeia Pública de Londrina, hoje abandonado – esperando restauração para ser ocupado – e conhecido como “Cadeião”.

Essa opção não impediu que parássemos, quando descíamos, no sentido planejado, para conversarmos, já na segunda quadra de nosso *trajeto*, com um senhor, descendente de japoneses, que distribuía folhetos de propaganda de um consultório odontológico, onde trabalham dentistas de sua família, situado no piso superior do prédio em que se postava à frente.

Trata-se de morador da Vila Casoni, que admitiu existir, no passado, mais comerciantes de origem japonesa, sendo que hoje muitos prédios ainda são de propriedade dessas famílias, mas não mais explorados comercialmente por elas. São informações que reiteram as observações já feitas pela descendente dos Ajimura.

No trajeto, a exemplo do primeiro dia, quando o Salão Londrina nos chamou a atenção por sua antiguidade, também a Farmácia Estrela produziu em nós o mesmo efeito.

Ao chegarmos ao “Cadeião”, iniciamos o caminho de volta, o trajeto pretendido, com o objetivo de cobrir toda a *mancha* o que, na verdade, só se completou com mais duas idas a campo.

Em frente a esse prédio, não há como deixar de perceber uma pequena casa de madeira muito antiga com placa onde se lê: *Rufini Alfaiate*. Entramos no primeiro cômodo da casa, espaço de atendimento ao público e aguardamos o proprietário que ali trabalha e reside.

Apresentou-se de modo afável se identificando como *Rufini*, dizendo morar no imóvel desde os seus dois anos de idade e não se incomodar com a proximidade do “Cadeião”, mas ser defensor da saída da Delegacia daquele local.

Após o breve contato com o alfaiate, iniciamos a subida da Rua, como planejado, anotando as características das lojas. Essa tarefa acabou por se impor, pois as placas indicativas haviam sido retiradas, por conta da *Lei Cidade Limpa* e o que nos coube foi descrever os diversos ramos de comércio existentes ou predominantes em cada quadra.

O que de início se apresentou como dificuldade na etnografia que realizávamos, acabou por nos dar a oportunidade de percebermos “matizes”, isto é, variações na *mancha* comercial.

Nas duas primeiras quadras observou-se comércio e serviços diversos, com predomínio de agências de carro, oficinas, estacionamentos e revendedoras de máquinas agrícolas e de limpeza. Nestas, notam-se apenas duas lojas de confecção (venda por atacado), um bar/lanchonete e escritórios de advocacia (criminal e trabalhista).

Na terceira quadra, após o cruzamento com a Avenida Duque de Caxias, aumenta o número de lojas de confecção e similares, como tapeçaria, malharia, máquina de confecção e de fiação, fios para tecelagem, etc., contudo mantendo-se a variedade, com a presença de relojoaria e ótica, estas, em geral, de propriedade de japoneses e descendentes.

Entramos num pequeno *shopping* popular com as mesmas características do Camelódromo, o que indica a expansão desse tipo de comércio que nasce como já dissemos, na informalidade e passa a ter apoio do poder público municipal para que seja formalizado.

Numa segunda visita ao Camelódromo, observamos que além do já descrito, há também

pequenas lanchonetes que atendem os que lá trabalham e os seus frequentadores. Conversamos com a proprietária de um pequeno comércio de cosméticos e perfumes que disse ter morado em Miami e que ficou decepcionada quando percebeu que muitos dos produtos de lá eram também originários da China como são os comercializados no Brasil. Nos três shoppings populares a variedade de produtos comercializados a preços mais baratos é enorme, encontrando-se elétricos e eletrônicos, roupas, chapéus, bolsas, calçados, brinquedos, doces, etc.

A proprietária da loja de cosméticos disse que o movimento de consumidores e visitantes é muito intenso e que, em períodos de férias, turistas do nordeste brasileiro acorrem para lá.

Após visitarmos o Camelódromo, paramos no Bar Selete por acharmos que era a Pastelaria Londrina. Pedimos pastéis e refrigerantes e percebemos que o equívoco havia sido providencial porque observamos que o local é um ponto bastante frequentado, tanto por pessoas que trabalham na Rua como por aqueles que transitam pelo logradouro. Começamos a nos perguntar se nesses fluxos a presença de usuários habituais não caracterizaria o local como um “pedaço” na Sergipe.

Em relação à vizinha Pastelaria Londrina, embora muito procurada pela qualidade do seu pastel e da sua “vitamina”, os consumidores não permanecem no seu interior, ficando apenas o tempo necessário para o lanche, mesmo porque não há mesas o que desestimula uma permanência mais demorada. A fama desta Pastelaria se deve, em parte, ao senso comum que aponta o local, como da preferência de alguns políticos que, por tradição, a frequentam.

Outra “parada” em nosso trajeto foi no Salão Londrina, já observado em nossa primeira incursão a campo, estabelecimento com mais de 60 anos de funcionamento no mesmo local. Conversamos com o casal de cabeleireiros que lá trabalha que nos informou arrendar o “ponto” do filho do primeiro proprietário, já falecido. O atual dono reside no andar superior e, segundo eles, controla o uso e funcionamento do Salão. É um lugar, que como já dissemos, conserva o mobiliário e as características iniciais do seu interior, produzindo uma sensação de nostalgia para quem adentra o espaço.

O comércio localizado nas quadras que antecedem o Museu de Arte, cada vez mais se caracteriza pela variedade, exceto o espaço já mencionado – o Shopping Show das Fábricas – que como já dissemos, rompe com o que prevalece na Rua, ou seja, as edificações construídas no alinhamento das calçadas e remanescentes das primeiras décadas do início da Sergipe. Diferentemente dos camelódromos, este Shopping, embora pequeno, segue os padrões construtivos dos maiores existentes em Londrina tanto no que se refere aos espaços de circulação, iluminação e no modo mais requintado como as lojas expõem suas mercadorias. Estas, notadamente se destinam aos consumidores de maior poder aquisitivo.

Na quadra do Museu de Arte há uma concentração de comércio informal localizado nas calçadas, formado por carrinhos de lanches e bancas de frutas. Tal concentração se deve ao fluxo intenso de pessoas que chegam ou partem do Terminal de Transporte Urbano e que necessariamente atravessam a Sergipe, ou aos que frequentam a Praça Rocha Pombo. São usuários que pela pressa ou por procurarem o jardim para descanso, preferem comer, a céu aberto, alimentos de preparo rápido e mais baratos.

Neste segundo dia, fomos até a esquina com a Rua Pernambuco, observando que além dos edifícios de apartamentos residenciais – Residencial Tóquio e o Edifício Ohara – existem outros menores e menos verticalizados também construídos por famílias originárias do Japão.

Uma parada no Bazar Ajimura para comprarmos uma chaleira e uma calçadeira, produtos característicos do Bazar, nos mostrou que naquele dia não era nossa primeira informante e seu irmão que atendiam ao público, mas outra filha dos proprietários, o que comprova que o estabelecimento continua a ser um empreendimento familiar.

Precisamos de uma terceira incursão para terminar o trajeto longitudinal da *mancha*, descrevendo os seus usos e apropriações.

O que pudemos observar no trecho da Av. São Paulo até a Av. Higienópolis, porção analisada em nosso terceiro trajeto, é que diminui as vendas por atacado, permanecendo a grande incidência de utensílios domésticos, roupas, sapatos, bolsas, óticas, relojoarias e farmácias e uma maior concentração de restaurantes e lanchonetes.

Entramos na Fuji Center com predomínio de produtos orientais – presentes, comidas e bebidas – cuja proprietária, também de ascendência japonesa, disse que sua loja tem aproximadamente 40 anos. Lembrou que já houve mais casas comerciais de proprietários japoneses na Sergipe, indicando algumas ainda existentes como a Tricolândia, situada ao lado da sua.

Em nossa caminhada, notamos que a *mancha* comercial começa a esmaecer após as Praças Presidente Getúlio Vargas e XV de Novembro, no sentido da Av. Higienópolis, pontos a partir dos quais se torna mais residencial.



## A percepção de *pórticos* na Sergipe

É inegável a sensação de *pórtico* que se experimenta ao chegar ao trecho onde a Sergipe cruza com a Av. Higienópolis. Durante o dia, a percepção é de que não se trata de um lugar vazio ou perigoso que se quer transpor rapidamente, mas de um “lugar fronteiro” que se insinua por meio do tempo e da memória. Não há como chegar a essa avenida sem lembrar a época em que ela abrigou as confortáveis residências burguesas e os palacetes dos fazendeiros do café. Mesmo porque, a menos de cem metros de distância do cruzamento com a Sergipe, encontra-se o Banco Santander, antigo Palacete dos Garcia, a testemunhar, na Higienópolis, os tempos de riqueza do café<sup>15</sup>. Todavia, à noite, por conta das duas praças que sucedem uma a outra, o lugar torna-se vazio provocando no transeunte o desejo de transposição rápida do espaço que assume características liminares.

Do mesmo modo que a *mancha comercial* estudada esmaece a partir do cruzamento da Sergipe com a Av. Higienópolis, seu início que é próximo ao “Cadeião”, prédio no qual o setor onde se localizavam as celas permanece sem uso, suscita lembranças de um tempo em que os transgressores eram encarcerados na Cadeia Pública situada no centro da cidade.

Daí a percepção de que a *mancha* pesquisada inicia com um espaço liminar, no entanto, como parte de um imaginário, resquício do que ficou registrado na memória de alguns antigos moradores, local indesejável à permanência ou visto como perigoso ao *trajeto* das crianças.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Recentemente, em 27 de julho de 2011, o Palacete foi tombado pelo Conselho Estadual do Patrimônio e Artístico (CEPHA), a pedido da família proprietária.

<sup>16</sup> Ver neste mesmo livro o capítulo intitulado “Para além da pedra e cal: histórias e memórias da Rua Sergipe”, sobre as lembranças de ex-moradores da Rua acerca da Cadeia Pública de Londrina.

Durante as observações de campo, em nossos trajetos matutinos, o início da *mancha* não nos produziu a sensação de *pórtico*, a exemplo do alfaiate, quando disse não se incomodar com a antiga cadeia situada à frente de sua casa.

Todavia, o trajeto noturno naquele espaço produz insegurança, como em outros lugares da Rua – incluindo as imediações da Av. Higienópolis – pelo processo de desertificação existente durante a noite.



Diferentes trajetos da *mancha* comercial.

Foto 1: Luiz Fernando Reis, 2011.

Foto 2: Rei Santos, 2012.



Se, por um lado, caminhar à noite na Sergipe pode nos ocasionar insegurança, sentimento que acompanha, hoje, o morador das metrópoles, transitar por ela durante o dia pode despertar o sentimento de confiança na cidade.

Observando seus transeuntes, especialmente os que para lá acorrem atraídos pelas compras, a Rua se revela plural, lugar das diferenças de classe, de gênero e étnico-raciais. Um lugar que, segundo Bauman, seria estratégico para o desenvolvimento da *mixofilia*<sup>17</sup>, isto é, a amizade ao diferente e ao estranho, um aprendizado de como “viver com estrangeiros”, virtudes fundamentais ao convívio citadino.

Pode-se aprender a arte de viver com a diferença, respeitando-a, salvaguardando a diversidade de um e aceitando a diversidade do outro. É possível fazer isso cotidianamente, de modo imperceptível, na cidade. (BAUMAN, 2009, p.89).



Transeuntes na Sergipe  
Foto: Luiz Fernando Reis, 2011.



A Sergipe à noite.  
Foto: Luiz Fernando Reis, 2011.

<sup>17</sup> Segundo Bauman, a mixofilia é o “desejo dos indivíduos de misturar-se com as diferenças”, por exemplo, misturar-se com estrangeiros, é abrir a vida para novas aventuras, como fazer novos amigos, conhecer novos lugares. Diferentemente a mixofobia, é o desejo de não misturar-se, evitando experiências com indivíduos e culturas diferentes, convivendo com preconceito em relação a estrangeiros e a estranhos. (BAUMAN, Id. Ibid, p. 86,87. 2009)

## Os Circuitos Culturais

Pelo Museu de Arte de Londrina passam visitantes que compõem o que podemos chamar de *circuitos*.

O primeiro deles é o de estudantes que buscam também mais dois espaços públicos próximos ao referido Museu, o Museu Histórico de Londrina e o Planetário. Trata-se de um fluxo proveniente de Escolas do Ensino Básico que por lá passa, composto de usuários à procura de informações e atividades artísticas, culturais e científicas. De acordo com o depoimento de Sandra Jóia Diretora do Museu de Arte de Londrina, participam também desse tipo de *circuito*, outros grupos, como trabalhadores do SESC, ONGs, grupos de terceira idade e de Igrejas.



Museu de Arte de Londrina.  
Foto: Luiz Fernando Reis, 2011.

A iniciativa é sempre espontânea, partindo tanto das escolas como das instituições que agendam esse tipo de “giro urbano” que passa e se detém naquele espaço destinado às artes, prosseguindo para os demais lugares culturais.

A existência desses circuitos se deve, em parte, à orientação seguida pelo Museu de Arte que segundo Sandra Jóia, concebe o Museu como instituição viva e dinâmica.

*Olha, o Museu foi criado em 1993 e ele tinha uma característica de galeria, de exposições do acervo permanente com pequenas exposições rotativas.*

*Como eu disse pra vocês, a partir de 2001 nós optamos por um Museu dentro das práticas que a gente tem atualmente. Pelo fato do Museu ser um órgão dinâmico, a sua ação educativa inclui cursos, palestras, oficinas artísticas, visitas monitoradas, encontros com os artistas, lançamento de livros, etc... Então o Museu ao longo desses 10 anos ele teve um trabalho voltado a ações que vão desde a cultura erudita à cultura e arte popular, no sentido de democratização das artes e de valorização desse equipamento de cultura que é um espaço público aberto à comunidade no seu sentido maior de humanização, de sensibilização em Londrina e região. [...] Ultimamente a nossa prática é de um museu vivo onde o foco é a ação educativa. Porque é por meio dessas ações com arte e educação que vamos sensibilizar e formar pessoas pela arte.<sup>18</sup>*

---

<sup>18</sup> Agradecemos a Massaki Oba, Sandra Mara Jóia, Cristiane Gomes Corrêa, Margaret do Carmo Fiorelli, Marcos Alberto da Silva Melo que nos concederam entrevistas e aos homens e mulheres que, trabalhando ou caminhando pela Sergipe, dividiram conosco suas vivências e impressões sobre a Rua.

Sandra Jóia informa como a instituição orienta as crianças em suas visitas guiadas.

*Então a criança ou o grupo que vem ao Museu não vem especificamente para conhecer a parte de exposição. Lógico que é isso que atrai a escola, mas eles não vêm especificamente para colher informações sobre arte, pois nós fazemos questão de falar para essa criança, para esse público, da importância desse prédio, dessa obra arquitetônica que fez de Londrina um marco no cenário internacional. Ela tem contato com a história de um ícone arquitetônico da sua cidade.*

Foi o que ocorreu com o Colégio Pontual que organizou com os alunos do ensino fundamental, no último mês de novembro, o chamado *City Tour* Pontual. Entrevistamos a professora do 4º ano matutino, Cristiane Gomes Corrêa que, segundo seu depoimento, todos os anos a escola realiza o passeio e o Museu de Arte sempre entra no roteiro, assim como a passagem pela Rua Sergipe:

*Nós saímos da escola, fomos ao Museu Histórico, ao Museu de Artes, ali mesmo na Rua Sergipe, que é o centro. Então, a gente acha importante a Rua Sergipe também, porque é uma rua de comércio e os primeiros comércios foram ali. E tem também o Museu de Artes, antiga rodoviária que é ali. Nós fomos também ao Marco Zero e à Rodoviária (atual), nós vimos o relógio do sol e depois desses lugares nós fomos para a Concha Acústica.*

Observe-se que a visita ao Museu de Arte, a princípio, teria o caráter específico de uma atividade voltada para as artes plásticas, acaba se tornando um *circuito* pelo patrimônio ambiental urbano de Londrina.

O segundo é o *circuito* que reúne artistas e estudantes de artes visuais; arquitetos e estudantes

de arquitetura; intelectuais e turistas. Embora este circuito apresente nuances por conta de exposições que se realizam naquele espaço, geralmente tem ligações com outros espaços culturais e de lazer da cidade como: Cine Teatro Ouro Verde, Casa de Cultura, Universidades e Bar Valentino. Trata-se de um *circuito* que assume ares cosmopolitas, em junho, quando se realiza na cidade o Festival Internacional de Londrina (FILO) que reúne grupos de teatro nacionais e internacionais que se apresentam também naquele Museu.

Sobre os alunos e professores de arquitetura e urbanismo, bem como os de história que visitam o MAL, assim se manifesta a Diretora do Museu:

*Tem pessoas, principalmente os estudantes de arquitetura, de história, de engenharia, que vêm visitar o Museu com esse objetivo de conhecer a obra arquitetônica do Vilanova Artigas, porém, a consequência de virem e visitarem a obra também são abrangentes porque eles visitam a obra arquitetônica, conhecem as salas expositivas, a biblioteca especializada em artes, livros de fotografia da arquitetura referente a essa obra e eles acabam sendo nossos visitantes. Então acaba sendo bacana, pois acabam fazendo um trabalho duplo e eu fico assim satisfeita quando eu saio e alguém fala: “Nossa você trabalha naquele Museu, aquele prédio é uma obra de arte”. E aí eu quero enfatizar que desde 2003 nós estamos buscando o projeto de restauro completo do Museu e não é uma maquiagem porque o prédio não pode ficar com uma pintura, com uma correção de ferrugem. O prédio precisa de uma obra completa de restauro. [...] este prédio precisa ser restaurado na sua íntegra, corrigido nos pormenores, cuidado, valorizado, preservado para que as futuras gerações conheçam esse espaço magnífico. (Sandra Jóia)*

Referente à integração do Museu de Arte à Sergipe e à paisagem urbana londrinense, Sandra Jóia diz:

*O que me agrada muito é olhar da minha sala e ver que já não temos aquelas placas horrorosas, aquelas marquises em risco. Muitas coisas estavam escondidas, então com o Projeto “Cidade Limpa” a nossa cidade ganhou. Mesmo que as pessoas, naquele primeiro impacto, não entendam a necessidade, eu acredito que daqui a dois, três anos, nós teremos aqui o cidadão londrinense com o olhar mais sensível à Rua Sergipe, à rua toda sem aquelas placas grandes e aquela poluição visual que atrapalha, a gente sabe. Toda clean, é mais suave é mais harmônico, então eu já vejo aqui a Rua mais harmônica. Quando eu olho esse verde com laranja, palha e marrom eu já penso em harmonia. Aí você vê cores quentes ali em cima – o roxo, o vermelho – e aquilo não destoia daquela cor sossegada. Então, eu falo assim: “A Rua vai ganhar até nessa distribuição das cores frias, das cores quentes, das cores harmônicas”.*

Todavia, os circuitos dos quais o prédio projetado por Artigas é parte constitutiva nem sempre reúnem somente seus frequentadores habituais. Há um evento, a Festa Nordestina, que atrai para o Museu também pessoas de vários segmentos sociais, em especial, os nordestinos, seus descendentes e os apreciadores da música, da comida, da bebida e do artesanato daquela região. Essa festa ocorre no segundo semestre de cada ano, e a última ocorreu entre os dias 22 e 25 de setembro de 2011, sob os arcos de Artigas, atraindo para o pátio do Museu um público bastante diversificado e plural, trazendo à memória lampejos do antigo uso da Rodoviária.

Também com o objetivo de democratizar a frequência na instituição e integrá-la à Rua Sergipe, Sandra Jóia discorre sobre um dos seus projetos, intitulado “Sábado tem arte no Museu”.

*[...] que consiste em trazer a Banda de Músicos de Londrina para uma apresentação musical aqui fora, no gramado, na entrada principal. E nessa entrada principal, a gente convida um artista plástico com seis a oito trabalhos, conforme o tamanho dessas obras, para que a gente faça uma pequena mostra na entrada principal do Museu com a Banda apresentando, para a comunidade, MPB e repertórios especiais. Esse projeto visa integração do público transeunte da Sergipe, no sábado de manhã, que vem a passeio, a pagamento de suas contas, aos bancos ou que vem mesmo passear, “à toa”. Com esse projeto, a gente visa integração desse público transeunte para que tenha um olhar especial do Museu não só como um espaço para abrigar obras de arte, mas um espaço arquitetônico e histórico também. E tem surtido efeito, pois nossa visita aos sábados aumentou bastante com esse projeto [...]. Nós temos que fazer com que o cidadão olhe para o Museu, olhe para a sua cidade com gratidão porque são poucos os municípios do Paraná que são privilegiados em ter os seus museus de História, de Artes, de Ciência e Tecnologia, de Biologia, da Viação Garcia, da Infraero, a Casa de Memória Madre Leônia, a Sala e Capela Histórica do Colégio Mãe de Deus, o Museu da Sociedade Rural.*

A leitura que Sandra Jóia faz da Sergipe é de um logradouro conectado, por meio do Museu de Arte, a um *circuito de museus* e espaços institucionais de memória existentes na cidade.

Com o objetivo de entender melhor um desses *circuitos*, decidimos observar *de perto e de dentro* a vernissage das obras de um artista plástico de Londrina.

No dia 27 de novembro de 2011 estivemos na abertura da exposição e lançamento do livro *Jeolás: Transfigurações poéticas ou a pintura pela pintura*, que ocorreu naquele espaço de arte. Trata-se, como o título do livro sugere, de uma homenagem à memória do artista plástico e médico Luis Carlos Jeolás, um dos fundadores do Curso de Medicina, anterior à criação da Universidade Estadual de Londrina.

Chegamos pontualmente às 10h, horário marcado para início do lançamento, adentrando pelos portões da Rua São Paulo que dão acesso às antigas plataformas de embarque da então rodoviária, cobertas pelos arcos projetados por Artigas.

O ambiente era de um acontecimento festivo cujas cores, movimentos e sons denotavam delicadeza e sensibilidade de quem o preparara, revelando cuidado especial com a exposição das obras, sem qualquer intervenção que pudesse interferir na linguagem dos quadros ou do interior do prédio, uma vez que este já é uma obra de arte que fala por si.

Os trabalhos do autor e a edificação tombada pelo CEPHA, mais os convidados que lá se encontravam, imprimiam um clima especial à manhã de domingo na Rua Sergipe. O público que para lá acorreu era formado de artistas plásticos, músicos, profissionais da mídia, de editoração, professores e pesquisadores de instituições de ensino superior, estudantes entre outros.

Todavia nada excedia a finalidade pela qual o Museu abriu suas portas naquela manhã de domingo mesmo porque os trabalhos reunidos intrigavam o olhar do visitante.

Andar pelas galerias com as obras expostas do autor significou viver o desafio de decifrar figuras nem sempre bem definidas, cores ora vivas e fortes, ora escurecidas. Imagens delicadas de cenas infantis, algumas bizarras, outras do ambiente médico e cirúrgico, enfim uma linguagem a decifrar.

As conversas que ouvíamos eram animadas pela certeza de que a reunião para muitos dos presentes continuaria, à noite, no Bar Valentino, com show organizado especificamente para o evento.

Andar pelas rampas que ligam os pisos do Museu, mesmo observando as obras artísticas, ficava-se sujeito às lembranças do passado, voltando à memória sons de movimentos de viajantes e comboios que chegavam ou partiam de Londrina.

Do interior do Museu, nesse dia, via-se a Rua Sergipe, de um ponto de observação que, embora fosse o mesmo de onde sempre partíamos para os *trajetos* de pesquisa de campo, mostrava-se diferente do ambiente a que já nos havíamos acostumados, isto é, com pouco público e com apenas algumas obras permanentes expostas. O Museu, antiga porta de entrada da cidade, naquela manhã, abrigando muitos visitantes, parecia uma vitrine com função invertida. Agora não se tratava mais de observar a edificação notável a partir da Rua densamente ocupada por transeuntes, mas, ao contrário, de dentro do próprio edifício – através de suas paredes transparentes de vidro –, olhar a pacata Sergipe em manhã de domingo, como se fosse o deserto a que se referiu a funcionária do Museu de Arte com quem conversamos.



## **SELETO: o Lugar da Pausa**

Ao iniciarmos o trabalho de campo, uma pergunta recorrente se colocava aos pesquisadores do IPAC: “Existe um *pedaço* na Sergipe?” Foi com esta interrogação que observamos o Bar Seletto. Sabíamos que não se tratava de um lugar que pudesse ser compreendido como uma extensão do mundo privado, perpassado por redes de sociabilidades baseadas em laços de parentesco e vizinhança uma vez que estas são características de *pedaços* existentes em bairros residenciais, em especial nas pequenas cidades do interior ou em bairros periféricos de cidades médias e das metrópoles.

Pelas lembranças de ex-moradores que residiram durante a infância na Rua, esse tipo de *pedaço* existiu nos primeiros tempos, quando o logradouro apresentava ocupação mista em suas edificações, comércio na frente e residência nos fundos ou no piso superior.

Diante das mudanças pelas quais passou a Sergipe, nossa curiosidade não era perceber se ela seria, como um todo, um *pedaço*, mas se existia, hoje, na porção investigada um ou mais pontos de encontro que pudessem caracterizar um pedaço dentro da *mancha*.

O que nos perguntávamos incessantemente é se o Seletto seria esse ponto de encontro com freqüentadores habituais que se reconhecem e se identificam como portadores de símbolos e códigos que se referem a procedência, gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes que acabam por revelar um modo de ser e de agir na cidade.

Essa questão fez com que o Seletto se tornasse um lugar de parada obrigatória em nossos *trajetos*, *lugar de pausa* durante o processo de observação da Rua.

O Bar Seletto, de propriedade de descendentes japoneses, é um local de fluxo constante de freqüentadores. Segundo um de seus proprietários, o bar existe a aproximadamente 60 anos, desde que o pai iniciou o negócio. É um local conhecido na cidade, por oferecer o consumo de *pasteis e vitaminas*, a exemplo do bar vizinho – a Pastelaria Londrina – que tem essa “*dobradinha*” famosa.

Quem freqüenta a Sergipe provavelmente já parou no Seletto, pois além do pastel e da vitamina, ainda podem ser consumidos outros salgados, café, refrigerantes, cerveja e bebidas em geral. Ele se encontra num ponto estratégico da Rua, localizado em frente ao Camelódromo, sendo possível se sentar às mesas do lado de fora do estabelecimento, no final do dia e no sábado à tarde.

O Bar mantém uma autonomia relativa à lógica do horário de comércio, se diferenciando de outros bares e lanchonetes. De tal modo, que o Seletto abre as 7h00min, enquanto a maioria do comércio abre as 9h00min e só fecha as 20h00min. Assim, é um ponto onde as pessoas param para tomar o café da manhã, antes do trabalho; buscam o cafezinho durante as pequenas pausas para as conversas de negócio; e depois do trabalho, o aperitivo ou a cerveja como momento de lazer.

Há um fluxo grande de clientes, mesmo aos sábados à tarde quando as lojas do logradouro e de todo o centro da cidade estão fechadas.

O grupo do IPAC procurou compreender o cotidiano do Seletto, analisando as possíveis redes de sociabilidade ali existentes. Assim, observou que além de comerciantes e trabalhadores da região da Sergipe, também frequentam o bar alguns transeuntes; mães, pais e seus filhos. Encontramos também comerciantes de outras cidades, como uma descendente de japoneses, com quem conversamos, residente na cidade de Bandeirantes e que vem regularmente à Sergipe a trabalho, tomando lanche no Seletto.

Em uma de nossas incursões ao Bar Seletto, nos propusemos registrar, em minúcias, como se dá o uso e apropriação desse espaço.

O intenso movimento de pessoas, logo chama a atenção de quem chega. Percebe-se a existência de três setores. O primeiro deles, no sentido de quem entra pela Sergipe, localiza-se aos fundos, é onde se serve o café, o pingado, os sanduíches e o pão com manteiga na chapa.

Trata-se de um espaço em que o proprietário prepara os lanches e serve o balcão. O acesso mais fácil a esse setor é pela Rua Mato Grosso o que lhe dá uma posição estratégica em relação aos frequentadores e trabalhadores do Camelódromo, bem como aos transeuntes oriundos da Rua Maranhão, continuidade do Calçadão, antiga Av. Paraná, uma das principais artérias do centro de Londrina, que ao longo de sua história tem função comercial como também de lazer.

Olhar o Seletto por essa perspectiva é admitir que, na verdade, trata-se de um bar de esquina, embora seja mais conhecido na cidade como um estabelecimento da Sergipe.

Próximo ao balcão da chapa e dos lanches, o caixa é comandado pela irmã do proprietário, sua sócia, que conta com a ajuda de um senhor de meia idade. Atrás do caixa ficam os *freetzers* com refrigerantes e bebidas.

Contíguo ao caixa tem-se o segundo setor, o balcão dos sucos, e vitaminas, na forma de um “L”, uma vez que o lado maior dá para o espaço interior e o menor constitui face com a Sergipe, muito próximo à porta o que possibilita aos mais apressados a se servirem ali mesmo, durante breve parada, e continuar o seu trajeto. De modo geral os usuários que não querem permanecer por muito tempo no bar, preferem se servir nesse balcão.

O terceiro setor é o lugar de fritura dos pastéis e outros salgados, situado em frente ao balcão dos sucos e vitaminas.

Essa geografia do bar indica que adentrar no Seletto pela Sergipe, tem-se acesso, num primeiro plano aos salgados, sucos, vitaminas, refrigerantes e bebidas, e, apenas num segundo plano, aos fundos, num nível mais elevado, o acesso ao café, pães e sanduíches.

No espaço central, entre os três setores, estão as mesas para os que permanecem mais tempo no bar, consumindo lanches ou bebidas.

Os empregados distribuídos pelos três setores também circulam pelo espaço central atendendo ao público que é bastante diverso. A maioria aparentando ser do comércio que circunda o Bar toma o café puro, nos momentos de pausa do trabalho. Há os que tomam o café da manhã à base de pão com manteiga e pingado como nas padarias.



De modo geral, o tempo de permanência dos frequentadores não é longo. A maioria permanece de dez a quinze minutos no Bar. Os que buscam os balcões constituem maioria em relação aos que se sentam às mesas.

Os balconistas demonstram ter ligações duradouras com o bar, sendo que um deles disse trabalhar há oito anos no Seletto. Ao servirem, demonstram descontração e familiaridade quando se dirigem aos frequentadores habituais.

Um dos frequentadores do Bar atribui o seu grande movimento à proximidade em relação ao Camelódromo com suas centenas de lojas comerciais, e que tanto os que lá trabalham como os que lá compram procuram o Seletto pela qualidade dos salgados e vitaminas. Disse que o Bar atende uma clientela regional que busca a Sergipe para suas compras. “A Sergipe é como São Paulo para o pessoal da região, é para fazer compras”.

Sobre as sociabilidades no Seletto, ouvimos a opinião da filha do proprietário da Farmácia Estrela, uma das mais antigas de Londrina, situada em frente ao Bar. Disse que muitos comerciantes se encontram no local onde tomam café ou lanche. Falou, também, que fora do território da Rua ninguém se reúne. Avaliou que “se existe algum ponto de encontro entre os que trabalham na Sergipe, o local é o Bar Seletto”.

Parece existir no Seletto um padrão de convívio criado ao longo do tempo que consiste em vivenciar o Bar como um espaço plural, diverso e democrático. Os muitos frequentadores acorrem ao Bar, motivados por diferentes interesses: pausa para o trabalho, tom menos formal para as conversas de negócio, lugar de pausa durante as compras ou após a viagem em busca do comércio de Londrina.

Como entrar no Seletto significou para o grupo do IPAC um momento de parada obrigatória durante o processo de observação em campo e como muitos de seus frequentadores procuram aquele espaço como instante de interrupção de seus afazeres na Rua, podemos dizer que se há uma denominação aos vários usos e interesses comuns que levam seus frequentadores ao Seletto, a expressão que o define é o *lugar da pausa*.



Bar Seletto, esquina das Ruas Mato Grosso com Sergipe.  
Fotos: Rei Santos, 2012

## Entre a Casa e a Rua

Outra questão recorrente que se instalou entre os pesquisadores do IPAC dizia respeito a como os moradores da Sergipe vivenciam o logradouro. Haveria a possibilidade de existência de um pedaço ou pedaços formados pelas sociabilidades vivenciadas por seus moradores?

Mais uma vez nos dispusemos a “olhar de perto” a Rua em busca de identificar um pedaço que apresentasse as características da primeira definição de Magnani, ou seja, buscar as “situações de vizinhança”, “o lugar dos colegas, dos chegados”, relações entre indivíduos que permitissem compreender uma dinâmica social muito particular.

Desse modo, entrevistamos também atuais moradores como a senhora Margaret do Carmo Fiorelli, professora aposentada, com 65 anos de idade e moradora do Edifício Tóquio.

Em sua fala, descrevendo o seu dia a dia, indica vivenciar uma micro-rede de sociabilidade baseada num tipo de companheirismo habitual.

*[...] Mas eu achei que aqui, a preocupação parte até mesmo dos serviços e do síndico. Faz trinta ou quarenta anos que ele é síndico aqui, então eu notei um aconchego, [...] mais próximo de uma cidade pequena, seria assim. Se eu sei que a minha vizinha está triste, até falo: “Eu deixo a minha porta aberta, qualquer coisa você corre, né?”.*

Como se pode observar, nossa entrevistada revela identidade com os moradores do condomínio onde reside. Quando indagada sobre como é sua relação com os vizinhos, responde:

*Eu creio que muito bem, num sentido assim bem urbano. Quando eu falo urbano é diferenciado de quando eu morava em Marília, no meu tempo antigo, e em Primeiro de Maio. De você freqüentar a casa de um, levar docinho para o outro e depois o outro retribui. Aqui não dá nem tempo, dadas as circunstâncias. Mas eu acho que é bastante carinhoso, ainda ontem nós fomos ver a queima de fogos (de Natal) todos juntos aqui no mesmo bloco. [...] a gente viu tudo ali da janelinha que é privilegiada. Enxergamos tudo ali da janela do corredor.*

*Somos bem assim, se uma vizinha sabe que eu estou doente, se eu precisar de alguma coisa, ela interfona. [...] Então eu notei que para ser amiga, você não precisa invadir a privacidade do vizinho, mas sim estar à disposição dele. Acho que ai é a tônica do condomínio, deve ser essa. [...] Aqui no Tóquio, eu adorei mudar-me, pelo seguinte: nós temos uma portaria dia e noite com porteiros e com zeladores que são antigos na casa, é igual uma família. A dona Maria é uma irmã, a nossa zeladora, pra mim. Às vezes ela sabe que eu não estou muito bem ela vem arruma minha cozinha, me dá um abraço, eu dou um docinho pra ela. O síndico é maravilhoso também, seu Ubirajara, o Bira, é bem enérgico, ele é disciplinador, mas é muito humano, muito bacana mesmo, né. Então é um condomínio assim, gostoso de morar. (Margaret Fiorelli)*

Além de estabelecer relações de vizinhança com os moradores do prédio e de amizades com o pessoal de serviços, Margaret considera a Rua segura e mesmo o barulho não a incomoda.

*A princípio, como eu te falei, foi de temeridade. Até, quando eu fui comprar aqui, o meu genro falou: “Olha sogra, precisa ver certinho”, porque eu não tinha um marido na época, foi antes do meu segundo casamento. Ele falou: “Sogra a senhora precisa tomar cuidado porque é mal freqüentada essa rua...” Você sabe que tinha essa fama, né? Daí eu comecei a perguntar, vim conversar com*

*o síndico, daí ele falou: “Foi moralizada. [...] essas arruaças que tinha agora infelizmente foi para a via Leste Oeste, não devia nem ter em nenhum lugar, mas aqui na Rua Sergipe a senhora pode ficar tranqüila porque não tem”. E de fato, depois desse primeiro temor, eu constatei logo em 1997 que eu vim pra cá, que de fato a rua é tranqüila. Quer dizer, não é tranqüila na hora do “vuco-vuco” aí do comércio, agora na época de Natal. Mas é gostoso, eu gosto desse corre-corre. E é uma relação de amor.*

A professora aposentada frequenta a Sergipe, em especial o Shopping Show das Fábricas, situado em frente ao seu prédio, e a Farmácia Estrela, a menos de duas quadras de onde reside. Quando indagada sobre o que mais gostava da Rua, disse:

*A opção de nós podermos usufruir do comércio, nós temos aqui um mini shopping, shopping das fábricas, restaurantes próximos, temos tudo aqui, farmácia na esquina. É igual uma grande família, a farmácia também já me conhece apesar de que é na esquina, se eu to atrapalhada eu ligo e eles vêm correndo trazer o remédio, medir minha pressão. Então eu amo a Rua Sergipe por causa disso também. (Margaret Fiorelli)*

Quando se refere ao *shopping*, a impressão que se tem é de uma extensão do seu apartamento, do seu mundo privado, pois como diz: “o shoppingzinho em frente, que tem uma lanchonetezinha, às vezes eu to sozinha eu tomo até café ali, uma delícia”.

Sugere que na Sergipe é possível vivenciar relações de amizade.

*[...] conheço bastante gente aqui também do shoppingzinho. Tem mais lojas, também ai, andando pela Sergipe até chegar perto da Higienópolis, lugares aonde eu vou e já sou conhecida, já tenho alguns amigos.*

Disse também ver as exposições do Museu de Arte.

*Olha! Eu gosto deste shoppingzinho aqui em frente [...] ainda é um dos lugares que eu mais gosto além do Museu de Artes aqui ao lado que oferece bastantes opções de lazer e de entretenimento. Que mais?*

*Ah! Sim, costumo ir aqui ao lado quando tem as festas nordestinas, as exposições e pinacotecas. Até meu neto, quando estudava na escola chamada Superinterativa, eles expunham [...] os alunos. Ah! Super bonitinho, eu ia prestigiar também.*

O barulho e a agitação do comércio não parecem perturbar o dia a dia de Margaret que faz uma descrição de como na Sergipe existe outra rua, quando a artéria comercial que pulsa durante o dia se aquieta durante a noite.

*Eu falei, (a Sergipe) deve ser um barulho ensurdecador, mas era o que tinha para me oferecer dentro das minhas posses, para que eu comprasse. Então eu arrisquei e gostei. O diferencial é que é um silêncio absoluto na hora que fecha o comércio, em dias de feriados também, parece que você está até num sítio porque você não escuta viva alma.*

*É um paradoxo, né? Porque quando o comércio se fecha após as 18 horas e também nos feriados, parece uma cidade fantasma. Como é mais comércio e tem poucos prédios com residência – o nosso, o Ohara e o Salmen –, então são poucos prédios, então é bem assim tranqüilo. E é engraçado e a gente nota isso mesmo, aquela paradeira. Mas é bom porque é o equilíbrio.*

Margaret aprova a *Lei Cidade Limpa* responsável pela regulamentação da propaganda e do uso de placas e outdoors.

*Ainda mais agora que estão falando em revitalizar a Sergipe e até uma das coisas que eu achei que o (Prefeito) Barbosa fez foi essa limpeza ai das fachadas, revitalizando o centro histórico, né? Nós saímos perdendo até porque aqui nas costas do Tóquio tinha uma propaganda de cerveja, era bem discreta, mas tivemos que tirar também, era um rendimento de uns R\$2.500 para o condomínio. Então para nós condôminos era muito bom, mas em prol da beleza da cidade, igual meu síndico falou: “Enquanto nós pudemos usufruir foi bom, foi bom enquanto durou”.*

Considera a sua Rua uma referência para a memória e a história de Londrina. Compara a porção onde mora à Rua 25 de Março de São Paulo, enquanto a Rua Santos de Londrina, situada no bairro Higienópolis e que é perpendicular à Sergipe, compara-a à Rua Oscar Freire também de São Paulo.

*Uma artéria importantíssima na construção da cidade, uma artéria histórica. Na Rua Sergipe aqui, eu conversei com alguns pioneiros – eu não sou, porque sou marilense –, cheguei aqui em 1983, peguei o bonde andando. Mas pelo que eu ouço falar, aqui era onde se viam os negócios, aqui até ali no “relôjo”<sup>19</sup>. Ali era o ponto das transações do café, que era o Eldorado de Londrina, o ouro de Londrina era o café, o que moveu tudo. E a Rua Sergipe era esse foco, depois se tornou mesmo uma rua com comércio, tipo uma Rua 25 de Março, já ouviu falar, não é? Não é uma Oscar Freire, que pra nós é a Rua Santos, mas é uma 25 de Março mais elegante, creio eu. E agora com essa preocupação de revitalização, ela está ganhando novos ares, mantendo ou reacendendo aquela chama de, como se fala, como fundamento histórico, de memória da cidade. Londrina é tão nova, 77 anos, mas já é uma velha, uma senhora idosinha, ela tem que ter a sua história preservada. E a Rua Sergipe é de fato uma artéria foco.*

---

<sup>19</sup> Refere-se ao relógio que existe no topo do prédio onde foi o Banco América – situado à Rua Rio de Janeiro com Av. Paraná, esquina muito próxima ao Edifício Tóquio –, um equipamento urbano já incorporado ao cotidiano e à memória dos londrinenses.

É interessante comparar as percepções de Marcos Alberto da Silva Melo, estudante universitário e morador do Edifício Ohara, com as de Margaret. Para ele, diferentemente dela, a relação com os vizinhos é avaliada como distante e as reuniões de condôminos um campo de disputas políticas.

*Então eu participo das reuniões de condomínio e quero deixar registrado que eu não gosto! Não é legal! Não, assim [...] é divertido. Como aqui é o terceiro prédio, se eu não me engano, é o terceiro prédio da cidade, tem casa aqui desde que inaugurou o prédio, então a gente tá falando de uma galera assim, de certa idade. Ah! Enfim, não tem muita relação diária, sabe? Mas as relações políticas são exercidas aqui. (Marcos Melo)*

Marcos considera a região em que mora barulhenta, mas de modo semelhante à Margaret reconhece o quanto se torna tranqüila aos finais de semana.

*Então, assim é muita bagunça desde cedo, até por volta de umas 11 horas da noite. Mas domingo, por exemplo, nem parece que eu moro no centro da cidade, sabe? Nem parece que é a mesma Rua. Bem quieto! Nossa! Quase nada! Meio “velho-oeste” assim... Sei lá, acho que a sensação de morar aqui é... É assim, de dia de semana to numa cidade grande, de final de semana to no interior, na roça.*

Avalia que o Edifício Ohara está localizado num ponto ora seguro, ora perigoso, uma vez que fica na confluência da Rua Prof. João Cândido com a Sergipe e aponta a existência de saídas que levam ao terminal de ônibus urbanos e à Via Expressa Leste Oeste como possíveis caminhos para a fuga de transgressores.

*À noite eu acho muito mais seguro. A questão de ter a joalheria, porque tem muita câmara ali e todo mundo sabe e é muito bem iluminado. Então aqui no quarteirão que eu moro, nossa! Vai ser quase impossível alguém tentar alguma coisa contra você. Mas, a proximidade ali com o calçadão, proximidade com a Leste Oeste, e por ser uma rua comercial também, tem muita via de saída pra quem quer fazer coisa errada, tipo assaltar um lugar. Tem muita via de saída aqui, qualquer lugar que ele correr ele pode estar fora do centro, rápido.*

É bastante interessante como se refere à portaria do seu prédio, levando-nos a pensar que morar em apartamentos na Sergipe é algo que passa por despercebido aos transeuntes.

*Eu já prestei atenção de estar na fila da lotérica e a galera nem percebe que tem a porta do meu condomínio. Parece que só a galera que mora aqui sabe que tem aquela porta ali. As pessoas vão passando o dia todo ali, nem olham e nem nada. É meio estranho a galera esquecer que tem morador [...]*

Apesar de sua leitura ser menos favorável do que a feita por Margaret, no geral, revela uma avaliação positiva do logradouro, indicando encontrar na Sergipe o que precisa e manter relações sociais fugazes com porteiros do seu condomínio e comerciantes do entorno.

*Então, eu tenho relação com a galera de uma loja que é onde eu recarrego o telefone de casa que é fixo, mas é pré-pago. Então, sempre que eu vou lá eu converso um pouquinho, com os chineses da lanchonete do outro lado da rua que eu faço uns lanches lá que é mais barato e mais gostoso. Com os porteiros, todos os dois! Mais com o seu José. Acho que com vizinhança tem uma relação que não é muito [...] nem formal nem informal. Tem um estúdio de tatuagem que eu também acho que é estúdio de música, então todo fim de tarde tem alguém ensaiando. Mas eu acho que é só da mesma*

*banda, entendeu? Então fim de tarde eu sempre to curtindo um som, e é feito na Rua Sergipe, né? É legal isso aí!... Todo fim de tarde! E aí, mais relação assim com essas pessoas mesmo. E o restaurante “Come-Come” que tem marmitex bem barato, então eu vou lá e sempre compro um marmitex e uma tubaina. E aí eles me conhecem. [...] eu não frequento muita loja pra comprar e quando eu frequento é “velho-oeste”. Assim, você chega e pronto já sabe o que quer e sai andando. Então eu acabo não frequentando, nem o Camelódromo. (Marcos Melo)*

Embora não admita claramente manter uma rede de sociabilidade com moradores e comerciantes do entorno, denota familiaridade e mesmo certa intimidade com a Rua.

*Quanto aos benefícios mesmo é estar perto de tudo. Se quiser comer, quiser comprar, qualquer coisa, aqui em volta, no meu quarteirão especificamente, se juntar a João Candido, a Pernambuco, a Benjamin e a Sergipe, eu tenho tudo, desde papelaria até boteco. Sem sair do meu quarteirão, né.*

*Ah! E uma relação também que eu tenho com ela, eu saio com roupa que eu estou dormindo às vezes, eu esqueço que a Rua é movimentada. Então, eu tô com uma camiseta “zuada”, uma bermuda “zuada” e desço na Sergipe pra ir até o restaurante. Eu tô no meu quarteirão, mas parece que eu sou um ET, sabe? Porque hora do almoço [...] então todo mundo tá vestido pra trabalhar, fazer as coisas sérias da vida aí, e eu com aquelas roupas de dormir toda furada. (Marcos Melo)*

Diante das representações dos dois moradores entrevistados, vislumbra-se a existência de pequenos pedaços na Sergipe que poderíamos chamar de espaços privados que se espraiam por um espaço público restrito.

No caso do Edifício Ohara, pelos trajetos e lugares vivenciados por Marcos, o seu entorno – cortado por ainda um maior fluxo de pessoas,



automóveis e ônibus do que nas imediações do Edifício Tóquio – parece menos propício à formação de pedaço mesmo porque o estudante mora com o irmão, longe dos pais, o que pode dificultar o estabelecimento de laços mais estreitos com vizinhos e moradores mais velhos do condomínio.

O Tóquio, pelas redes de sociabilidade vivenciadas por Margaret a partir do seu apartamento, se estendendo pelo edifício e pelo entorno formado pelo Shopping Show das Fábricas, as lanchonetes informais, A Farmácia Estrela e o Museu de Arte indicam que os usos e apropriações de quem mora na Sergipe oferecem uma leitura do logradouro bastante surpreendente. É como se *pedaços* formados a quarenta ou cinquenta anos atrás se mantivessem e se renovassem na Rua, a ela se adaptando. Contudo, permanecem lá velados por outros usos, sociabilidades e códigos mais densos pertencentes à *mancha* comercial, estes sim mais aparentes ao observador do que o modo de vida diáfano e quase invisível dos que ainda residem no logradouro.



Rua Sergipe em três períodos: segunda à tarde, sábado à tarde e segunda à noite.  
Fotos: Luiz Fernando Reis, 2011.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista da pesquisa de campo, a Rua Sergipe nos fez pensar categorias nativas que talvez possam ser complementares à família de categorias apresentadas por Magnani. Durante a interpretação dos diários de campo, formulamos as expressões *matizes*: porções identificáveis na *mancha*; *nuances*: pequenas diferenças que compõem os circuitos; *lugar de pausa*: local em que o *trajeto* é interrompido e que apresenta características de pedaço entendido como existência de símbolos e códigos que se referem a gostos, orientações, valores e hábitos de consumo; pedaços *intermediários*: onde se estabelecem sociabilidades que nascem no mundo da casa e se espraiam por espaços públicos restritos<sup>20</sup> do centro da cidade.

Como já dissemos este trabalho não tem a pretensão de esgotar a compreensão da Sergipe, mas de realizar uma *descrição densa* da mesma com o objetivo de suscitar a curiosidade dos que vivenciam a urbe. Se este texto for compreendido como um convite aos que gostam de *flanar* pelas cidades e estabelecer com elas uma relação amigável, já nos sentimos recompensados.

Tentamos ainda, perscrutar “além das fachadas”<sup>21</sup>. A possibilidade de existência de pedaços como espaços intermediários entre o privado e o público, entre a casa e a rua em região central, aponta para a necessidade de aproximar mais o olhar das sociabilidades vividas pelos que habitam os poucos prédios de apartamentos existentes na porção pesquisada. Aproximação que exigiria um maior número de entrevistas e depoimentos, o que certamente resultaria em avanço na interpretação que fizemos.

Mas esta é uma leitura que requer novas abordagens e novos *trajetos* pela *Rua de todas as compras*.

---

Essa noção de espaço público restrito foi usada pela primeira vez por Deise Maia em pesquisa realizada no bairro londrinense Vila Casoni. MAIA, D. Abaixo da linha. Casoni: uma vila da cidade Londrina. USP, 1993.

---

<sup>21</sup> Peter Berger emprega esta expressão como uma das características da “sociologia como forma de consciência”, um atributo indispensável ao metier do sociólogo. Aponta como relevante a capacidade que o profissional das ciências sociais deve ter de buscar o que há “por de trás das fachadas” e da aparência das estruturas sociais. Neste trabalho, usamos a expressão apenas como a metáfora descrita por Berger que consiste em olhar por trás das fachadas das casas que compõem uma rua, no sentido de se interrogar a respeito de uma esfera de vida privada que permanece escondida. (BERGER, 1986, p.41,42).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERGER, Peter. **Perspectivas Sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GEERTZ, Clifford. **Local Knowledge**. Nova York: Basic Books, 1983.

GURVITCH, Georg. Fenômeno micro e macro-sociológicos. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

JEOLÁS, Nenê. **Jeolás**: transfigurações poéticas ou pintura pela pintura. Londrina: Edição do Autor, 2011.

MAGALHÃES, L. H. & MORAES, V. (Org.) **A construção de políticas patrimoniais em cidades novas**. Londrina: Ed Unifil, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e De Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Jun. 2002, v.17, n.49. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 10/01/2012, às 16h31m.

MAIA, Deise. **Abaixo da linha. Casoni: uma vila da cidade Londrina**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) USP, São Paulo, 1993.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

SILVA, William Ribeiro. A Redefinição da Centralidade em Cidades Médias. Londrina e Maringá no Contexto da Reestruturação Urbana e Regional. In: **Anais...** Colóquio Internacional de Geocrítica, 10. Barcelona: Universidade de Barcelona, 26-30 de maio de 2008. Disponível em: [www.ub.edu/geocrit/-xcol/37.htm](http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/37.htm). Acesso em: 16/01/2012, às 11h29m.

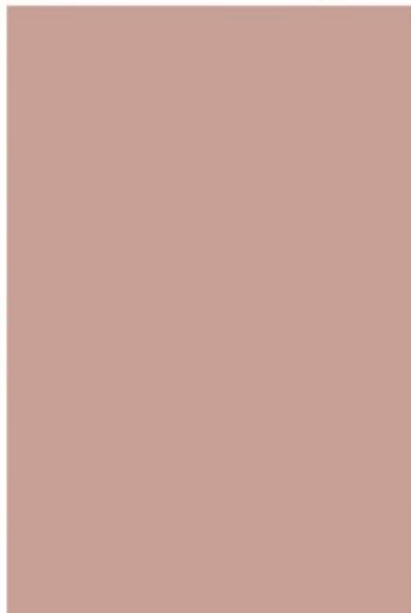
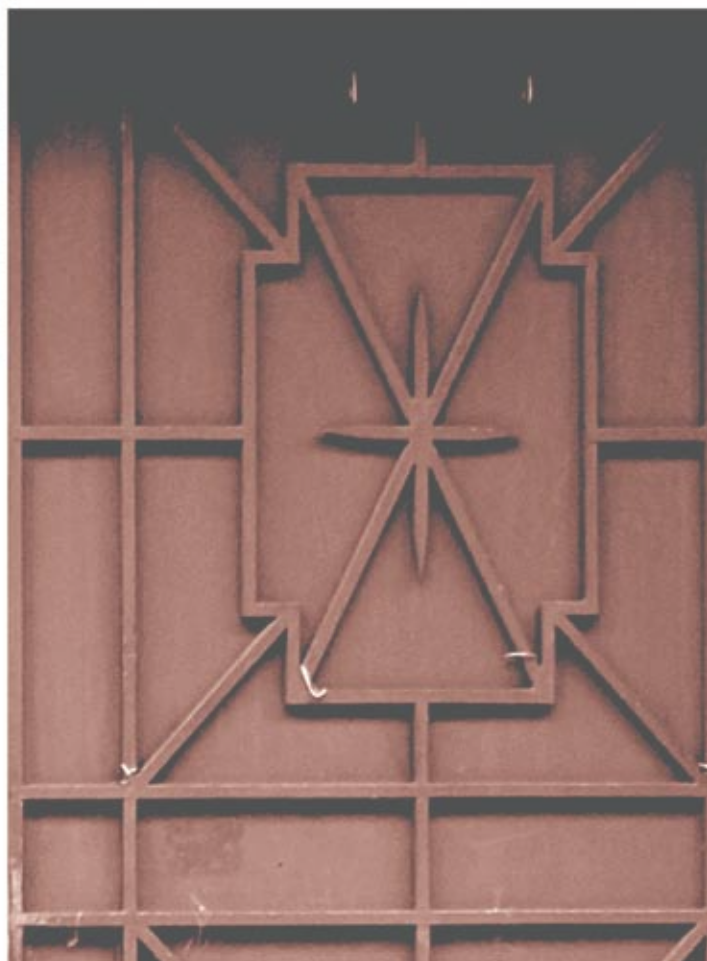
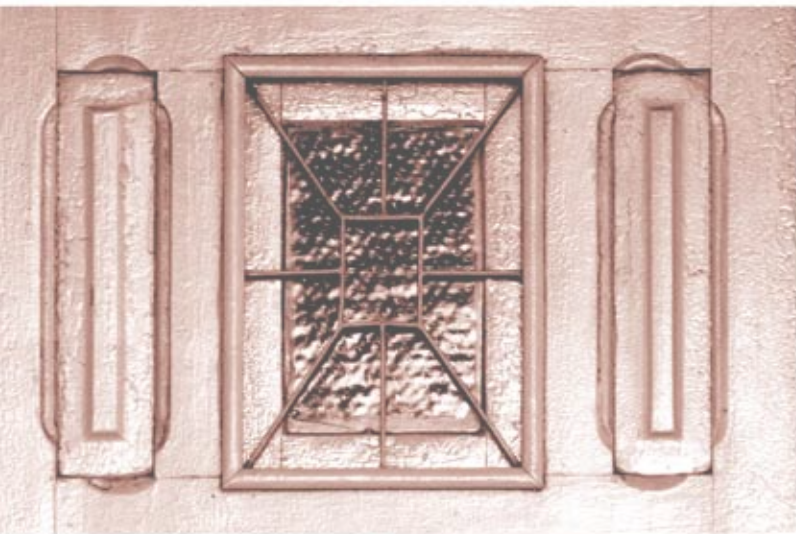


### **Conselho Editorial - Unifil**

Prof. Ms. Luís Marcelo Martins  
Prof.<sup>a</sup> Ph.D. Luciana Grange  
Prof. Ms. Ivan Prado Junior  
Prof. Dr. João Antônio Cyrino Zequi  
Prof. Ms. Henrique Afonso Pipolo  
Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Suhaila Mahmoud Smaili Santos  
Prof.<sup>a</sup> Esp. Ilvili Werner  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Máira Salomão Fortes  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Marta Regina Furlan de Oliveira  
Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Denise Hernandes Tinoco  
Prof. Ms. Sérgio Akio Tanaka  
Prof. Ms. José Martins Trigueiro Neto  
Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Damares T. Biazin - Presidente

---

**Coordenador - Conselho Editorial**  
Prof. Dr. Leandro Henrique Magalhães





Ao Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC-Lda), coube, neste livro, abordar uma leitura do passado a partir do presente, feita por ex-moradores da Rua Sergipe. Lembranças pessoais relacionadas a indivíduos, grupos, datas e “pedaços” do logradouro que constituem para eles quadros de referência de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990).

Coube também interpretá-la como patrimônio imaterial londrinense, uma mancha comercial da cidade, atravessada por trajetos e circuitos (MAGNANI, 2002) que lhe conferem dinâmica própria. Desse modo, o grupo de pesquisadores do IPAC, por meio da pesquisa de campo, também realizou seus trajetos pelo logradouro, observando seus transeuntes, entrevistando os que lá trabalham, colhendo depoimentos de moradores.

Falando pelos pesquisadores “[...] este trabalho não tem a pretensão de esgotar a compreensão da Sergipe, mas de realizar uma descrição densa da mesma com o objetivo de suscitar a curiosidade dos que vivenciam a urbe. Se este texto for compreendido como um convite aos que gostam de flunar pelas cidades e estabelecer com elas uma relação amigável, já nos sentimos recompensados.”

**Ana Cleide Chiarotti Cesário**

Pesquisadora do Inventário e Proteção do  
Acervo Cultural de Londrina. (IPAC-Lda)  
Universidade Estadual de Londrina.

Patrocínio



Programa Municipal de Incentivo à Cultura

Realização



Apoio

